Universidade de São Paulo
Museu de Arqueologia e Etnologia
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia

A Tradição Tupiguarani na Bacia do Alto Tocantins

Rute de Lima Pontim

São Paulo
2011

Universidade de São Paulo
Museu de Arqueologia e Etnologia
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia

Rute de Lima Pontim

A Tradição Tupiguarani na Bacia do Alto Tocantins

Tese Revisada

São Paulo
2011

Rute de Lima Pontim

A Tradição Tupiguarani na Bacia do Alto Tocantins

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Arqueologia.

Linha de Pesquisa: Espaço, Sociedade e Processos de Formação do Registro Arqueológico.

Orientadora: Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso

São Paulo
2011

Dedico esse trabalho a Silvio Rogério Bragato (*in memoriam*), companheiro de longos anos, que com sua partida deixou marcas profundas na minha existência; a Mariana Pontim Silvério que me fez acreditar que por alguma razão eu tenha ficado e, entre a partida e a chegada, a Levy Silvério que foi uma mão estendida na minha direção.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso, pela orientação, apoio e paciência no desenvolvimento da pesquisa, meus sinceros agradecimentos e minha admiração.

À Profa. Dra. Dilamar Candida Martins, pelo apoio na disponibilização do material, pela atenção com que sempre me atendeu, pelo incentivo e pela cobrança para que eu terminasse o doutorado, o meu carinho.

Ao Prof. Dr. José Luiz de Morais e Prof. Dr. Eduardo Góes Neves pelas sugestões e incentivo na elaboração deste trabalho.

À Profa. Judite Ivanir Breda e ao Prof. Roberto Luiz Franco Bucci, a minha deferência.

Aos amigos do Laboratório de Arqueologia, que auxiliaram na disponibilização do material: Weylla Bento de Oliveira, Tatyana Beltrão de Oliveira, Sheila Dayan Gomes Beltrão, Veter Quirino e Paulo Costa, meus agradecimentos.

À Ludimília Justino de Melo Vaz, pelas muitas vezes que me ouviu como amiga, por outras tantas que falamos sobre arqueologia, pelos desenhos técnicos, meu especial agradecimento.

Ao amigo Rogério Sales de Andrade, pelo apoio técnico na elaboração dos mapas.

Aos amigos do Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás que foram força, incentivo e ajuda de diversas formas, Rosiclér Theodoro da Silva, Júlio Cezar Rubin de Rubin, Sibeli Aparecida Viana, Mariza de Oliveira Barbosa e Fernanda Elisa Costa P. Resende.

Ao amigo José Roberto Pellini, por tantas vezes que almoçamos juntos só para falar sobre arqueologia.

A Lílian Panachuk, pelo apoio na disponibilização de material bibliográfico.

Ao Adriano da Costa Bandeira pela reconstituição digital dos vasilhames.

A minha comadre Vilma de Fátima Machado que sempre foi uma voz amiga no decorrer desse trabalho.

Ao Museu Antropológico e ao Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Goiás, instituição em que dei meus primeiros passos na arqueologia.

À Secretaria Acadêmica do MAE/USP, em especial à Vanuza Gregório e a Regina Estela Leopoldo e Silva pela presteza com que sempre me atenderam.

Aos muitos amigos que não conseguiria listar aqui, até porque poderia ser injusta omitindo o nome de alguém, mas que sabem que foram importantes nesse processo e que são importantes única e exclusivamente porque são meus amigos, sem eles não teria conseguido.

A minha família que mesmo distante, sempre esteve muito perto, no amparo e no amor incondicional que foi motivação para recomeçar a vida: Pontim, Selme, Marcos, Saulo, Jonas, Rosilene, Flavia e Sofia.

A você Levy, meu companheiro em todos os sentidos, talvez o mundo tivesse sido um lugar mais triste se não tivesse te conhecido.

A Mariana por me ensinar o que é um amor incondicional.

RESUMO

PONTIM, R. de L. **A Tradição Tupiguarani na Bacia do Alto Tocantins**. 2011. 153 f. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

O estudo apresenta uma análise sobre os sítios arqueológicos filiados à Tradição Tupiguarani e da cultura material deles decorrentes, de modo a favorecer uma discussão sobre os elementos constituintes dessa filiação cultural na Bacia do Alto Tocantins. Os trabalhos foram executados no âmbito de projetos de salvamento arqueológico, parte integrante da modalidade da pesquisa arqueológica de contrato, realizados pelo Laboratório de Arqueologia do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás. Os registros arqueológicos foram identificados na área dos empreendimentos hidrelétricos da UHE Serra da Mesa e UHE Cana Brava, localizados na Bacia do Alto Tocantins, região norte do estado de Goiás. O trabalho tem como objetivo relatar as características observadas na constituição do processo de ocupação da área pela Tradição Tupiguarani, mesmo que seus assentamentos sejam significativamente reduzidos neste território, cuja predominância está relacionada aos grupos filiados às Tradições Aratu e Uru. O propósito não é contestar a existência breve ou perene desses grupos na região, se existiram apenas como circulantes de uma rota de migração, mas buscar compreender a partir do cenário arqueológico encontrado, manifestações que configurem a dinâmica de ocupação pelos grupos ceramistas pré-coloniais relacionados à Tradição Tupiguarani.

Palavras-chave: Tupiguarani, Tocantins, Salvamento, Usina Hidrelétrica, Cultura Material

ABSTRACT

PONTIM, R. de L. **The Tupiguarani Tradition in the Bay of the Upper Tocantins**. 2011. 153 f. Thesis (Doctor's Degree) – Ethnology and Archaeology Museum, University of São Paulo, São Paulo, 2011.

This study shows an analysis of the archaeological sites related to the Tupiguarani tradition and the material culture arose from it, in a way to enhance a discussion on the principles of such cultural relationship in the Bay of the Upper Tocantins. The work was done in the scope of projects of archaeological rescue, integrating part of the feature of the archaeological research of contract, realized by the Archaeology Laboratory of the Anthropological Museum of the Federal University of Goiás. The archaeological records were identified in the area of the hydroelectric venture of the Hydroelectric Power Station of Serra da Mesa and the Hydroelectric Power Station of Cana Brava, located in the Bay of Upper Tocantins in the north of the Goiás State. The objective of the work is to report the characteristics observed in the constitution of the occupation process of the area by the Tupiguarani Tradition, even though its settlement was quite reduced in this territory, which was predominantly related to the Aratu and Uru Traditions. The aim is not to contest the brief or perennial existence of these groups in the area, if their settlement there was just part of a migratory movement, but to try to understand the manifestation that represents the dynamic of the occupation by the pre-colonial ceramist groups related to the Tupiguarani Tradition according to the archaeological scenery found.

Key Words: Tupiguarani, Tocantins, Rescue, Hydroelectric Power Station, Material Culture

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 5
RESUMO 7
ABSTRACT 8
LISTA DE FIGURAS 10
LISTA DE FOTOS 11
LISTA DE QUADROS 14
LISTA DE PRANCHAS 15
LISTA DE DESENHOS 16
APRESENTAÇÃO 17
CAPÍTULO I - PANORAMA HISTÓRICO 22
1.1. SERRA DA MESA 23
1.2. CANA BRAVA 30
CAPÍTULO II - O PLANALTO DO ALTO TOCANTINS 33
CAPÍTULO III - O TUPI NO CENTRO-OESTE 36
3.1 UMA PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA 37
3.2. UMA PERSPECTIVA TEÓRICA 49
CAPÍTULO IV - SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS 57
4.1. MATERIAL E MÉTODO 58
4.1. CRONOLOGIA DOS SÍTIOS 59
4.3. GO-NI.176 SÍTIO ABRIGO PEDRA TALHADA 65
4.4. GO-NI.188 – SÍTIO CARANHA 91
4.4. GO-NI.206 – SÍTIO TABARANA 100
4.5. GO-NI.231 – SÍTIO COPAÍBA 112
4.6. GO-NI.233 – SÍTIO SUMARÉ 125
4.7. GO-NI.291 – SÍTIO MUTAMBA 131
CAPÍTULO V - PENSANDO O TUPI NO PLANALTO DO ALTO TOCANTINS 137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 147
FONTES ELETRÔNICAS 153

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Área de influência do reservatório das UHEs Serra da Mesa e Cana Brava. Cartografia: Rogério Sales de Andrade 19
Figura 2 – Reservatório da UHE Serra da Mesa. Cartografia: Rogério Sales de Andrade 24
Figura 3 - Localização da região de Serra da Mesa. Cartografia: Rogério Sales de Andrade 25
Figura 4 - Hidrografia. Cartografia: Rogério Sales de Andrade 26
Figura 5 - Municípios localizados na área de influência da UHE Serra da Mesa. Cartografia: Rogério Sales de Andrade 29
Figura 6 - Reservatório da UHE Cana Brava. Cartografia: Rogério Sales de Andrade 31
Figura 7 - Municípios localizados na área de influência da UHE Cana Brava. Cartografia: Rogério Sales de Andrade 32
Figura 8 - Cronologia..... 64
Figura 9 - Localização GO-Ni.176 Sítio Abrigo Pedra Talhada. UHE Serra da Mesa. Cartografia: Rogério Sales de Andrade 66
Figura 10 - Localização GO-Ni.188 Sítio Caranha. UHE Serra da Mesa. Cartografia: Rogério Sales de Andrade..... 92
Figura 11 - Localização GO-Ni.206 Sítio Tabarana. UHE Serra da Mesa. Cartografia: Rogério Sales de Andrade.....101
Figura 12 - Localização GO-Ni.231 Sítio Copaíba. UHE Cana Brava. Cartografia: Rogério Sales de Andrade.....113
Figura 13 - Localização GO-Ni.233 Sítio Sumaré. UHE Cana Brava. Cartografia: Rogério Sales de Andrade.....126
Figura 14 - Localização GO-Ni.291 Sítio Mutamba. UHE Cana Brava. Cartografia: Rogério Sales de Andrade.....132
Figura 15 - U.H.E Serra da Mesa. Sítios estudados. Cartografia: Rogério Sales de Andrade 139
Figura 16 - U.H.E Cana Brava. Sítios estudados. Cartografia: Rogério Sales de Andrade 140

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - GO-Ni.176 Sítio Abrigo Pedra Talhada 65
Foto 2 - Área de escavação 69
Foto 3 - Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 8,2cm e largura 5,7cm 72
Foto 4 - Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 3,7cm e largura 4,7cm 72
Foto 5 - Fragmento de borda contraída, tipo simples, lábio apontado. Dimensões: comprimento 3,3cm e largura 11,0cm 73
Foto 6 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio plano. Dimensões: comprimento 5,0cm e largura 5,4cm 73
Foto 7 – Fragmento de parede angular. Dimensões: comprimento 3,7cm e largura 3,9cm 74
Foto 8 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 15,4cm e largura 11,7cm 74
Foto 9 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio apontado. Dimensões: comprimento 5,4cm e largura 6,8cm 75
Foto 10 – Fragmento de borda direta do tipo simples com lábio arredondado. Presença de furo de suspensão. Dimensões: comprimento 2,0cm e largura 2,3cm . 75
Foto 11 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 2,2cm e largura 2,1cm 76
Foto 12 – Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio plano. Dimensões: comprimento 3,3cm e largura 4,2cm 76
Foto 13 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 2,2cm e largura 2,0cm 77
Foto 14 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 3,6cm e largura 3,7cm 77
Foto 15 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio plano. Dimensões: comprimento 2,5cm e largura 2,6cm 78
Foto 16 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 2,0cm e largura 3,3cm . 78
Foto 17 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 2,5cm e largura 2,6cm . 79
Foto 18 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 2,4cm e largura 2,2cm 79
Foto 19 – Fragmento parede. Dimensões: comprimento 4,0cm e largura 6,3cm 80

Foto 20 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio biselado. Dimensões: comprimento 5,2cm e largura 3,6cm 80
Foto 21 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 2,2cm e largura 1,9cm 81
Foto 22 - GO-Ni.188 Sítio Caranha 91
Foto 23 – Fragmento de borda contraída, tipo simples, lábio apontado. Dimensões: comprimento 6,3cm e largura 7,2cm 95
Foto 24 - GO-Ni.206. Sítio Tabarana 102
Foto 25 - Coleta de material 103
Foto 26 - GO-Ni.231 Sítio Copaíba 112
Foto 27 - GO-Ni.231 Sítio Copaíba. Trincheira 114
Foto 28 - GO-Ni.231 Sítio Copaíba. Perfil. 115
Foto 29 – Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio apontado. Dimensões: comprimento 3,0 cm e largura 4,0cm 117
Foto 30 – Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 5,0cm e largura 5,1cm 117
Foto 30 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 4,3cm e largura 9,5cm 118
Foto 32 – Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio plano. Dimensões: comprimento 2,4cm e largura 2,6cm 119
Foto 33 – Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 9,5cm e largura 13,0cm 119
Foto 34 – Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio plano. Dimensões: comprimento 6,7cm e largura 10,4cm 120
Foto 35 – Fragmento de borda infletida, tipo reforçada, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 6,3cm e largura 9,0cm 120
Foto 36 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 3,3cm e largura 3,4cm 128
Foto 37 – Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 1,8cm e largura 3,2cm 128
Foto 38 – Fragmento de borda contraída, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 3,3cm e largura 5,6cm 128
Foto 39 – Fragmento de borda infletida, tipo reforçada, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 1,6cm e largura 4,1cm 129

Foto 40 – Fragmento de borda infletida, tipo infletida, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 5,7cm e largura 11,0cm 129
Foto 42 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 3,0cm e largura 3,0cm 130
Foto 41 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 3,4cm e largura 3,5cm 130
Foto 43 - GO-Ni.291 – Sítio Mutamba.....131
Foto 44 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 3,5cm e largura 5,1cm 135
Foto 45 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 3,7cm e largura 3,2cm 135
Foto 46 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 4,8cm e largura 4,4cm 135
Foto 47 – Fragmento de parede angular. Dimensões: comprimento 2,4cm e largura 4,6cm 136
Foto 48 – Fragmento de parede angular. Dimensões: comprimento 2,8cm e largura 4,3cm 136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sítios arqueológicos datados pelo método Termoluminescência.....59
Quadro 2 - Sítio arqueológico datado pelo método do C14 61
Quadro 3 - Sítio arqueológico datado pelo método do C14 (Canadá).....62
Quadro 4: Descrição dos atributos da forma da tigela rasa 81
Quadro 5: Descrição dos atributos da forma da tigela funda 82
Quadro 6: Descrição dos atributos da forma do vasilhame profundo.....82
Quadro 7: Descrição dos atributos da forma da tigela rasa 95
Quadro 8: Descrição dos atributos da forma da tigela funda 96
Quadro 9: Descrição dos atributos da forma do vasilhame profundo.....96
Quadro 10: Descrição dos atributos da forma da tigela rasa 108
Quadro 11: Descrição dos atributos da forma da tigela funda 108
Quadro 12: Descrição dos atributos da forma a tigela rasa do GO-Ni.231 – Sítio Copaíba.....121
Quadro 13: Descrição dos atributos da forma a tigela funda do GO-Ni.231 – Sítio Copaíba.....121

LISTA DE PRANCHAS

Prancha 1 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Tigela Rasa 83
Prancha 2 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Tigela Rasa 84
Prancha 3 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Tigela Rasa 85
Prancha 4 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Tigela Funda 86
Prancha 5 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Tigela Funda 87
Prancha 6 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Vasilhame profundo 88
Prancha 7 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Vasilhame profundo 89
Prancha 8 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Vasilhame profundo 90
Prancha 9 - GO-Ni.188 Sítio Caranha. Tigela Rasa.....97
Prancha 10 - GO-Ni.188 Sítio Caranha. Tigela funda 98
Prancha 11 - GO-Ni.188 Sítio Caranha. Vasilhame profundo 99
Prancha 12 - GO-Ni.206 Sítio Tabarana. Tigela Rasa 109
Prancha 13 - GO-Ni.206 Sítio Tabarana. Tigela Rasa 110
Prancha 14 - GO-Ni.206 Sítio Tabarana. Tigela funda.....111
Prancha 15 - GO-Ni.231 Sítio Copaíba. Tigela rasa 122
Prancha 16 - GO-Ni.231 Sítio Copaíba. Tigela funda 123
Prancha 17- GO-Ni.231 Sítio Copaíba. Tigela funda 124

LISTA DE DESENHOS

Desenho 1 – Fragmento de borda contraída, tipo simples, lábio arredondado. Desenho em escala natural.....106
Desenho 2 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio arredondado. Desenho em escala natural.....106
Desenho 3 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio plano. Desenho em escala natural.....106
Desenho 4 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio biselado. Desenho em escala natural.....107
Desenho 5 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio arredondado. Desenho ampliado em 50%.....107
Desenho 6 – Cilindro.....133

APRESENTAÇÃO

Este trabalho teve como propósito o estudo dos registros arqueológicos, filiados à Tradição Tupiguarani, de modo a favorecer uma discussão sobre os elementos constituintes dessa filiação cultural na Bacia do Alto Rio Tocantins.

O estudo "*A Tradição Tupiguarani na Bacia do Alto Rio Tocantins"* integra os objetivos a médio e longo prazos previstos no Projeto de Salvamento Arqueológico Pré-Histórico da UHE Serra Mesa (PA-SALV-SM) e Projeto de Salvamento Arqueológico da UHE Cana Brava (PA-SALV-CB), vinculados à modalidade de pesquisa "arqueologia no licenciamento ambiental*"* (MORAIS, 2003) (Fig. 1).

Os projetos de salvamento supracitados foram resultados de uma parceria firmada entre FURNAS Centrais Elétricas S.A., neste caso Serra da Mesa, e Tractebel and Gas Eletricity – Companhia Energética Meridional/CEM, Cana Brava, ambos com a Universidade Federal de Goiás sob a interveniência do Museu Antropológico, responsável pela sua execução científica e pela guarda do acervo recuperado em campo.

O Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA/UFG) surge no cenário da pesquisa arqueológica a partir da publicação da *Carta Arqueológica – Divisão Regional para Cadastramento de Sítios Arqueológicos do Estado de Goiás*, organizada por Melo e Breda e aprovada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1972. A partir de 1975, por meio de um convênio firmado entre a Universidade de São Paulo (Museu Paulista) e a Universidade Federal de Goiás (Museu Antropológico), foi elaborado o Projeto Anhanguera de Arqueologia de Goiás – UFG/USP, desenvolvendo por um longo período pesquisas arqueológicas de âmbito acadêmico.

Na sequência, novo convênio foi estabelecido, desta feita, com a USP, por intermédio do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), sob a coordenação do Prof. Dr. José Luiz de Morais e da Profa. Dra. Dilamar Candida Martins (Laboratório de Arqueologia/MA/UFG).

Dando continuidade aos objetivos do Projeto Anhanguera e acrescentando outros para a pesquisa, desenvolveu-se o Projeto de Salvamento Arqueológico Pré-Histórico da Usina Hidrelétrica de Serra da Mesa (PA-SALV-SM), concluído contratualmente em 1998 e, no ano seguinte o Projeto de Salvamento Arqueológico da UHE Cana Brava que se estendeu até 2001.

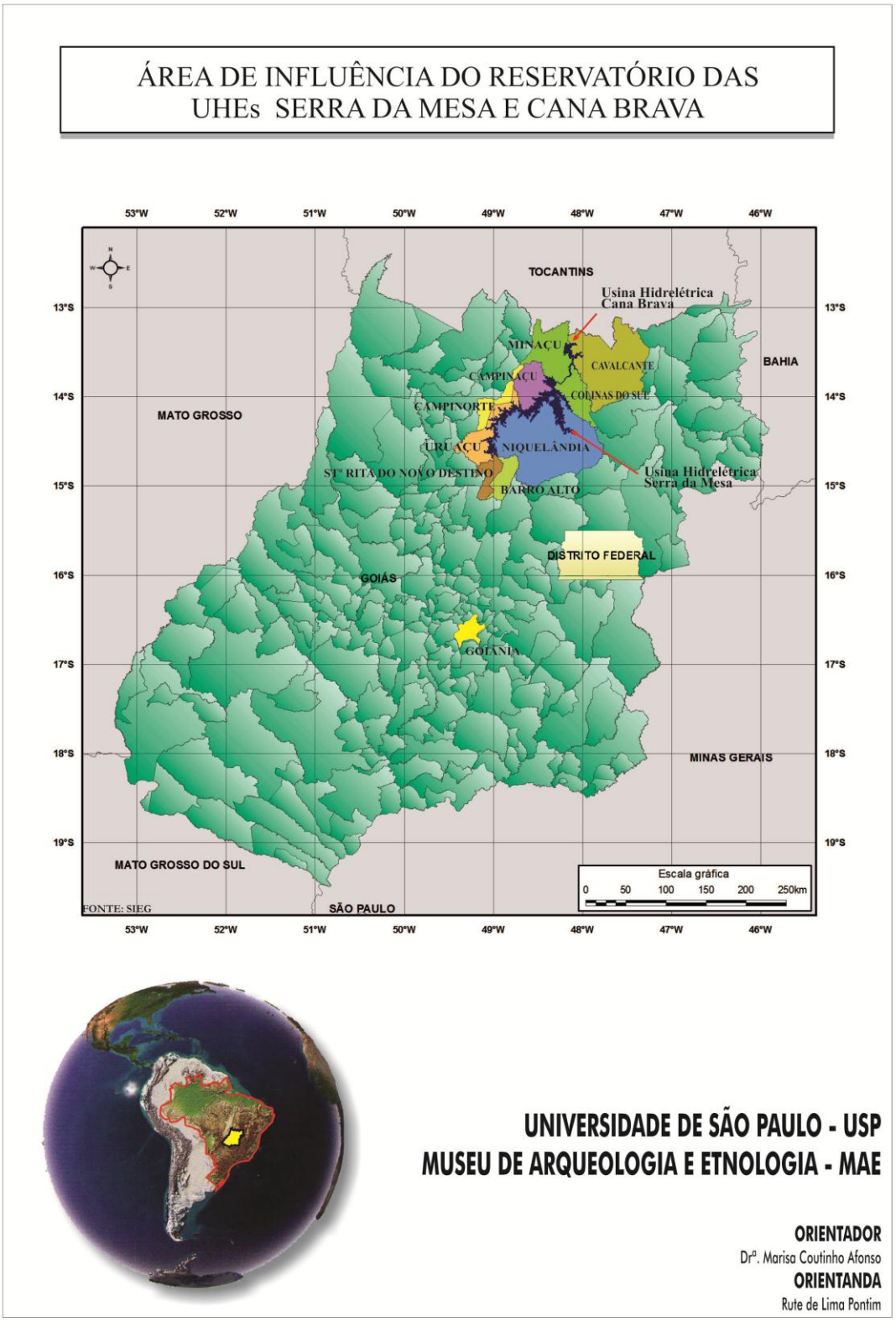


Figura 1 - Área de influência do reservatório das UHEs Serra da Mesa e Cana Brava. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

Inseridos na Bacia do Alto Tocantins, em área do Planalto Central Brasileiro, “a formação dos lagos artificiais da UHE Serra da Mesa e da UHE Cana Brava, ambas em operação [...] é responsável pela submersão de extensos compartimentos topomorfológicos adequados para assentamentos pretéritos” (MARTINS, 2005, p.1). Esses compartimentos topomorfológicos compõem a unidade geomorfológica de maior extensão do Planalto Central Goiano, reconhecida como Planalto do Alto Tocantins-Paranaíba ou Complexo Montanhoso Veadeiros-Araí (RADAMBRASIL, 1981; 1982).

As possibilidades fornecidas pelos acervos cultural e documental, decorrentes da pesquisa arqueológica, motivou a elaboração desta proposta, uma vez que o estudo pretende contribuir para a compreensão dos sítios arqueológicos e da cultura material deles decorrentes, fornecendo novas informações para a arqueologia regional e, consequentemente, para a arqueologia brasileira.

O enfoque foi direcionado a partir de seis sítios arqueológicos. A amostra foi selecionada com base nas características presentes nas coleções arqueológicas.

Na busca de melhor se posicionar frente a essas abordagens surge a necessidade premente de discutir o papel das *Tradições* e *fases* divulgado por Evans e Meggers em 1964, parte integrante da proposta de pesquisa adotada pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA).

Vários trabalhos em âmbito regional apresentaram-se respaldados pelo enfoque pronapista. Muito se têm discutido sobre as classificações arqueológicas que se estruturaram com a definição desses conceitos, baseados na cultura material. Morais (1999-2000, p. 201) aponta para,

> [...] um artificialismo classificatório de todo incompatível com uma disciplina que busca, dentre outros propósitos levantar e analisar o cotidiano das comunidades do passado. Certamente, a arqueologia que inventou (e denominou) ‘fases’ e ‘Tradições’ arqueológicas acabou por distinguir características peculiares em conjunto de materiais, arqueológicos, e isso é aparentemente louvável. Mas não deve parar por aí.

Nesse processo de busca de novas posturas, com relação às categorias empregadas para análise das sociedades pré-coloniais, é de fundamental importância rever “o uso de tais categorias, ainda um tanto ambíguas, quanto ao tipo de unidades sócio-culturais que designam” (BARRETO, 1999-2000, p. 45).

Baseados nessa postura, vários autores consideram importante a desagregação do termo *Tupiguarani*, segundo Morais (1999-2000, p. 207) “jamais deveria haver preocupação no sentido de separar o que é arqueológico daquilo que é etnográfico, dando a impressão de que a arqueologia é a especialidade dos cacos e a etnologia, dos índios*”.*

Essa abordagem vem sendo destacada nos estudos e pesquisas, há muitos anos questionadas.

O Norte Goiano, porção do Planalto Central Brasileiro, caracteriza-se por ser uma região onde as populações indígenas pré-coloniais constituíram-se em assentamentos e desenvolveram atividades para a manutenção e sobrevivência dos grupos, em complexa interação com o meio ambiente na busca e captação de recursos.

Segundo Morais *et al.* (1998, p. 27), o Planalto Central Brasileiro, por *“*sua posição geográfica e suas feições topomorfológicas confirmaram-no como importante centro de passagem, convergência e de dispersão das hordas de ocupação humana pré-colombiana, no decorrer dos tempos*”*.

Considerada como uma região com potencial arqueológico rico e variado, a Bacia do Alto Rio Tocantins, no contexto de implantação das UHEs Serra da Mesa e Cana Brava, contribuirá de forma significativa para responder às questões arqueológicas levantadas sobre as populações pré-coloniais na região Centro-Oeste do Brasil.

CAPÍTULO I - PANORAMA HISTÓRICO

1.1. SERRA DA MESA

O Projeto de Salvamento Arqueológico Pré-Histórico da UHE Serra da Mesa (PA-SALV-SM) foi uma parceria firmada entre FURNAS Centrais Elétricas S.A., Universidade Federal de Goiás com interveniência do Museu Antropológico e Fundação de Apoio à Pesquisa/FUNAPE. Os trabalhos, iniciados em 1995, tiveram os resultados preliminares atingidos a curto prazo e divulgados publicamente em agosto de 1998.

A área de influência do reservatório artificial da UHE Serra da Mesa, com 1.784 km² de extensão (Fig. 2), situa-se no curso principal do rio Tocantins, no Planalto Central Brasileiro, trecho norte-goiano (Fig. 3). Tem como drenagem principal o rio Tocantins, "formado pelos Rios Maranhão e das Almas e tendo como afluentes menores os Rios Bagagem, Tocantinzinho e Boa Nova, além de cursos d'água de menor porte*"* (MARTINS e BURJACK, 1994, p.13/ Fig. 4).

Serra da Mesa, com suas características topomorfológicas peculiares, apresenta parâmetros locacionais apropriados e áreas fontes de matérias-primas essenciais aos assentamentos humanos pretéritos.

Sua diversidade litológica, relevo, hidrografia, fauna, flora e outras características permitiram ao homem se estabelecer em assentamentos de curta e de longa duração.

Caracterizada por sucessivas ocupações,

> [...] no que se refere à temporalidade dos assentamentos na área, as análises radiométricas indicaram a ocupação de caçadores-coletores há 10.250 anos AP ± 90, estando entre as mais antigas idades obtidas para o estado de Goiás. Quanto aos sítios arqueológicos de natureza lito-cerâmica, os dados indicaram a ocupação da área por grupos produtores de cerâmica entre 280 anos AP e 2.860 anos AP ± 90 (MARTINS, 2005, p.13).

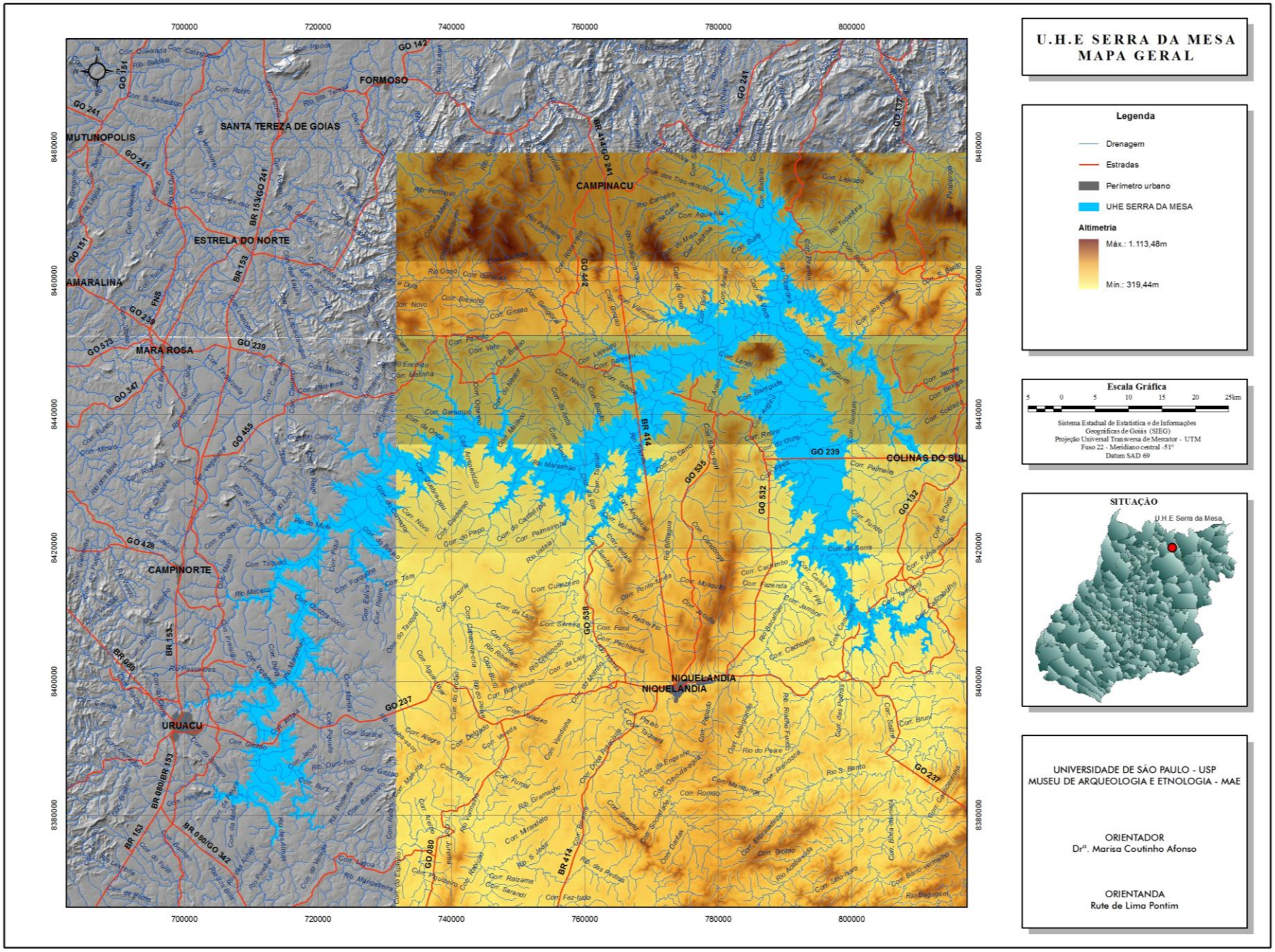


Figura 2 – Reservatório da UHE Serra da Mesa. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

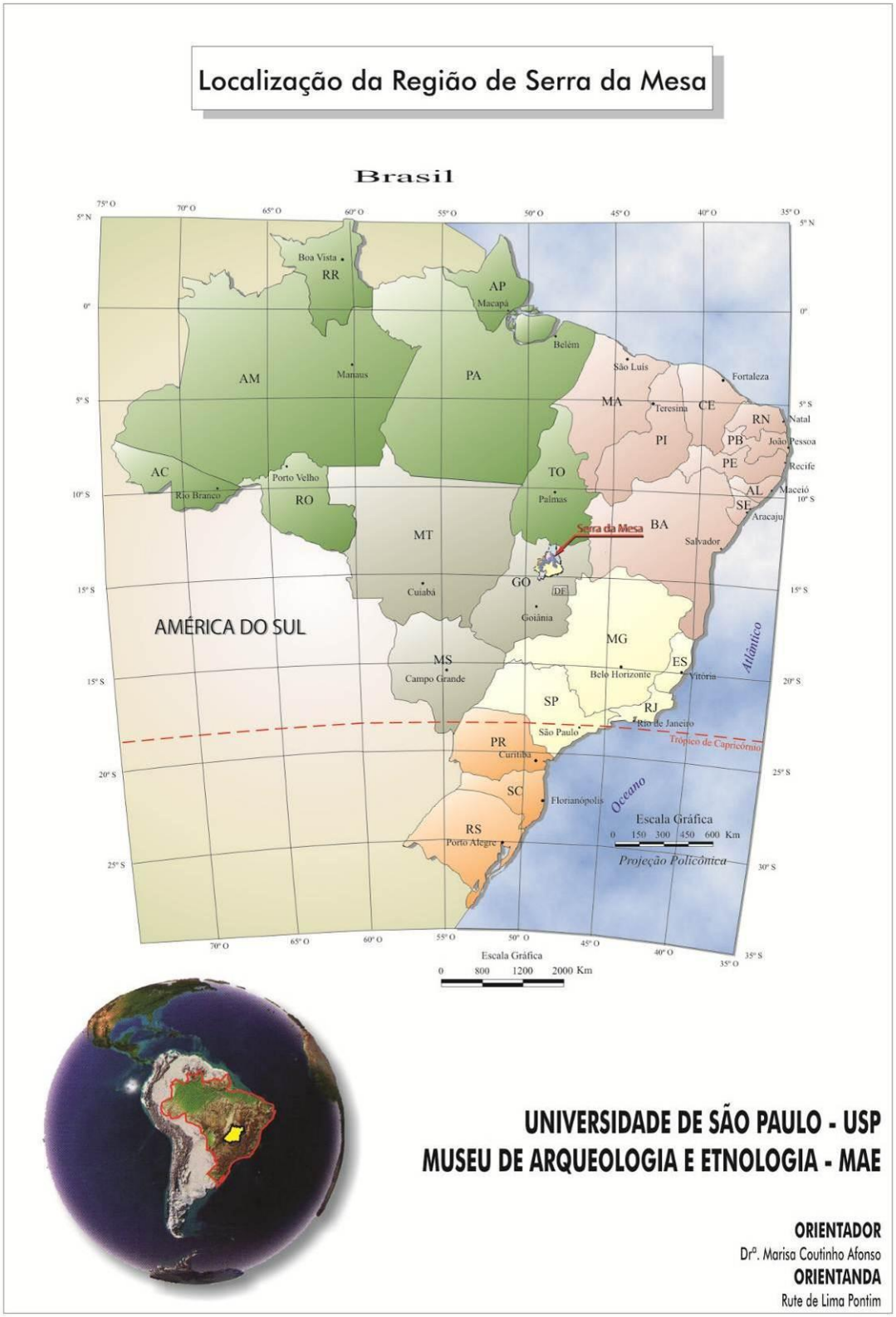


Figura 3 - Localização da região de Serra da Mesa. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

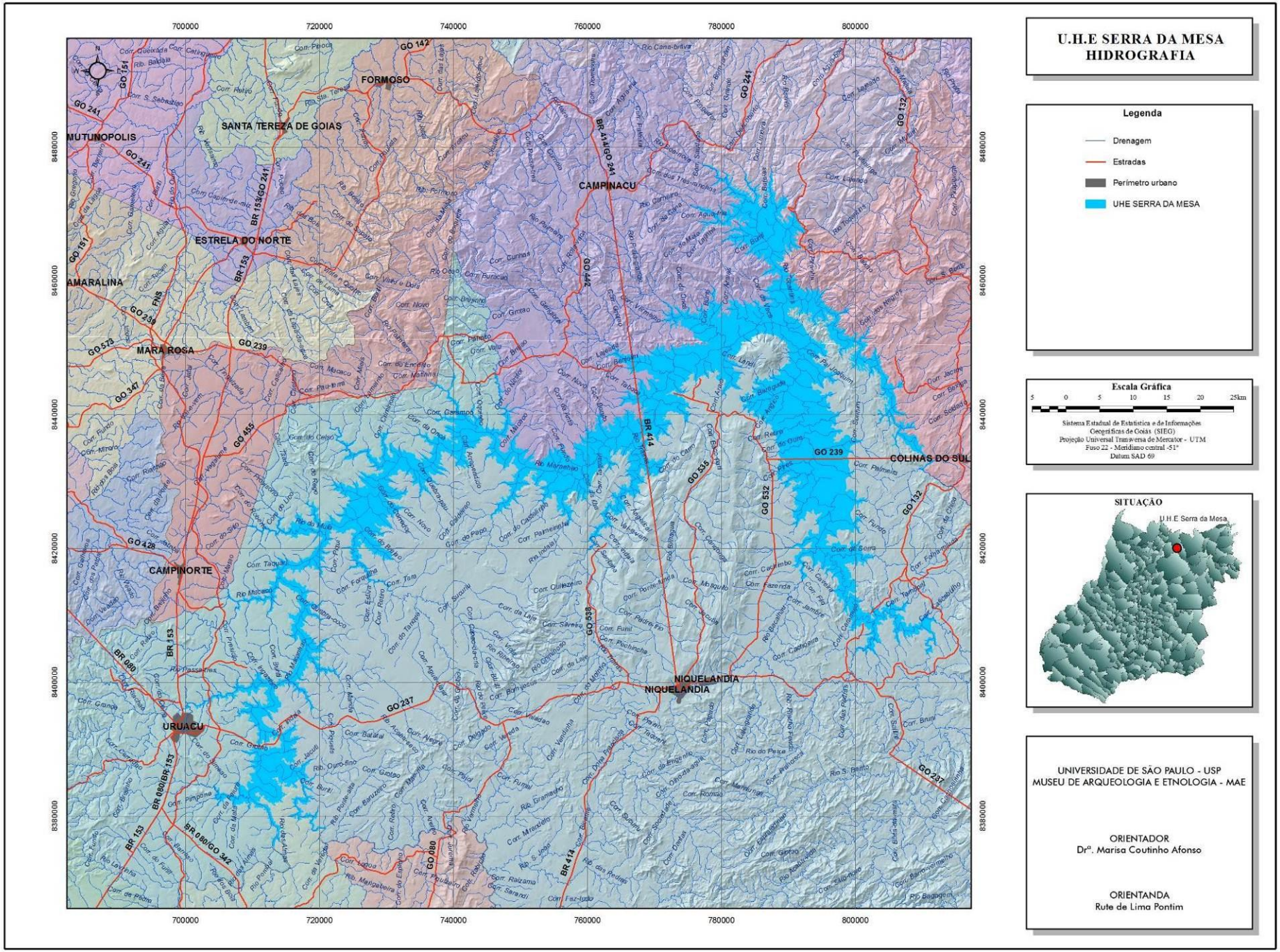


Figura 4 - Hidrografia. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

As etapas de campo se alternaram entre os diversos municípios integrantes da área de influência da Usina Hidrelétrica Serra da Mesa/GO - Niquelândia[1], Uruaçu, Campinaçu, Barro Alto, Colinas do Sul, Minaçu e Campinorte, onde foram registrados 93 sítios e 44 ocorrências arqueológicas (Fig. 5).

Dos 93 sítios arqueológicos[2] trabalhados e resgatados no âmbito do PA-SALV-SM setenta representam grupos de indústrias ceramistas.

O PA-SALV-SM se destaca como uma nova modalidade de pesquisa que passa a ser desenvolvida na UFG, vinculada ao Projeto Anhanguera, caracterizando os programas de *arqueologia por contrato.*

Os objetivos científicos do PA-SALV-SM (MARTINS, 1998b) previam, em linhas gerais:

- o resgate dos sítios arqueológicos pré-históricos na área de influência direta (cota de 460m de altitude) e indireta (cota de 470m de altitude);

- a retomada dos trabalhos realizados na área do empreendimento e adjacências, por pesquisas anteriores.

A curto prazo, o projeto se propôs a:

- reconstituir o processo histórico-cultural, mediante o registro e a análise dos dados;

- auxiliar na elucidação dos problemas levantados para a região;

- possibilitar a integração das informações obtidas com as divulgadas anteriormente.

[1] Este foi o município mais atingido pelo lago da Usina Hidrelétrica Serra da Mesa com 1.018,7 km² dos 1.784 km² de área inundada.

[2] Para o Projeto de Salvamento Arqueológico da Usina Hidrelétrica de Serra da Mesa foram considerados como sítios arqueológicos " [...] os locais de extensão variável, revelados nas etapas de levantamento e de prospecção da área, onde se deparou com testemunhos arqueológicos ou com o conjunto deles, distribuídos na superfície ou na subsuperfície do terreno" (MARTINS, 1999, p. 129). Neste trabalho considerar-se-á esse conceito de sítio arqueológico.

A médio e longo prazo foram delineadas:

- ordenar geocronologicamente os sítios;
- indicar os padrões de assentamentos;
- delimitar os territórios fontes de matérias-primas.

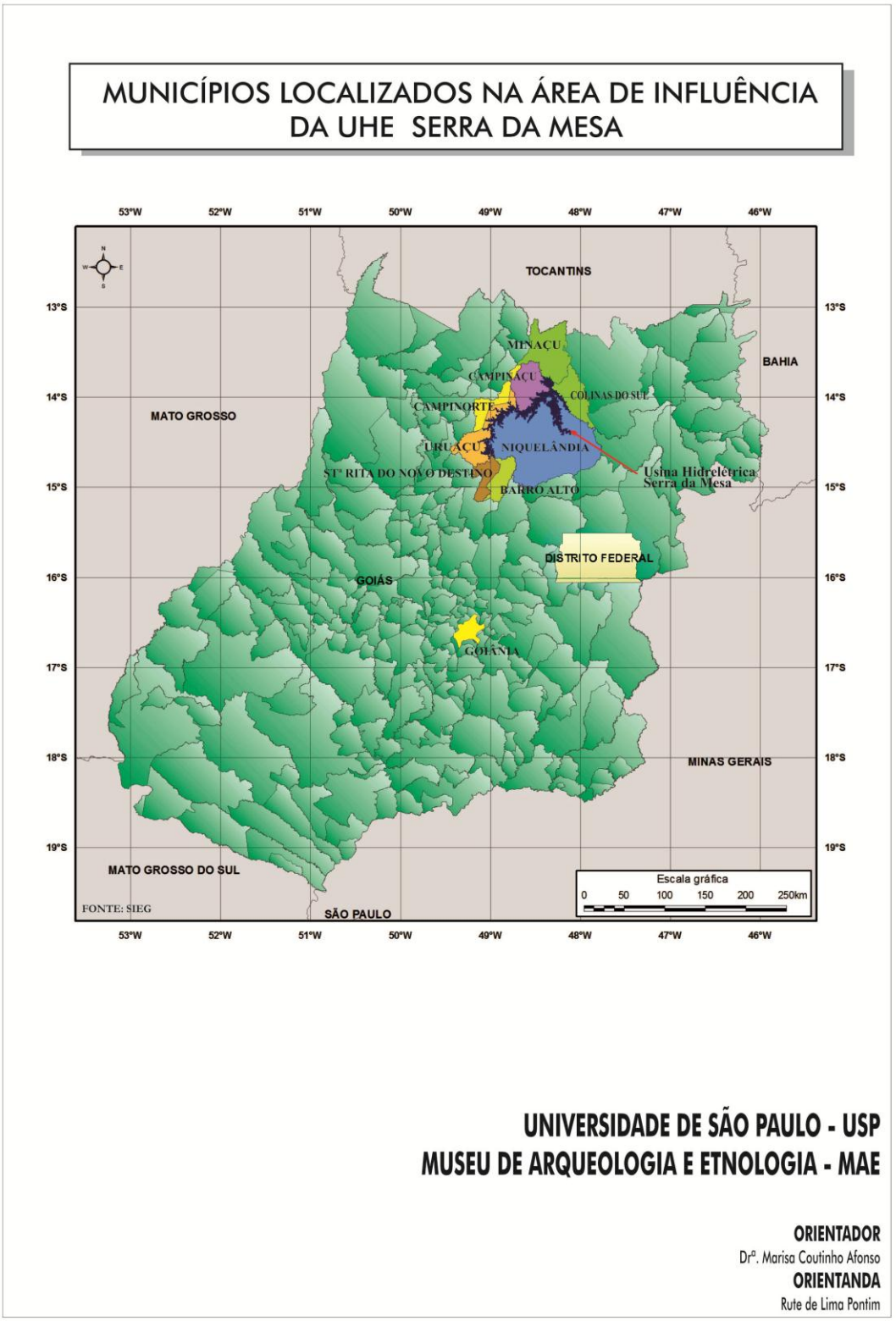


Figura 5 - Municípios localizados na área de influência da UHE Serra da Mesa. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

1.2. CANA BRAVA

O Projeto de Salvamento arqueológico da UHE Cana Brava (PA-SALV-CB) foi uma parceria firmada entre a Tractebel And Gas Eletricity – Companhia Energética Meridional/CEM, empresa responsável pela construção do empreendimento - e a Universidade Federal de Goiás.

A área do Reservatório da UHE Cana Brava, com 138,7 km² de extensão, insere-se na Bacia do Alto Tocantins, localizada no norte do estado de Goiás, limitando-se a montante pela UHE Serra da Mesa e a jusante pela UHE São Salvador (Fig. 6). Foram atingidos os municípios de Minaçu, Cavalcante e Colinas do Sul (Fig. 7).

O ambiente apresenta-se favorável a assentamentos pretéritos corroborado pelos sítios arqueológicos resgatados no âmbito do projeto. Foram evidenciados 29 sítios e 42 ocorrências arqueológicas no espaço geográfico do lago artificial da UHE Cana Brava.

Segundo Martins (2005, p.13),

> Esses grupos ocuparam os compartimentos topomorfológicos caracterizados por superfície de aplainamento, planície, interflúvio, maciço calcário, terraço e colina, com presença de matéria-prima adequada ao lascamento, áreas de corredeira apropriadas para a apanha de peixes e produtos vegetacionais em abundância. As informações atestam que a trajetória desses grupos foi confirmada pela presença marcante de raspadores, lesmas, algumas vezes, seixos fatiados, e por pontas de projéteis, raras na arqueologia, as quais tipificam períodos recuados no tempo, com ausência de produção cerâmica.

O resultado dos estudos realizados, mediante a análise do conjunto de técnicas utilizadas na produção do material arqueológico (resgatado no decorrer do projeto), considerando-os como elementos no processo de caracterização de um sistema cultural, indicou a convergência de registros arqueológicos filiados à tradição Uru e Tupigurani.

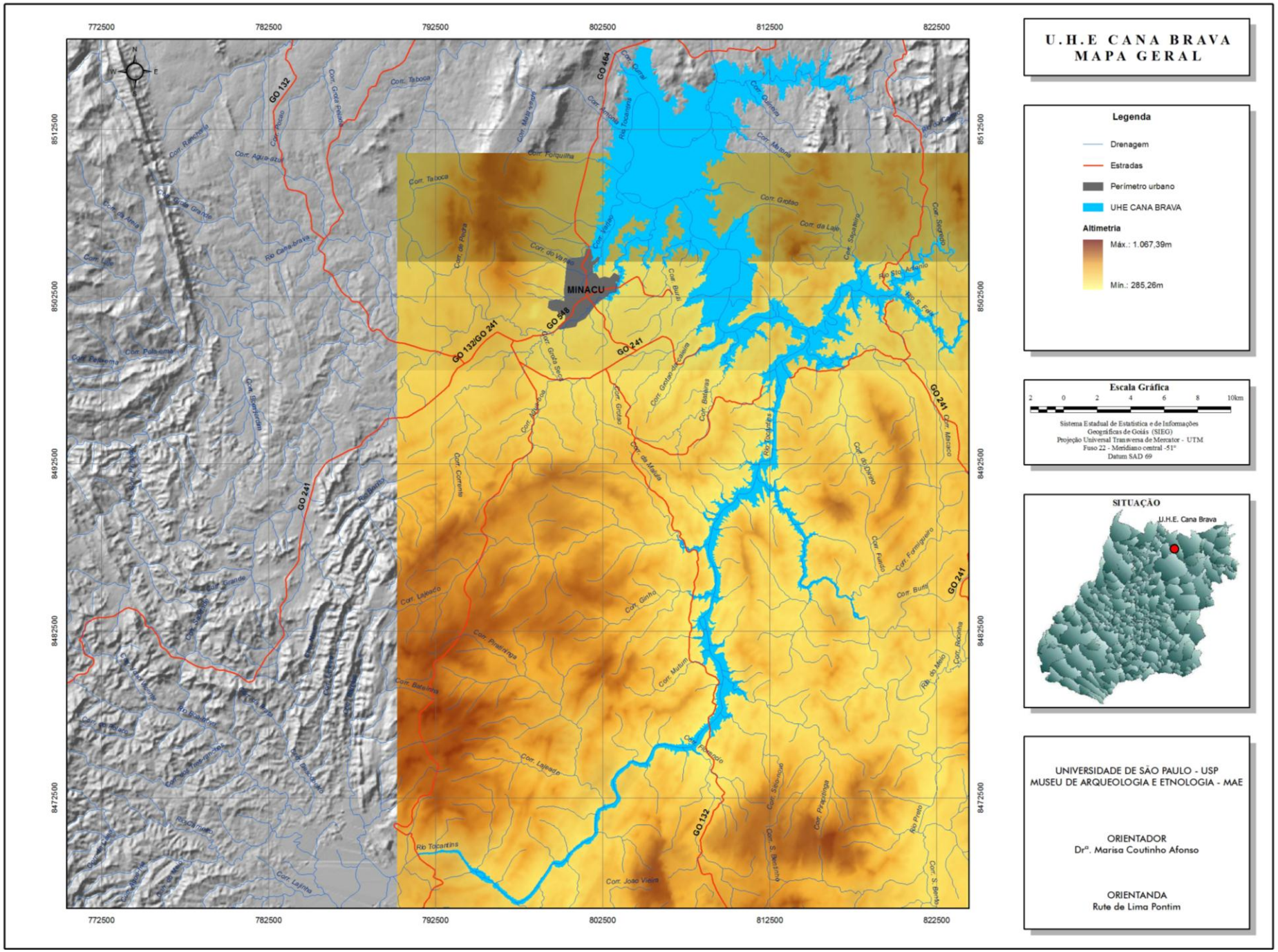


Figura 6 - Reservatório da UHE Cana Brava. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

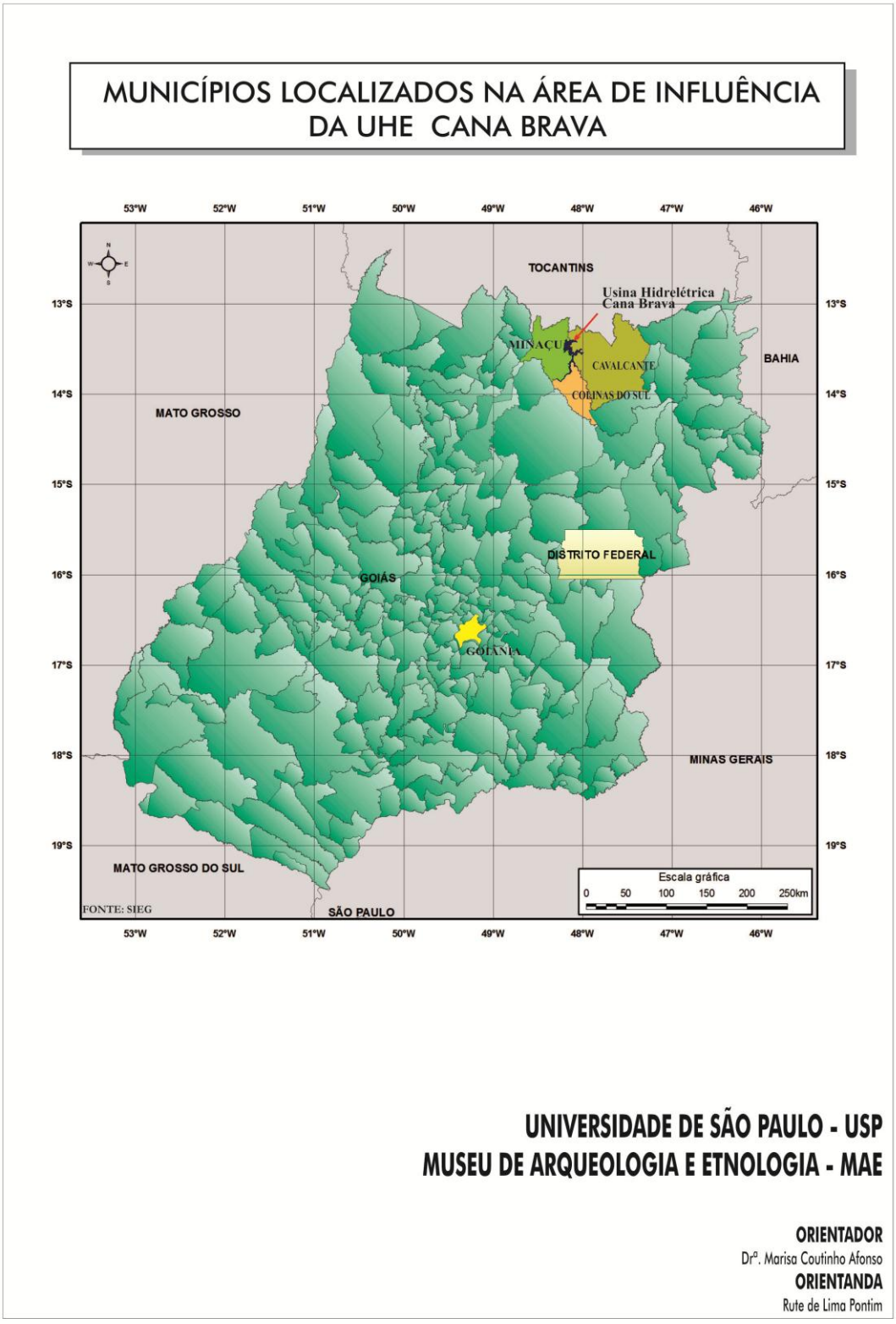


Figura 7 - Municípios localizados na área de influência da UHE Cana Brava. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

CAPÍTULO II - O PLANALTO DO ALTO TOCANTINS

Neste trabalho abordaremos o Planalto do Alto Tocantins-Paranaíba[3], área da pesquisa, que recobre a maior parte do estado de Goiás. Essa formação é constituída por rochas antigas do Pré-Cambriano, fraturadas, falhadas, dobradas e metamorfizadas, limitando ao Sul com a Bacia do Alto Paraná; a Leste, com os Chapadões Cretáceos do São Francisco; a Oeste, com as Formações Cenozóicas da Depressão do Araguaia, e ao Norte, com a Sedimentação Paleozóica da Bacia do Maranhão.

O Planalto do Alto Tocantins é um compartimento geomorfológico, intercalado por Depressões Intermontanas esculpidas por processos de denudação Pós-Cretáceo e entalhe do sistema hidrográfico formado pela Bacia Maranhão/Tocantins, constituída por correntes de água de grande porte, como os rios das Almas, Bagagem, Boa Nova e Tocantinzinho, dentre outros. Apresenta uma complexa e variada distribuição litológica, com predomínio de rochas do Pré-Cambriano Indiferenciado (Complexo Goiano) e do Grupo Serra da Mesa.

> A natureza do material rochoso que compõe a estrutura geológica da região dispersa em maciços, afloramentos, pavimentos detríticos e cascalheiras, oferecem às comunidades indígenas pretéritas farta matéria-prima para produção de artefatos líticos (MORAIS *et al.,* 1998, p. 37).

O clima é identificado como do tipo Aw, segundo a classificação de Köppen, com duas estações bem definidas: uma chuvosa e outra seca, próprias do clima tropical semiúmido. O período compreendido entre os meses de outubro a março define a estação chuvosa e o período entre os meses de abril a setembro caracteriza a estação seca. Nesse processo, os meses de abril e setembro apresentam-se como os transacionais do período chuvoso para o período seco. A média anual de precipitações é de 1.500mm, com 80% do seu potencial distribuído nos meses chuvosos.

As temperaturas apresentam uma média anual de 22ºC, com máxima de 30ºC e mínima de 16ºC. Nos meses de setembro e outubro, período que precede as chuvas, registram-se as mais elevadas temperaturas e entre maio e julho ocorre a

[3] Os dados que se seguem, apresentados na caracterização da área, têm como referencial o trabalho de Morais *et al.* (1998), cujas informações encontram-se disponibilizadas no *Relatório Final do Projeto de Salvamento Arqueológico Pré-Histórico da UHE Serra da Mesa* (MARTINS, 1998a [Coord.]).

mais baixa. Esse tipo de clima caracteriza a sazonalidade do bioma Cerrado, de amplo predomínio na região.

A composição vegetal dessa área caracteriza-se pelo cerrado – em suas diversas variáveis (cerradão, cerrado senso restrito, dentre outros) –, formação vegetal mais importante do Planalto Central.

> [...] tipo intermediário entre a floresta tropical e os campos. È constituído de dois extratos: um arbóreo, formado por árvores de pequeno porte, raquíticas e tortuosas, e um outro herbáceo, dominado geralmente por gramíneas (MORAIS *et al.,* 1998, p. 28).

Foram encontradas na área árvores representativas do cerrado, como pequizeiro (*Caryocar brasiliense*), pau-terra (*Qualea grandiflora*), pau-santo (*Kielmeyera variabilis*), cagaiteira (*Stenocalyx dysentericus*) e o cajueiro (*Anacardium curatellaefalium*).

Além do cerrado, a região indica presença de mata de galeria – um tipo mais denso de vegetação – junto a leitos de rios ou grotões. O cerradão em solos profundos e ácidos é muitas vezes desmatado, "[...] para o aproveitamento do solo na cultura de arroz e milho. Logo depois, o local é abandonado e cresce nele uma vegetação baixa e densa dominada por espinheiros, conhecida como capoeira". A mata seca, em locais elevados e com solos profundos, "[...] caracteriza-se por dois estratos: um arbóreo e o outro arbustivo-herbáceo" e o cerrado s.r., em solos rasos e pobres (MORAIS *et al.,* 1998, p. 28).

A grande variedade de natureza pedológica caracteriza a área do reservatório e de seu entorno, com extensos mosaicos de latossolo vermelho e amarelo; podzólico vermelho e amarelo; solos litólicos; cambissolo e solos aluvionais encontrados nas várzeas.

CAPÍTULO III - O TUPI NO CENTRO-OESTE

3.1 UMA PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA

Até há pouco tempo, os estudiosos da pré-história acreditavam que o início do Holoceno tinha sido o marco para o povoamento do território nacional. A partir de pesquisas desenvolvidas no Piauí, Minas Gerais, Mato Grosso, Pará, Goiás, dentre outros o advento da chegada do homem no Brasil tem recuado para o Pleistoceno (PONTIM e VAZ, 2009).

Em Goiás, de modo particular, existe o registro, no alto curso do rio Maranhão/Tocantins, do GO-Ni.243 Sítio Jequitibá, trabalhado por Martins (2001), no âmbito do Projeto de Salvamento Arqueológico da UHE Cana Brava, com uma datação de 19.200 ± 3.400 anos AP e 19.000 ± 2.000 anos AP. As datações, obtidas[4] se situam entre as idades mais recuadas para a ocupação de populações conceituadas como de caçadores-coletores.

Os caçadores-coletores do final do Pleistoceno e início do Holoceno (variando entre 12.000 anos AP e 8.500 anos AP), que povoaram o Planalto Central Brasileiro, representaram grupos populacionais que se estabeleceram em ambiente de cerrado, com tecnologias apropriadas à sua adaptação (BARBOSA, 2002).

Esses grupos populacionais, em sua grande maioria foram identificados com a Tradição Itaparica (SCHMITZ, 1984). Sua indústria caracteriza-se por "[...] lâminas unifaciais, onde predominam furadores e raspadores terminais encabados" (SCHMITZ, 1984, p. 8). Foram identificadas em sítios localizados na microrregião do Sudoeste de Goiás (SCHMITZ, 2004).

Filiados a essa tradição cultural, Oliveira e Viana (1999 – 2000) apontam datações para Goiás que se estendem de 10.750 ± 300 anos AP (Sítio GO-Ni.49) a 8.370 ± 85 anos AP (Sítio GO-Ja.26), ambos estudados por Schmitz (1976/1977; 1989).

O município de Serranópolis, localizado na microrregião do Sudoeste de Goiás, apresenta-se como uma porção representativa da região, já que reúne um número significativo de sítios registrados (abrigado, cerâmico a céu aberto e lítico a céu aberto), num total de 33 sítios arqueológicos.

[4] LVCI – Laboratório de Vidros e Cristais Iônicos da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC-SP), sob a coordenação da Profa. Dra. Sônia Hatsue Tatumi.

Esse município se caracteriza por ser um

> [...] lugar privilegiado pela convergência de uma grande extensão de espaços abrigados, pela proximidade de ambientes diferenciados e pela abundância de matéria-prima útil para a produção de artefatos e utensílios, condições que possibilitam uma ocupação constante, transformando o local em centro de referência para populações caçadoras, coletoras e cultivadoras incipientes (SCHMITZ *et al*., 1989, p. 18).

Nos espaços abrigados, por serem áreas com potencial arqueológico variado, encontrou-se depositada, na maioria das vezes, uma composição de artefatos e estruturas num grau de conservação maior que as verificadas em sítios a céu aberto. “Os abrigos estão cobertos por um estilo característico de arte rupestre, cujo início coincide com as ocupações mais antigas da Fase Paranaíba*”* (SCHMITZ *et al*., 1984, p. 13).

A visão desse contexto arqueológico fornece dados relevantes sobre os grupos e as várias formas de utilização do espaço, como é o caso do GO-Ja.01 “[...] com 1.300m² de superfície desimpedida, iluminada e seca, deveria ter uma (re)ocupação frequente e densa, atestada pela espessura dos estratos, pelo grande número de artefatos encontrados*”* (SCHMITZ, 1999, p. 94).

Os sítios arqueológicos registrados no município de Serranópolis estão,

> [...] implantados em um retângulo de 30 km no sentido norte-sul e 16 km leste-oeste, distribuídos em seis núcleos, estando três deles na margem direita e três na margem esquerda do Rio Verde que corta o retângulo diagonalmente no sentido noroeste-sudeste (SCHMITZ *et al.,* 1997, p. 33).

A partir de 8.500 anos AP, ocorre um período de transição. Alteram-se as características ambientais, “[...] o panorama da arqueologia do continente sofre significativas mudanças, que são rapidamente captadas no estudo da tecnologia lítica” (BARBOSA, 2002, p. 281). Ainda conforme Barbosa (2002), esse período representa um outro momento caracterizado pela caça aos animais de pequeno porte, pela coleta de moluscos e pelo processamento de algumas espécies vegetais.

Segundo Schmitz (1984, p. 11), “[...] como resposta, os bonitos instrumentos líticos do período anterior desaparecem e são substituídos por outros

menos elaborados, menores e produzidos de outra forma, constituindo a denominada Tradição Serranópolis".

Filiadas à Tradição Serranópolis, foram obtidas datações que se estendem de 8.915 ± 115 anos AP (Sítio GO-Ja.01) a 2.140 ± 55 anos AP (Sítio GO-Ja.23) (OLIVEIRA e VIANA 1999 – 2000).

Oliveira e Viana (1999 – 2000, p. 159) assinalam que,

> [...] a hipótese de continuidade, dos caçadores-coletores tardios aos agricultores e ceramistas da Tradição Una, [...] é constatada apenas em algumas áreas do Centro-Oeste: Alto Araguaia e Bacia do Rio Vermelho (WÜST, 1990). Certas características presentes entre os grupos caçadores mais recentes corroboram essa hipótese, pois representam elementos de transição de grupos caçadores-coletores para agricultores: implantação em áreas de mata/cerrado, acesso a recursos mais diversificados e solos melhores e mais propícios ao cultivo.

Para o Centro-Oeste, evidências de testemunhos vegetais em período pré-cerâmico ainda não foram encontradas. Segundo Robrahn-González (1996), esses vestígios viriam confirmar que o processo de mudança de ambiente – que ocorreu por volta de 600 a.C. quando os grupos caçadores-coletores passaram a ocupar áreas de mata/cerrado –, estaria relacionado à implantação da prática do cultivo.

Com o estudo e a análise dos grupos ceramistas tem-se uma nova relação na construção dos modelos. São estabelecidas diferentes tradições tecnológicas - Una, Aratu, Sapucaí, Uru e Tupiguarani (ANDREATTA, 1982; WÜST, 1983; SCHMITZ e BARBOSA, 1985; PROUS, 1992; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996; MARTINS, 1998a; AZEVEDO NETTO, 1999; OLIVEIRA e VIANA, 1999 – 2000; MARTINS, 2001), fracionadas em diversas fases, dentre elas, a Fase Pindorama[5], que não pertence a nenhuma das tradições ceramistas. No estado de Goiás, a Tradição Una pode ser encontrada subdividida nas fases Jataí e Palma; a Tradição Aratu, na Fase Mossâmedes; a Tradição Sapucaí, nas fases Itaberaí e Tejuaçú; a

[5] "Cronologicamente, o primeiro grupo ceramista, e provavelmente cultivador, é o da Fase Pindorama, estudada num abrigo do Centro-Norte de Goiás, que atesta o uso da cerâmica ao menos já no V século a.C." (SCHMITZ e BARBOSA, 1985, p. 4).

Tradição Uru, que se subdivide nas fases Uru, Uruaçu, Jaupaci, Aruanã e Itapirapuã, e a Tradição Tupiguarani, que reúne as fases Iporá e São Domingos (SCHMITZ; BARBOSA, 1985; ATAÍDES, 1998).

Os grupos filiados à Tradição Tupiguarani encontram-se por todo o Brasil Central, embora seus assentamentos não representem um número expressivo. Em Goiás, eles foram localizados na Bacia do Paranaíba e no Planalto do Alto Tocantins, filiados às fases Iporá e São Domingos, respectivamente. Segundo Schmitz e Barbosa (1985), pertencem a subtradição Pintada.

Para a Fase Iporá Schmitz e Barbosa (1985) apresentam os resultados dos estudos realizados em dez sítios arqueológicos. Nesse contexto, a Fase Iporá compreende ocupações que se encontram na bacia do Araguaia (rio Claro), bacia do Paranaíba (rio Claro e rio Verde) e em abrigos no município de Serranópolis (médio rio Verde) (SCHMITZ e BARBOSA, 1985; ATAÍDES, 1998).

Os sítios são encontrados junto à mata de galeria, ou cerradão em algumas ocorrências são detectados sua proximidade ao rio, em outras longe dele, próximos a córregos perenes, em áreas aplainadas ou com declividade suave (SCHMITZ e BARBOSA, 1985).

O antiplástico utilizado na pasta é o caco moído, em escala reduzida apresentam apenas o antiplástico mineral e algumas ocorrências apresentam o cariapé. Os vasos caracterizam-se por pratos, tigelas, panelas e jarros. Como decoração apresenta o predomínio do engobo branco com pintura vermelha e/ou preta (SCHMITZ e BARBOSA, 1985; ATAÍDES, 1998).

O material lítico caracteriza-se por lâminas de machado polida, mãos de mó, quebra coco ou bigorna, polidores, percutores, bifaces lascados e lascas de quartzo (SCHMITZ e BARBOSA, 1985; ATAÍDES, 1998).

A cronologia obtida por meio de um sítio na bacia do Araguaia apontou para os séculos XIV e XV (SCHMITZ e BARBOSA, 1985; ATAÍDES, 1998).

Vale ressaltar, que nessa mesma área verifica-se a presença de contatos estabelecidos com outros grupos, afirmação corroborada pela presença de materiais *Tupiguarani* em sítios Aratu e Uru, “[...] o que parece indicar que o Tupiguarani era intrusivo numa área densamente povoada por populações horticultoras diferentes” (SCHMITZ e BARBOSA, 1985, p. 17). De acordo com os mesmos autores a presença no município de Serranópolis parece indicar “[...] como se pequenos

grupos tivessem ai acampado, quando já as culturas anteriores não mais aí estavam" (SCHMITZ e BARBOSA, 1985, p. 16).

Para a Fase São Domingos foram estudados dois sítios arqueológicos, localizados no oeste da Serra Geral, na vertente do rio Paranã - municípios de São Domingos e Monte Alegre de Goiás (Distrito de Prata) (SCHMITZ e BARBOSA, 1985; ATAÍDES, 1998).

> O primeiro sítio esta localizado no sopé de um paredão de calcáreo, às margens do rio São Bernardo, num desnível de 50m, cuja plataforma foi utilizada como local de enterramento. Nesta estreita plataforma, rente ao paredão, há uma certa quantidade de urnas enterradas em covas rasas, algumas das quais já aflorando à superfície. Foi realizada escavação em três localidades que denominamos sepultamento 1, 2, 3 (SCHMITZ e BARBOSA, 1985, p.17).

No primeiro sepultamento foram encontrados materiais pertencentes a três vasilhames. Em um deles, o de menor tamanho, a decoração localizada no ombro e na borda caracteriza-se pela presença de engobo branco e pintura vermelha e vinho. De acordo com os autores supracitados *este recipiente servia de tampa*. Observou-se também a presença de *manchas de fogo parecendo indicar utilização doméstica*. O segundo recipiente não apresenta decoração, nele foram encontrados os ossos. Em ambos os vasilhames o antiplástico utilizado foi o caco moído. Quanto ao terceiro vasilhame foram encontrados fragmentos decorados considerados "intrusivos, fruto de deturpação provavelmente de um outro sepultamento, localizado na proximidade. – Os ossos que aparecem neste sepultamento são fragmentos de crânio e ossos maiores que caracterizam um indivíduo adulto" (SCHMITZ e BARBOSA, 1985, p.17 e 18).

O segundo sepultamento apresenta material referente a dois vasilhames. Um deles, de dimensão reduzia, era utilizado como tampa, no outro foram encontrados os ossos. Os vestígios ósseos identificam três indivíduos, "um adulto jovem e dois indivíduos muito jovens" (SCHMITZ e BARBOSA, 1985, p.18). O antiplástico identificado foi o caco moído. O vasilhame que continha material ósseo apresentava engobo branco.

No terceiro sepultamento foram identificados vestígios de dois vasilhames. O menor deles utilizado como tampa apresentava decoração (os

autores não descrevem a decoração), enquanto no outro sem decoração foram encontrados os ossos de um indivíduo adulto.

O segundo sítio identificado como da Fase São Domingos apresenta características de uma aldeia, localizado “num amplo vale aberto, quase ao sopé de maciços calcáreos” (SCHMITZ e BARBOSA, 1985, p.18). A cerâmica apresenta decoração e o tempero assim como os demais fragmentos caracteriza-se pela presença do caco moído. Segundo Schmitz e Barbosa (1985, p.18), “os sítios identificados provavelmente sejam ocupações posteriores a chegada dos portugueses no Brasil”.

A baixa ocorrência de sítios arqueológicos filiados à Tradição Tupiguarani é discutida por alguns autores (WÜST, 1990; SCHMITZ e BARBOSA, 1985) de diferentes formas. Nesse contexto são apresentadas hipóteses para os seus assentamentos, que versam sobre: uma alta mobilidade espacial do grupo, bem como a dificuldade em estabelecer-se em uma região densamente povoada por grupos portadores de outras tradições ceramistas (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996).

Para Oliveira e Viana (1999/2000), no Centro-Oeste apesar da condição minoritária, grupos Tupiguarani ocuparam parte da região formando sítios exclusivamente Tupiguarani ou sítios multicomponenciais.

Para Azevedo Netto (1999, p.101), “a ocupação dessa tradição está relacionada aos demais sítios existentes na área, ora entre eles, ora por cima das antigas tradições, chegando a ser encontrados restos em superfície, em abrigos de Serranópolis”. De acordo com Prous (1992), estabelecer um padrão de assentamento Tupiguarani seria uma tarefa muito difícil em relação à variedade de situações encontradas. Suas aldeias apresentam morfologias diversas, instaladas próximas aos grandes rios e córregos perenes, favorecendo as atividades de abastecimento, assim como o transporte.

Na cerâmica, o antiplástico presente na pasta caracteriza-se por caco moído e mineral, além de carvão, concha moída, e cariapé, este em menor quantidade. Os vasilhames indicam formas esferóides de bordas infletidas, grandes jarros com ombros e bordas cambadas reforçadas externamente, pratos (assadores rasos), tigelas, vasilhames rasos com bordas reforçadas e vasos semiglobulares com bases convexas ou planas.

A decoração plástica caracteriza-se por inciso, ponteado, acanelado, digitado, digitungulado, nodulado, pinçado, beliscado, roletado e corrugado (reduzido

ou ausente), enquanto a decoração pintada é policrômica em vermelho, marrom ou preto sobre engobo branco ou vermelho.

O material apresenta, ainda, testemunhos como furo-de-suspensão, alça, asas e cachimbo.

As urnas funerárias pertencentes aos sítios filiados à Tradição Tupiguarani diferem, na forma e no tamanho natural (menores), daquelas verificadas nos grupos filiados à Tradição Aratu. Os sepultamentos localizados caracterizaram-se de duas maneiras: aqueles em covas e aqueles realizados em urnas funerárias, presentes na quase totalidade dos sítios arqueológicos.

O material lítico caracteriza-se por lâmina de machado polida, mão de mó, quebra coco, bigorna, polidores, percutores, bifaces e lascas de quartzo.

Os contatos extra grupais se desenvolveram de forma estreita não apenas com os grupos filiados à Tradição Uru, mas também com os grupos filiados à Tradição Aratu. Oliveira (2005) corrobora esse intenso processo de interação cultural, a partir dos dados levantados para o médio curso do rio Tocantins[6], no entanto, assinala que esses eventos ocorreram de forma menos expressiva com o horizonte Tupiguarani. Ressalta ainda, a ocupação tardia nessa área, em relação a outros dados cronológicos obtidos para o Brasil Central, relacionando a ocupação Tupiguarani ao século XV.

> A presença de cauixi associado ao caco moído e a decoração pintada em forma de faixas são características que relacionam os sítios trabalhados pelo PRAL ao contexto amazônico. Tal relação indica que esses sítios com cerâmica Tupiguarani teriam alcançado o Planalto Central por meio de um movimento de expansão territorial proveniente da Amazônia, possivelmente utilizando o próprio curso do rio Tocantins como via de acesso (MORALES, 2008).

Embora os grupos filiados à Tradição Aratu inicialmente tenham ocupado todo o Centro-Sul de Goiás, entende-se que eles teriam cedido seus limites Norte e Oeste, vales do Tocantins e Araguaia à expansão dos grupos filiados a Tradição Uru (SCHMITZ et al., 1982 apud ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996), no alto

[6] Trabalho realizado no âmbito do Programa de Resgate Arqueológico da UHE Luís Eduardo Magalhães – Lajeado/TO – PRAL.

vale do Tocantins foi evidenciada a presença de materiais Tupiguarani em sítios atribuídos à tradição ceramista Aratu.

Segundo Robrahn-González (2001), o deslocamento do grupo Tupi, quando da sua saída da Amazônia, em direção a outros territórios brasileiros, encontrou-os amplamente ocupados,

> [...] desta maneira, muitas vezes os grupos Tupi penetraram territórios alheios, provocando diferentes formas de contatos culturais, de natureza pacífica ou belicosa. Alguns grupos teriam sido incorporados, passando a fazer parte de suas comunidades; outros grupos, ao contrário, teriam sofrido um processo de "tupinização", conservando parte de seus padrões culturais de origem (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2001, p.28).

> Exemplo disso nos é dado pela região do Planalto Central Brasileiro que, durante os 2.500 anos de expansão Tupi, foi ocupado por diferentes grupos ceramistas, relacionados a tradições arqueológicas diversas (Una, Aratu, Uru e finalmente grupos Bororo). Com todos eles o elemento Tupi estabeleceu contatos, através de um constante fluxo de trocas de objetos e informações (vasilhas Tupi são recorrentemente encontradas em meio às aldeias do Planalto Central) (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2001, p.29).

Estudar um tipo de sítio minoritário como o Tupi a partir do Planalto Central não se apresenta em nenhum momento como tarefa de fácil execução, já que seus assentamentos são significativamente reduzidos neste território cuja ocupação predominantemente está relacionada a um universo Jê. Dentro dessa proposta faz-se necessário retomarmos algumas discussões sobre a arqueologia Tupi, isso significa falarmos um pouco sobre o centro de origem e as rotas de expansão, e não poderíamos fazer isso sem os trabalhos linguísticos, etnográficos e arqueológicos.

> Existem hoje quatro hipóteses para a origem e dispersão dos povos da família linguística Tupi-Guarani: três baseadas em dados linguísticos (Urban 1996, Rodrigues 2000 e Mello e Kneip 2005) e uma hipótese baseada em dados arqueológicos (Brochado 1984). As hipóteses de Rodrigues e Urban são semelhantes, colocando a origem da família Tupi-Guarani em local semelhante ao do tronco Tupi, com base na segunda técnica mencionada por Campbell, e estão em discordância com a hipótese de Brochado (Mello e Kneip, 2006).

A segunda técnica citada (CAMPBELL, 1998) diz respeito à *Teoria da Migração Linguística*, ou seja, a área que detém a maior concentração linguística dentro da família provavelmente seja a área de origem do grupo.

Rodrigues (2000, p.1) discute sobre as rotas de migração ou expansão dos Tupi focado segundo o próprio autor nos "indicadores linguísticos em contraponto só com a distribuição geográfica". O autor (1985) distingue oito subconjuntos de línguas na família Tupi-Guarani, baseados em critérios fonológicos. Dentro desses subgrupos ele faz referência "que parte das do subconjunto IV se encontram a leste do rio Tocantins, no Gurupi e no Pindaré, na chamada Pré-Amazônia, e algumas do subconjunto VIII migraram para essa mesma área já após o início da colonização europeia" (RODRIGUES, 2000, p. 2). Ainda no escopo dessa classificação temos "as do subconjunto III, Tupi e Tupinambá, já mortas, mas documentadas por escrito nos séculos XVI e XVII, situavam-se no litoral atlântico, da costa de São Paulo até o litoral nordestino e a costa do Maranhão e do Pará, chegando até a foz do Tocantins, portanto na desembocadura do Amazonas" (RODRIGUES, 2000, p. 2).

Não faço aqui referência a todos os subgrupos, com o propósito de abordar alguns pontos que possam se discutidos no processo de expansão desses subgrupos em direção ao Planalto Central Brasileiro. Seguindo uma linha de raciocínio busco dados na Bacia do Rio Tocantins, a partir do contato com o trabalho de Pedroso (2006).

Nessa linha de raciocínio abordamos o estudo de Almeida (2008) em que se discute a ocupação da Bacia do Rio Tocantins em seu médio-baixo curso, importante no processo de construção do elemento Tupi no alto Tocantins.

> A questão da rota de migração (expansão) na região do baixo Tocantins é de vital importância. Um modelo defendido por Métraux aponta que os Tupinambás só chegariam à região do baixo Tocantins fugindo de caçadores de escravos europeus que estariam fazendo incursões no litoral maranhense. Outro modelo, defendido por Meggers e Schmitz (entre outros) defende, timidamente, para as populações Tupi do baixo e médio Tocantins, uma migração ocidente-oriente, partindo do atual Estado de Rondônia, ao longo da região sul do Amazonas (ALMEIDA, 2008, p.9).

Retornando ao trabalho de Pedroso (2006), e com liberdade no uso da analogia etnográfica, nos referimos ao argumento da autora em que ela destaca que frente à ocupação colonizadora o grupo Avá-Canoeiro, no final do século XIX, buscava áreas não ocupadas pelos colonizadores, por vezes acabavam por adentrar territórios de "outros povos indígenas já exterminados ou aldeados [...]. Em fuga constante os Avá-Canoeiro seguiam os cursos d'água atingindo suas cabeceiras e assim tinham acesso a regiões antes desconhecidas" (PEDROSO, 2006, p. 105).

A presença indígena na Bacia do Rio das Almas, tributário do rio Tocantins, em período pré-colonial remete à presença recuada destes grupos (Tupi) na região, dispersos em decorrência da exploração aurífera e economia agropecuária realizada pela população nacional.

Segundo Fernandes (1989, p. 47-48),

> [...] os grupos locais tupinambá independentes situavam-se muito longe da costa. Através dos Jesuítas conservavam-se algumas informações sobre os que povoavam uma região do Tocantins. Nos meados do século XVII, os grupos locais destes índios concentravam-se trezentas léguas da foz do rio Tocantins. Parece que os primeiros brancos que entraram em contato com eles pertenciam à entrada do cabo Bento Rodrigues de Oliveira. Os membros desta entrada, em 1647, desceram muitos Tupinambá do Tocantins. Ocupavam-nos como escravos nas povoações do Pará.

Segundo Neiva (1986, p. 455),

> [...] a grande expedição de 1796, enviada pelo Capitão-General Tristão da Cunha Menezes ao Governador do Pará, destruiu muitas de suas aldeias, localizadas em ilhas do Tocantins, não havendo notícias de que, em tempo algum, se fizesse tão grande carnificina, em alojamento de selvagem.

Nesse processo de expansão colonizadora, muitos foram exterminados, aqueles que não foram, debandaram para o sertão. Segundo Schmitz (comunicação pessoal, 2006), o Tupi do Centro-Oeste pode ser um Tupi fugido da escravidão.

Localizados na Bacia do Alto Rio Tocantins, habitando em local próximo a área do empreendimento da UHE Serra da Mesa, o grupo indígena Tupi/Avá-Canoeiro foi localizado à época, com seis integrantes.

> As primeiras notícias sobre os índios avá-canoeiros remontam ao final da década de cinquenta do século XVIII, quando frentes agropastoris instalaram-se em seus territórios. Nesse século, considerava-se como território avá-canoeiro o sertão de Amaro Leite, ilhas do Tocantins, pertencentes aos julgados de São Félix, Traíras e São João da Palma (PEDROSO, 1994, p. 51-52).

De acordo com Pedroso (1994), os Avá-Canoeiros se instalaram às margens do Tocantins em época 'remota', provavelmente conquistando um espaço dominado por grupos Jês. Foram localizados pelos colonizadores em meados do século XVIII nos rios Santa Tereza, Canabrava, das Almas e Maranhão, quando a população voltou-se para vida rural em virtude da decadência das minas de ouro.

Segundo a mesma autora, "aparentemente ocorreu o mesmo padrão de assentamento intruso de horticultores pré-históricos da tradição cerâmica tupiguarani e de um grupo histórico Tupi como os avá-canoeiros" (PEDROSO, 1994, p. 69).

> A reflexão que se faz é que os Jês goianos, adaptados ao cerrado e tendo suas aldeias radicadas em interflúvios, deixavam as áreas de mata galeria que margeiam o rio Tocantins mais livres. Assim, os Ava-canoeiros subiram o rio Tocantins, estabelecendo-se ao longo de seu curso, pois essas áreas eram menos densamente ocupadas. Possivelmente os Ava-canoeiros lutaram pela conquista desse território (PEDROSO, 1994, p. 68-69).

Retomando a discussão sobre o ponto de origem e expansão Tupi, Noelli (2008) divide estes estudos em cinco momentos distintos até o ano de 1984. O primeiro deles estava relacionado à percepção da unidade linguística dos povos Tupis (Von Martius, Karl Von de Steinen, Paul Rivet e Cestmír Loukotka), o segundo à abordagem etnológica (Erland Nordenskjöld, Alfred Métraux), o terceiro caracterizava-se pela revisão linguística (Aryon Rodrigues), o quarto estava relacionado às informações arqueológicas (Ladislau Neto, Herman Von Ihering, Clifford Evans e Betty Meggers) e o quinto está relacionado à pressão demográfica (Donald Lathrap).

Surge então, no cenário dessas discussões o trabalho de José Proenza Brochado, procurando *estabelecer a continuidade entre o contexto arqueológico e cultural*. Nessa perspectiva propôs um modelo baseado na "distribuição geográfica histórica dos falantes Tupi, relação genética entre as línguas do Tronco Tupi,

distribuição geográfica das cerâmicas arqueológicas da Tradição Policroma Amazônica (TPA) e distribuição geográfica e temporal das datações das cerâmicas da Tradição Policroma Amazônica*"* (NOELLI, 2008, p. 23).

No modelo proposto por D. W. Lathrap e J. P. Brochado de difusão da cerâmica Tupi-Guarani,

> [...] a Amazônia Central constituía um poderoso centro de originação e a maior parte das inovações encontradas não só dentro da Amazônia como fora dela, resultaram de desenvolvimentos no seu interior. Em contraste, no Alto Amazonas, nas cabeceiras dos maiores tributários do Amazonas; assim como na imensa área periférica constituída pelo litoral atlântico, as bacias dos rios costeiros e o sistema fluvial Paraná-Paraguai-Uruguai, incluindo o planalto central brasileiro; em vez de mudanças graduais se observa a sobreposição de culturas cerâmicas muito diferentes, trazidas por vagas migratórias sucessivas ou episódios de "colonização", vindas da Amazônia Central (BROCHADO, 1989, p. 69-70).

O modelo proposto por Aryon Rodrigues sugeriu o "sudoeste da Amazônia, atual estado de Rondônia, baseado no princípio da linguística histórica de que a área de concentração do maior número de famílias linguísticas filiadas ao tronco linguístico tem mais chance de ser a região de origem*"* (NOELLI, 2008, p. 29).

Mais recentemente, temos o trabalho de Heckenberger, Neves e Petersen (1998), rediscutindo a premissa proposta por Lathrap, Brochado e Noelli "para uma suposta origem da TPA antes da era cristã, e consequentemente, para uma localização na Amazônia central para o centro de dispersão inicial dos grupos tupi*"* (HECKENBERGER, NEVES e PETERSEN, 1998, p.13). Pesquisas realizadas no baixo rio Negro e no rio Solimões "tem trazido evidências de que a TPA não é muito mais antiga na Amazônia Central que em outras partes da bacia Amazônica*"* (HECKENBERGER, NEVES e PETERSEN, 1998, p. 3).

Todavia, mesmo com a desconstrução dos modelos, visto que isso é inerente do processo de pesquisa em desenvolvimento e contribui para o avanço da ciência, vale ressaltar uma contribuição de Brochado, assinalada por Noelli, que segundo ele, precisa ser testada, a "noção de redes regionais*".*

> Tantos os Guarani quanto os Tupinambá, como se constata nas fontes coloniais, formavam redes regionais interligando os assentamentos em

> larga escala geográfica. A vizinhança destas redes ligava, nos casos Guarani e Tupinambá, lugares tão longínquos quanto à foz do Rio Prata, o litoral do Rio Grande do Sul, o interior de Minas Gerais, de Goiás e São Paulo (NOELLI, 2008, p.35).

Nessa perspectiva a *noção de redes regionais* poderia contribuir para uma melhor caracterização da Bacia do Alto Rio Tocantins em virtude do rico potencial arqueológico nela identificado pelos vários projetos de pesquisas executados.

3.2. UMA PERSPECTIVA TEÓRICA

A análise dos sítios arqueológicos abordará em primeira instância o contexto de ambientação refletindo como esse espaço natural vai sendo utilizado pelos grupos populacionais em seu sistema de ocupação. Nesse sentido a arqueologia da paisagem configura-se como o ponto de partida para nossa discussão.

> Fundamentada nas bases teóricas e conceituais das disciplinas de origem, a arqueologia da paisagem converge seus esforços em duas dimensões: a matriz ambiental natural, relacionada com o meio físico-biótico, e o ambiente modificado, relacionado com o meio socioeconômico e cultural. Ela se configura como uma estratégia de investigação para o estudo dos processos sociais em sua dimensão espacial, reconstituindo e interpretando a evolução da paisagem arqueológica e os padrões de assentamento a partir das expressões materiais da cultura (MORAIS, 2006, p. 17).

O enfoque proposto pela arqueologia da paisagem não se direciona a um único sítio arqueológico, mas ao conjunto de informações inter e intra-sítios arqueológicos e sua relação com a paisagem, como o espaço geográfico vai sendo ocupado pelas populações ao longo do tempo, considerando os fatores que influenciaram na formação dessas paisagens culturais.

As informações arqueológicas obtidas por trabalhos anteriores associadas aos levantamentos arqueológicos contribuem na identificação do patrimônio arqueológico regional e seu gerenciamento, prevendo assim poucas intervenções, refreando a ânsia pela escavação, conservando a maior parte do registro arqueológico, inclusive o seu potencial para gerações futuras de arqueólogos.

Para Morais (2006, p. 6), “linhas de pesquisa como a arqueologia da paisagem intervém menos no registro arqueológico, esforçando-se para mostrar que é possível reconstituir concretamente a maneira como as populações organizaram seu espaço com o mínimo de intervenção”. O autor destaca ainda que

> [...] alguns fatores, especialmente de ordem econômica (a escavação é onerosa), técnica (há instrumentos modernos que rastreiam os registros arqueológicos, sem tocá-los) e de conservação (a escavação desmonta o sítio), vêm colaborando para que se firme a ideia da fidelidade de certo tipos de intervenção, além da escavação (MORAIS, 2006, p. 6).

Por se tratar de áreas já com algum conhecimento em arqueologia, o emprego dos estudos na vertente da arqueologia da paisagem tende a exigir um reposicionamento frente a questões discutidas nos trabalhos anteriores que passam a ser reformuladas.

É nessa releitura de definições de espaço, que vai além do físico, que a arqueologia da paisagem aborda os contextos culturais, é uma relação mais exposta com o indivíduo que modifica esse espaço para atender à projeção de suas necessidades. Nesse sentido, podemos trabalhar a arqueologia da paisagem a partir de uma perspectiva do universo humano.

Segundo Morais (1998, p. 6), “a arqueologia da paisagem é uma arqueologia ‘não destrutiva’”, uma arqueologia que privilegia a questão do planejamento e gestão, utilizo aqui a referência de Criado Boado (2005) para explicar o termo gestão descrito por ele como “proteção, estudo, recuperação e revalorização do patrimônio”.

Essa teoria enfatiza os sítios arqueológicos e sua relação com a paisagem, no entanto, a arqueologia da paisagem não se pauta apenas pelas relações com o meio ambiente (recursos naturais), mas representa decisões individuais ou de grupos com relação ao uso e ocupação do solo, é a interação humana com o ambiente.

> [...] la Arqueología da Paisaje estudia un tipo específico de producto humano (el paisaje que utiliza una realidad dada (el espacio físico) para crear una realidad nueva (el espacio social): humanizado, económico, agrario, habitacional, político, territorial...) mediante la aplicación de un

> orden imaginado (el espacio simbólico: sentido, percibido, pensado...) (CRIADO BOADO, 1999, p. 6-7).

O conceito de paisagem pode ser abordado de várias formas no âmbito de diferentes áreas do conhecimento, o que envolve vários profissionais, dentre esses campos podemos citar a arqueologia que apesar de ser uma discussão recente tem tratado dessa abordagem. Citando Martínez de Pisón (2003, p. 3),

> [...] en la estructura del paisaje reside la máquina no visible que ocasiona sus transformaciones, regulaciones y su formalización; y, sobre todo, su capacidad de constituir un conjunto cuyos componentes son solidarios y se interrelacionan, articulan y compenetran funcionalmente. La forma adquirida por esa estructura es realmente el paisaje visible, la rugosidad material que condiciona la vida y es condicionada por ella, de modo que la faz del paisaje es sólo el aspecto externo de esa forma, el rostro de la configuración geográfica. Para entender la estructura, conviene recordar que no hay espacio geográfico sin función. Los paisajes son acumuladores de herencias que fijan el proceso que los forma.

Morais (2006, p. 17), diz que “o sentido da palavra paisagem varia de acordo com a escala de observação e os critérios de classificação, dependendo do ângulo prioritário da geografia enquanto disciplina do meio físico-biótico e do meio socioeconômico e cultural”.

A paisagem pode ser compreendida não só pelos seus aspectos físicos, mas pelas manifestações constantes do homem desencadeando alterações de vários níveis com o ambiente, reconhece-se assim que as paisagens representam as interações humanas com o meio natural - a paisagem passa a ser vista como artefato cultural, o que até então era restrito aos testemunhos arqueológicos.

> No hay paisaje sin hombre porque la ubicuidad humana ha llevado nuestra huella hasta casi todos los lugares, y porque únicamente la mirada del hombre cualifica como “paisaje”, vuelve paisaje lo que naturalmente era sólo territorio. Y no hay hombre sin paisaje porque estamos hechos de él, en reciprocidad vital. [...] El paisaje no es, pues, sólo la apariencia del territorio, no es sólo una figuración, sino una configuración (MARTÍNEZ DE PISÓN, 2003, p. 7).

Para Roberts (1987, p. 79),

> [...] landscapes, which may be defined as the assemblages of real-world features – natural, semi-natural and wholly artificial – give character and diversity to the earth's surface and form the physical framework within which human societies exist. They are closely linked to all aspects of human life, for not only are there practical economic bonds – the majority of human beings which have ever existed were hunter-gatherers or peasant farmers – there are also powerful social, religious and psychological bonds.

Nesse contexto a paisagem não se caracteriza apenas por um panorama fixo, imóvel produto apenas dessa 'estrutura física', mas são cenários nos quais aquela população promove interferências que nada mais são do que o resultado de sua relação com o espaço em que vive. Algumas dessas mudanças são voluntárias e outras não, algumas são intencionais, outras são decorrentes de sua estada, seus costumes relacionados com a busca e preparação de sua alimentação, com a adequação para seu repouso, sua proteção, sua circulação, dentre outros.

Não é possível permanecer ileso à ação do tempo, dos fatores climáticos, da existência de seres vivos que provocam reações naquele habitat que são irreversíveis, pois mesmo que em várias situações, um espaço possa parecer similar, nunca será idêntico.

Prosseguindo, Morais (2006, p. 17) destaca que a ideia de paisagem, ressaltando-a como *tema "*clássico da investigação geográfica*"*,

> [...] varia conforme o interesse de que é objeto ou a maneira como ela é encarada. São diferentes os enfoques que geógrafos, historiadores e arquitetos adotam no trato da paisagem que simplesmente tem sido definida como a parte de um território que se apresenta como um cenário formado por um mosaico de elementos relevantes ao observador. Portanto, o entendimento da paisagem resulta da análise de tudo o que é visível à observação, compondo um organismo complexo de múltiplas variáveis.

Indiferentemente do conceito, a ênfase no estudo arqueológico das paisagens culturais tem recaído sobre a natureza das ligações entre os locais e dentro deles, trabalhando com as decisões humanas sobre os espaços.

*"*A paisagem não existe passivamente em uma plataforma onde as funções sociais ocorrem, mas são afetadas por considerações sociais e econômicas, ou seja, a paisagem edificada é socialmente construída*"*[7]. De acordo com Martínez de Pisón (2003, p. 1), "los paisajes son las configuraciones de los espacios geográficos, que, además de ejercer funciones territoriales básicas, son capaces de tener intensas influencias morales y culturales" Ainda, segundo o autor, "si el paisaje resulta de una morfología territorial, además contiene ideas, imágenes, una cobertura cultural y vivencial" (MARTÍNEZ DE PISÓN, 2003, p. 2).

Em termos de método e técnica a arqueologia da paisagem privilegia e revitaliza o levantamento arqueológico (levantamentos estimativos[8], levantamentos avaliatórios[9], levantamentos mitigatórios[10]), para adoção de medidas de conservação dos sítios arqueológicos, coloca em pauta alguns conceitos como o de sítios arqueológicos, local de interesse arqueológico e levantamento arqueológico.

Revitalizando o levantamento arqueológico, tem-se uma ideia da área investigada, um levantamento com outro direcionamento em que são adotadas novas tecnologias de investigação, contribuindo para a aplicação de medidas de conservação dos sítios arqueológicos. Uma boa arqueologia não significa ter escavação, para a arqueologia da paisagem os sítios de superfície são importantes.

> Um dos melhores meios de se compreender as paisagens do passado é tentar recompô-las e, neste caso, o fator geo se faz marcar

[7] MORAIS, J. L. (Coord.) Arqueologia da paisagem: questões conceituais e metodológicas. *SAB - X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Recife, 1999. (Comunicação Temática).

[8] "Objetiva localizar e promover um levantamento básico estimativo de sítios e locais de interesse arqueológico anteriormente identificados, sob a ótica da arqueologia da paisagem; cobre uma área extensa" (MORAIS, 1998, p. 50).

[9] "Correspondem à fase de identificação. [...] definem a extensão e a forma dos sítios e dos locais de interesse arqueológico individualmente, relacionando-os com a topomorfologia, considerando os parâmetros do modelo locacional. Proporciona registros mais detalhados para análises acadêmicas do desenvolvimento da paisagem; cobre áreas menores*"* (MORAIS, 1998, p. 51).

[10] "Correspondem à fase de manejo ou gerenciamento. Representam o registro arqueológico, quando as geotecnologias são usadas em sua maior profundidade. [...] Nesta fase decide-se, por exemplo, se o sítio será preservado in situ ou se a sua preservação far-se-á por meio do registro de suas estruturas*"* (MORAIS, 1998, p. 51).

> acentuadamente. Se for possível vislumbrar o que as comunidades do passado vivenciaram, estar-se-á bem próximo de entender as suas ações. Como foi dito anteriormente, entender a paisagem que rodeia um sítio ou um local de interesse arqueológico ajuda na tarefa de se reconstruir o passado cultural (MORAIS, 1998, p. 75).

Cabe lembrar algumas técnicas que permitem compreender melhor a paisagem e o entorno de ambientação dos sítios propriamente ditos bem como dos locais de interesse arqueológico, como identificar, registrar e gerenciar o patrimônio arqueológico - o uso de GPS (sistema de posicionamento global) para a localização de sítios arqueológicos, SIG (sistema de informação geográfica), sensoriamento remoto, fotos aéreas, imagens de satélites e outros recursos.

Nesse contexto de profundas transformações na paisagem da região que se estende ao longo do tempo, estruturar-se-ão as relações estabelecidas entre os elementos do contexto arqueológico, em conjunto com os fatores ambientais envolventes identificados no universo da pesquisa.

Morais *et al.* (1998) “afirmam que as condições ambientais parecem ter sido favoráveis aos assentamentos das populações indígenas do passado ao presente, afirmação corroborada pela densidade de sítios arqueológicos e pelos remanescentes de grupos indígenas até os dias de hoje”. A esse respeito destacamos a presença do grupo Avá-Canoeiro.

Reconstituir a paisagem no intuito de recuperar os cenários, ressaltando que essa reconstituição caracteriza-se pelo estudo do processo de artificialização do meio ambiente (paisagem natural), implica não só entender os fatores de ordem ambiental que influenciavam na relação homem/meio, bem como nas relações entre o ambiente e a esfera sociocultural.

Em um segundo momento adotaremos no escopo teórico um diálogo com os estudos de interação cultural. Os grupos agricultores-ceramistas, filiados à *Tradição Tupiguarani*, não ocuparam essa região central do Brasil de forma intensiva, mas, dentro desse contexto, favoreceram contatos extra grupais, mantidos com outros grupos já instalados nesse território.

Dialogar com os estudos de interação cultural nada tem de inovador e, de acordo com Robrahn-González (1999), trabalhos nessa área de pesquisa vêm sendo abordados pela arqueologia desde o século passado.

Seu emprego insere-se, pela primeira vez, nas discussões da Escola Difusionista, que passa a valorizar a interação social e sua contribuição para a adição de dados significativos a mudanças culturais, em oposição ao enfoque da evolução biológica das espécies, proposto pela Escola Evolucionista (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999).

> Alertavam que a interação constituiria um fenômeno particular relacionado à história das sociedades individuais sendo, assim, imprevisível e assistemática. A difusão, anteriormente utilizada para explicar diferenças na velocidade da mudança cultural, tornou-se a causa desta diversidade (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999, p. 31).

Para Schortman e Urban (*apud* ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999, p. 31), os princípios adotados pela Escola Difusionista não representavam as posições dos arqueólogos, "[...] particularmente com os sistemas classificatórios propostos, nos quais os artefatos e estilos de artefatos eram considerados como elementos destituídos de qualquer significado comportamental".

Com os trabalhos desenvolvidos na década de 1930, é apresentada uma variedade de questionamentos; assim sendo, a difusão

> [...] passou a não ser mais considerada como um processo automático, mas sim como um fenômeno que operaria dentro de um contexto cultural e ambiental específico, definindo como as inovações se expandiriam e afetariam as sociedades receptoras (SCHORTMAN e URBAN, *apud* ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999, p. 31).

A década de 1940 apresenta um novo perfil, pois nesse período, desenvolvem-se a Escola Determinista e os estudos de Ecologia Cultural, relegando a abordagem da difusão a um segundo plano. Até então, não se acreditava que o processo de interação fosse a grande força motriz das mudanças culturais. Nessa nova proposta, as mudanças culturais tinham alicerces mais firmes na sua estreita relação com o meio ambiente.

Representando outro momento, a década de 1960 caracteriza-se pela insatisfação com os estudos evolucionistas e difusionistas: nasce então a New Archaeology. Daí surge os estudos de troca, e as trocas eram palpáveis, no sentido de que, produziam *resultados recuperáveis* (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999, p. 32).

Encontram-se, nesse momento teórico, considerações pertinentes ao contato e à sua contribuição para a mudança cultural. A análise foi concebida associada aos estudos de troca. As discussões procuravam detectar a intensidade em que se davam as trocas, quais os grupos envolvidos nesse processo e qual o valor que estavam agregados a essas relações. Apesar dos vários estudos desenvolvidos, acreditava-se que essas correlações mediadas pelo sistema de troca nem sempre eram tão representativas: “a principal delas é que a troca não poderia ser considerada como o único fenômeno de interação cultural. Na verdade, a troca seria apenas uma parte da interação, e sua intensidade e volume também não necessariamente refletiriam a importância da interação*”* (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999, p. 32).

A década de 1970 toma outro entusiasmo. Os estudos começam a abrir novos espaços, em oposição à ênfase dada ao *ambiente, à economia e à subsistência* pela New Archaeology. Esse novo período marca o surgimento dos estudos Pós-Processualistas, e o reconhecimento do “[...] indivíduo como agente em processos de mudanças sociais*”* (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999, p. 33).

Atualmente, os estudos de etnicidade têm contribuído com novas reflexões. “Segundo esses estudos, a interação cultural ocorreria de acordo com o status étnico definido pelo indivíduo*”* (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999, p. 33). Convém destacar, no âmbito da proposta as dificuldades no processo de identificação do *status* em trabalhos de arqueologia, mas que, apesar disso, representam novas abordagens a serem trabalhadas.

Todas essas discussões descrevem o desenvolvimento dos estudos de interação cultural com enfoque às mudanças culturais, possibilitando uma reflexão acerca dos conceitos, de sua importância para o desenvolvimento da pesquisa arqueológica, na medida em que indica uma perspectiva de análise.

CAPÍTULO IV - SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

4.1. MATERIAL E MÉTODO

O suporte teórico-metodológico adotado no tratamento do material arqueológico resgatado no decorrer dos Projetos de Salvamento das UHEs Serra da Mesa e Cana Brava foi baseado em Robrahn-González (1991, 1996) adaptado e experimentado a partir de Faccio *et al*. (1998).

Nessa análise, Robrahn-González (1996, p. 78) considera

> [...] como unidade básica o vasilhame cerâmico enquanto artefato, vetor de informação que conduz principalmente às atividades cotidianas, mas cujo conteúdo sociológico permite discutir sobre esferas não materiais da cultura. Não se consideraram, portanto, os fragmentos cerâmicos e a análise de seus atributos de maneira isolada, mas sim as relações que mantêm entre si numa forma particular de vasilhame.

Para Faccio *et al*. (1998, p. 13), "o pressuposto básico desta metodologia é tomar o vasilhame ou artefato cerâmico enquanto unidade de estudo, considerando o objetivo maior da arqueologia que é o estudo de sociedades humanas*"*.

O estudo privilegiou as informações provenientes dos fragmentos, estruturando-as e padronizando-as de forma tal que permitissem o estudo do vasilhame.

> Trata-se de tomar o artefato enquanto objeto de análise, uma vez que, como todo comportamento cultural, a produção cerâmica é estruturada em padrões e sequências, que não podem ser obtidos por dados isolados (sejam os fragmentos cerâmicos, sejam os atributos classificatórios), mas sim pela maneira como as informações se estruturam entre si, ou se padronizam numa forma de vasilhame (FACCIO, 1992, p. 81).

Monticelli (2007, p. 107) apresenta uma comunicação pessoal de André Jacobus (agosto 2005) em que ele "argumenta que os indígenas falantes de línguas classificadas na família linguística Tupi-Guarani são populações que guardam diferenças entre si, diferenças essas que possivelmente terão implicado em variações nas vasilhas de cerâmica que produziam". Entende assim que não é recomendável generalizar.

Segundo Monticelli (2007), é claro que existe uma margem de inovações ou alterações que foge ao controle, mas que, no entanto, são aceitas já que não impede que esses vasilhames sejam reconhecidos pelos seus por sua forma e função.

4.1. CRONOLOGIA DOS SÍTIOS

As datações obtidas pelo método da Termoluminescência[11] (Quadro 1/Fig.8) foram realizadas no LVCI – Laboratório de Vidros e Cristais Iônicos da Faculdade de Tecnologia de São Paulo, sob a coordenação da Profa. Dra. Sônia Hatsue Tatumi.

A datação pela Termoluminescência baseia-se no princípio de que os cristais como quartzos e carbonatos, contidos em materiais arqueo-geológicos acumulam certa concentração de armadilhas, criadas pela irradiação dos mesmos, pela radiação ambiental, oriundas da radiação cósmica e de elementos radioativos como Urânio, Tório, Potássio, etc, que se encontram no local onde esses materiais foram depositados ao longo do tempo (Sônia Hatsue Tatumi – documento emitido ao Laboratório de Arqueologia – LABARQ, em 24/09/1997).

Quadro 1 - Sítios arqueológicos datados pelo método Termoluminescência

Sigla/Sítio	Amostra/ Dados Locacionais	Material	Idade (anos AP)
GO-Ni.176 – Abrigo Pedra Talhada	SM 240 S1-T4-35L-N9	Cerâmica	2121
GO-Ni.176 – Abrigo Pedra Talhada	SM - 239 S1-D1-51a-N8	Cerâmica	1905
GO-Ni.176 – Abrigo Pedra Talhada	SM - 250 F-T1-N2	Cerâmica	1667

[11] "A datação pela Termoluminescência baseia-se no princípio de que os cristais como quartzos e carbonatos, contidos em materiais arqueo-geológicos acumulam uma certa concentração de armadilhas, criadas pela irradiação dos mesmos pela radiação ambiental, oriundas da radiação cósmica e de elementos radioativos como Urânio, Tório, Potássio, etc, que se encontram no local onde esses materiais foram depositados ao longo do tempo" (Sônia Hatsue Tatumi – documento emitido ao Laboratório de Arqueologia – LABARQ, em 24/09/1997).

GO-Ni.176 – Abrigo Pedra Talhada	SM - 242 S1-T7-53o - N11	Cerâmica	1326
GO-Ni.176 – Abrigo Pedra Talhada	SM - 238 S1-T1-50b-N7	Cerâmica	1113
GO-Ni.176 – Abrigo Pedra Talhada	SM - 241 S1-T7-53o-N10	Cerâmica	1091
GO-Ni.176 – Abrigo Pedra Talhada	SM – 257 S1-T4-N4	Cerâmica	1041
GO-Ni.176 – Abrigo Pedra Talhada	SM - 243 S1-T7-54o-N12	Cerâmica	828
GO-Ni.176 – Abrigo Pedra Talhada	SM - 244 S1-D1-52e-N16	Cerâmica	718
GO-Ni.176 – Abrigo Pedra Talhada	SM - 255 S1-D1-52F-N6	Cerâmica	597
GO-Ni.176 – Abrigo Pedra Talhada	SM - 256 S1-D1-51v-N5	Cerâmica	587
GO-Ni.176 – Abrigo Pedra Talhada	SM - 258 S1-D1-53d-N2	Cerâmica	577
GO-Ni.231 - Copaíba	CB 5 Quadra N158-Superfície P11 Levantamento topográfico	Cerâmica	370±40
GO-Ni.206 - Tabarana	SM - 295 B70-Superfície	Cerâmica	761
GO-Ni.188 - Caranha	SM – 310 Superfície	Cerâmica	617

Obs: O método utilizado foi o de Doses Adicionais. Todas as idades têm 10% de incerteza, exceto a datação realizada no sítio GO-Ni.231 – Sítio Copaíba, conforme o quadro.

As amostras datadas pelo C14 (Quadro 2/Fig. 8) foram realizadas no Centro de Energia Nuclear na Agricultura – Campus “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo, sob a responsabilidade técnica do Prof. Dr. Luiz C. R. Pessenda.

Quadro 2 - Sítio arqueológico datado pelo método do C14

Sigla/Sítio	Amostra/ Dados Locacionais	Material	Identificação	% Carbono Moderno	δC - 13	Idade (anos AP)
GO-Ni.176 Abrigo Pedra Talhada	SM 274 S1 - D1 Q: 52e - N17	Carvão	Laboratório # 602/CENA # 247	70.04±0.78	δC – 13 = -27.2‰	2860±90
GO-Ni.176 Abrigo Pedra Talhada	SM 271 S1 - D1 Q: 52d - N16	Carvão	Laboratório # 601/CENA # 244	76.25±0.75	δC – 13 = -27.1 ‰	2180±80
GO-Ni.176 Abrigo Pedra Talhada	SM 275 S1 - D1 Q: 51z - N11	Carvão	Laboratório # 603/CENA # 248	85.31±0.72	δC – 13 = -27.5 ‰	1280±70
GO-Ni.176 Abrigo Pedra Talhada	SM 276 S1 - D1 Q: 51y - N9	Carvão	Laboratório # 604/CENA # 249	85.89±0.66	δC – 13 = -26.4 ‰	1220±60
GO-Ni.176 - Abrigo Pedra Talhada	SM 268 S1 - D1 Q: 51a - N7	Carvão	Laboratório # 597/CENA # 241	87.68±0.66	δC – 13 = -28.1 ‰	1060±60
GO-Ni.176 Abrigo Pedra Talhada	SM 277 S1 - D1 Q: 52z - N13	Carvão	Laboratório # 605/CENA # 250	89.34±0.67	δC – 13 = -25.5 ‰	910±60
GO-Ni.176 Abrigo Pedra Talhada	SM 279 S1 - D1 Q: 33t - N6 (associado ao pote)	Carvão	Laboratório # 607/CENA # 252	90.03±0.66	δC – 13 = -28.1 ‰	840±60
GO-Ni.176 Abrigo Pedra Talhada	SM 278 S1 - D1 Q: 49d - N4	Carvão	Laboratório # 606/CENA # 251	91.25±0.71	δC – 13 = -27.1 ‰	740±60
GO-Ni.176 Abrigo Pedra Talhada	SM 270 S1 - D1 Q: 51c - N5	Carvão	Laboratório # 600/CENA # 243	92.11±0.67	δC – 13 = -27.4 ‰	660±60
GO-Ni.176 Abrigo Pedra Talhada	SM 273 S1 - D1 Q: 51z - N10	Carvão	Laboratório # 598/CENA # 249	92.14±0.69	δC – 13 = -28.0 ‰	660±60
GO-Ni.176 Abrigo Pedra Talhada	SM 269 S1 - D1 Q: 51a - N6	Carvão	Laboratório # 599/CENA # 246	93.89±0.76	δC – 13 = -28.2 ‰	510±65

A amostra SM 272 (Quadro 3/Fig. 8) foi analisada pelo Iso Trace Radiocarbon Laboratory Accelerator Mass Spectrometry Facility at the University of Toronto, Canadá.

Quadro 3 - Sítio arqueológico datado pelo método do C14 (Canadá)

Sígla/Sítio	Amostra/ Dados Locacionais	Identificação	% Carbono Moderno	Idade (anos AP)
GO-Ni.176 Abrigo Pedra Talhada	Carvão SM 272 S1 - D1 - Q: 52E - N14	CENA # 245	82.87 ± 0.55	1510 ± 50

As cronologias obtidas possibilitam salientar a presença do Tupi, em expansão pelo Planalto Central, anterior à pressão imposta pelo processo colonizador. No entanto, fica nítido que as datações obtidas para o GO-Ni.176 Sítio Abrigo Pedra Talhada encontram-se bastantes recuadas, nesse sentido seria interessante que novos estudos pudessem fornecer outras datações para novas comparações e dessa forma inserirmos no contexto.

Em virtude dos dados cronológicos apresentados, cito dois sítios, também resgatados na área das UHE Serra da Mesa, que vem contribuir no sentido de corroborar algumas das datações apresentadas.

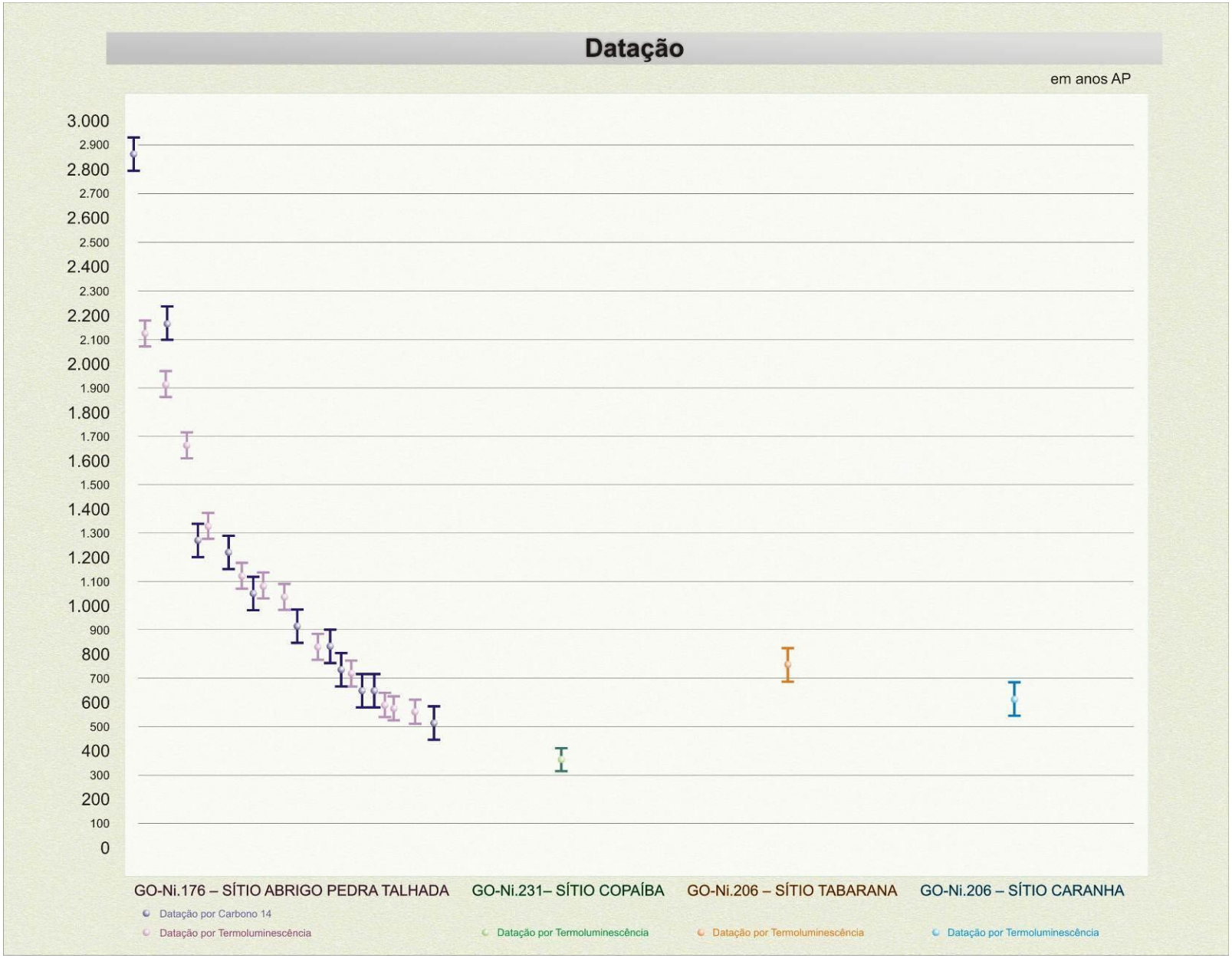
O GO-Ni.169 – Sítio Santa Cruz, cuja datação resultou em 1.131 anos AP ou século IX d.C. Esse sítio apresenta, na indústria ceramista, elementos decorrentes de um possível contato ocorrido entre grupos das tradições Tupiguarani (caco moído e decoração escovada) e Uru (base plana e base plana com pedestal). Esse dado, segundo as referências bibliográficas, representaria uma ocupação antiga por parte dos grupos ceramistas filiados à Tradição Tupiguarani. Conforme Souza (2003, p. 248), “no estado de Goiás, as ocupações datadas dos grupos vinculados à tradição ceramista Tupiguarani ocorreram a partir dos séculos XIII e XIV”. Além do sitio supracitado, o GO-Ni.124 Sítio Jaú (SOUZA, 2003, p. 248) “[...] apresenta duas datações bastante distintas, 1.052 anos A.P. e 254 anos A.P., uma muito antiga e a outra muito recente. Verificou-se, no entanto, que os materiais cerâmicos e líticos coletados apresentaram sinais de forte intemperismo, ocasionado pela ação do fogo por queimadas naturais, e, por essa razão, infere-se a falta de

confiabilidade nessa datação". Ainda, segundo a mesma autora, "[...] a datação mais antiga pode se referir a ocupações mais antigas de grupos Tupiguarani".

O laboratório responsável pela análise[12] manifestou-se sobre a datação mais recente informando que a amostra a ele remetida apresentou "quartzo insuficiente" para a obtenção precisa da temporalidade. Assim, a datação mais recente deve ser desconsiderada, o mesmo não sendo válido para a mais antiga.

[12] LVCI – Laboratório de Vidros e Cristais Iônicos. Faculdade de Tecnologia de São Paulo, 1997.

Figura 8 - Cronologia



4.3. GO-Ni.176 SÍTIO ABRIGO PEDRA TALHADA

O GO-Ni.176 Sítio Abrigo Pedra Talhada (Foto 1) [13] foi localizado a cerca de 50m da margem esquerda do rio Tocantinzinho, município de Niquelândia, estado de Goiás, coordenadas UTM E 794.300m/ N 8.456.144m (Fuso 22 – Hemisfério Sul), em altitude de 600-800 metros (Fig. 9).

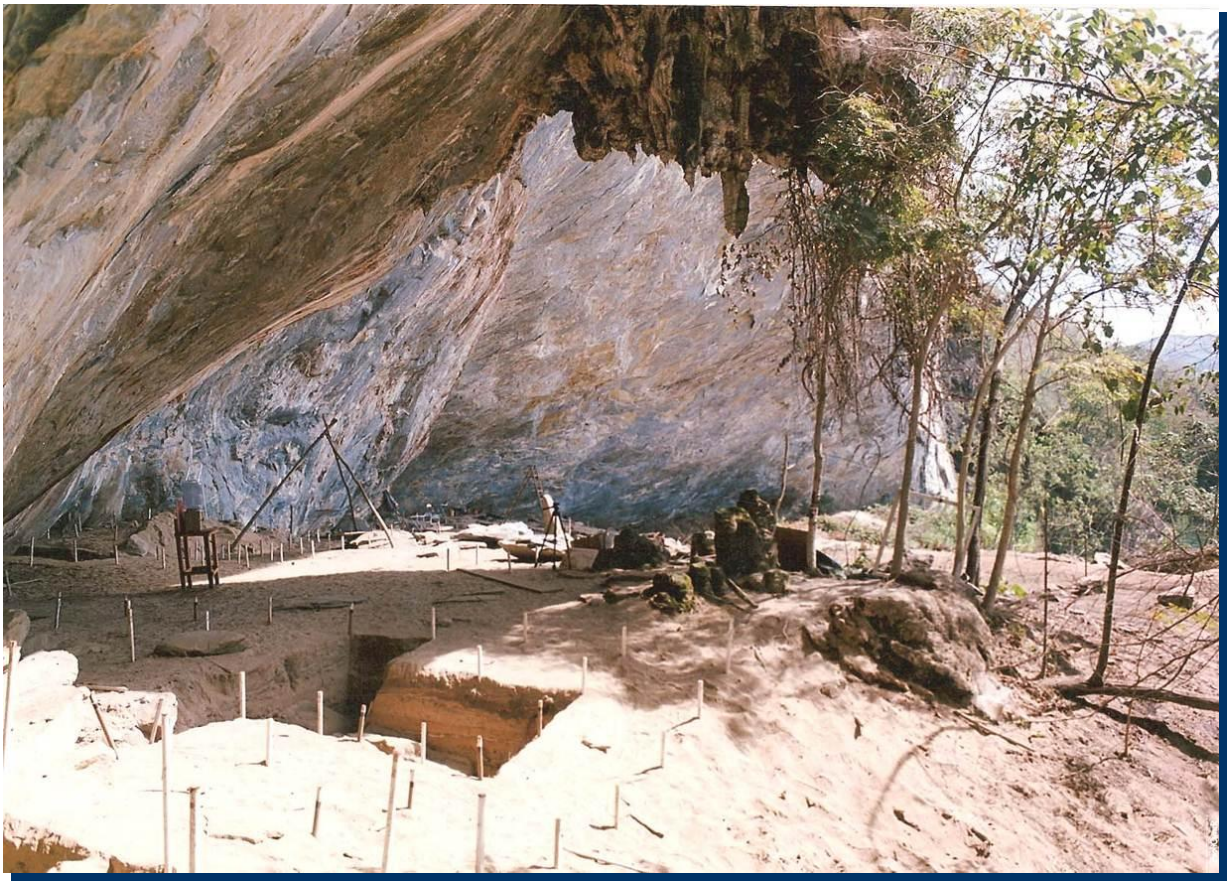


Foto 1 - GO-Ni.176 Sítio Abrigo Pedra Talhada

.

[13] As imagens constantes desse trabalho fazem parte do Acervo fotográfico dos respectivos projetos supracitados sob a guarda do Laboratório de Arqueologia do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás.

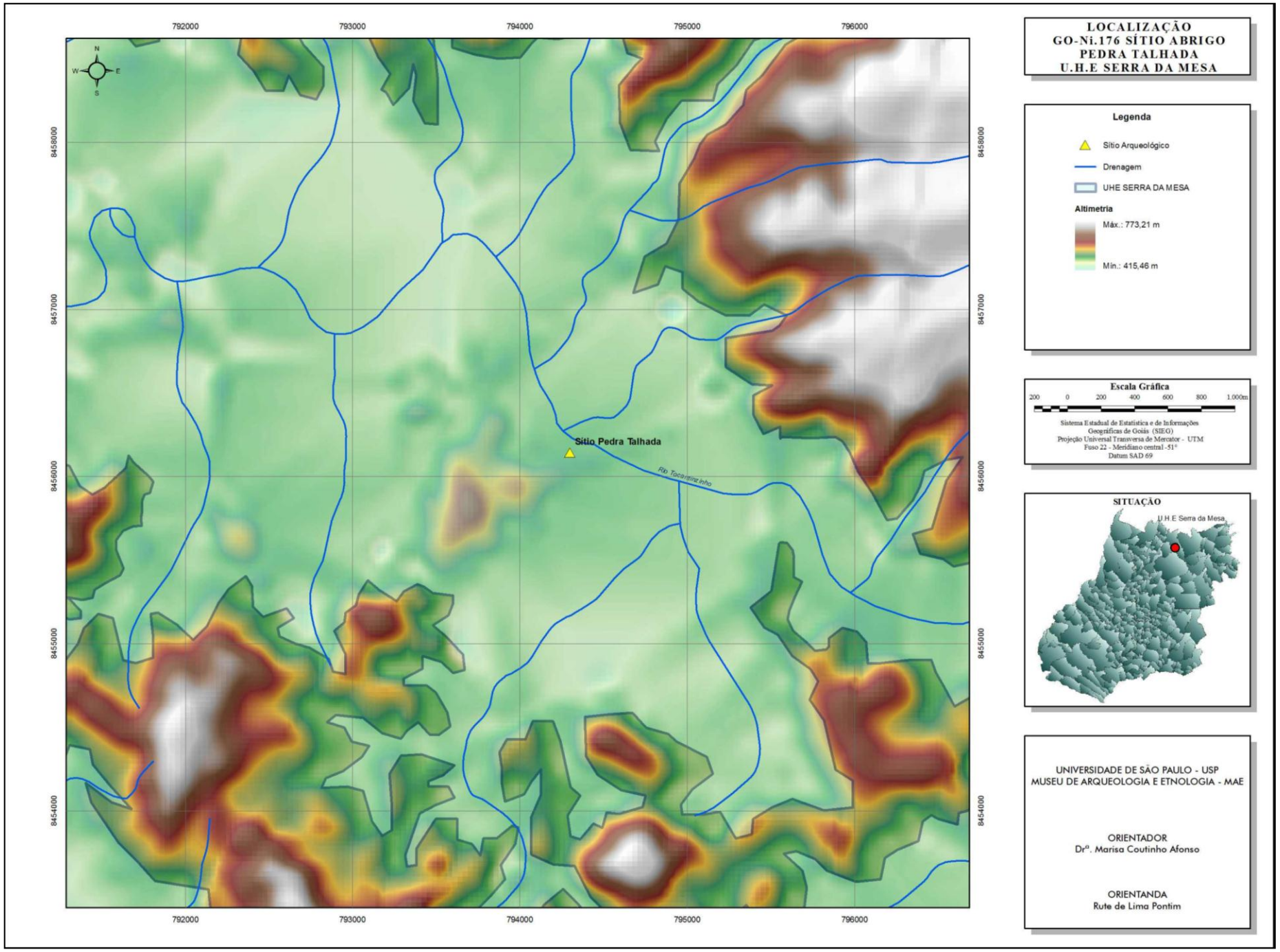


Figura 9 - Localização GO-Ni.176 Sítio Abrigo Pedra Talhada. UHE Serra da Mesa. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

O sítio caracterizava-se por ser um abrigo natural em um maciço de calcário com escarpa voltada para Leste formando uma vertente abrupta com ângulo negativo de declividade ao redor de 60º e altura aproximada de 65 metros. A escarpa tinha uma extensão de 200 metros com front verticalizado e presença de pequenas grutas em altura de 20 metros. O piso era formado por sedimentos areno-siltosos com espessura inferida de 5 metros. O solo, classificado como areno-silto-argiloso, apresentava cor cinza e esbranquiçada, sedimentos inconsolidados e textura fina (MORAIS *et al.,* 1998). A fitofisionomia indicava presença de mata semidecídua, mata galeria, mata seca e cerrado.

Os trabalhos de intervenção no sítio arqueológico compreenderam quatro setores distintos: Setor 1 (abrigo 1), Setor 2 (abrigo 2), Setor 3 (entorno de ambientação) e Setor 4 (abrigo 3).

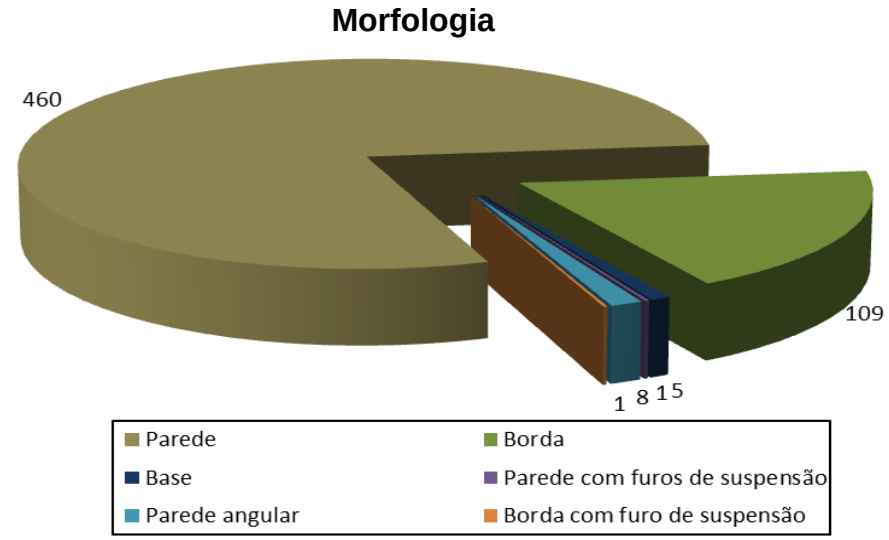
As dimensões dos setores trabalhados foram: Setor 1 (85m x 32m), Setor 2 (135m²), Setor 3 (48m²) e Setor 4 (20m²). A análise do material correspondeu aqueles dos setores 1, 3 e 4.

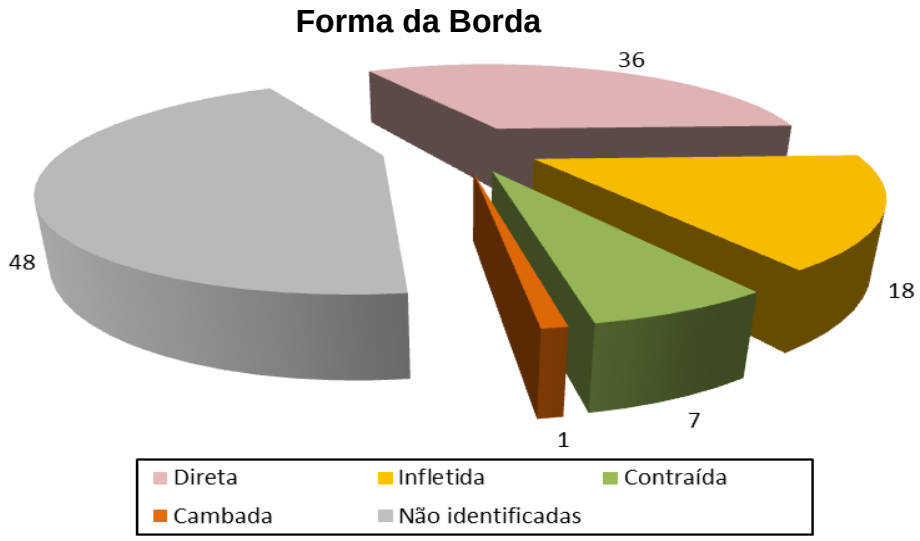
As intervenções realizadas no Setor 1 (Foto 2) caracterizaram-se por cinco áreas de decapagem, 11 trincheiras e 43 cortes de verificação; no Setor 2, as intervenções não evidenciaram material em superfície e subsuperfície do terreno, no entanto, foi registrada a incidência de pintura rupestre na parede do abrigo; no Setor 3, as intervenções compreenderam cortes de verificação e trincheiras e no Setor 4, o material foi coletado em superfície.

O material resgatado compreende uma coleção de 591 testemunhos cerâmicos, 406 peças líticas entre material polido e lascado (lâmina de machado, alisador, tembetá, raspador, lasca retocada) fragmentos ósseos (animal e humano), malacológico, vegetal e estrutura de combustão.

O material cerâmico constitui-se no mais representativo da coleção arqueológica, destes foram analisados 584 testemunhos, identificados morfologicamente, segundo sua classe em: parede (460 fragmentos), borda (109 fragmentos), base (05 fragmentos), parede angular (08 fragmentos), borda com furo de suspensão (01 fragmento) e parede com furo de suspensão (01 fragmento).

As bordas foram classificadas a partir dos atributos forma, tipo e lábio. Quanto à forma a coleção caracterizou-se pela presença de direta (36 bordas), infletida (18 bordas), contraída (07 bordas), cambada (01 borda) e não identificadas (48 bordas).





Quanto ao tipo foram identificados os tipos simples (107 bordas) e reforçado (03 bordas).

Quanto ao lábio pôde-se verificar os tipos arredondado (69 bordas), plano (10 bordas), apontado (09 bordas) e biselado (02 bordas) e não identificados (20 bordas).

Ainda, em relação à borda há a presença de um apêndice sobre o lábio.

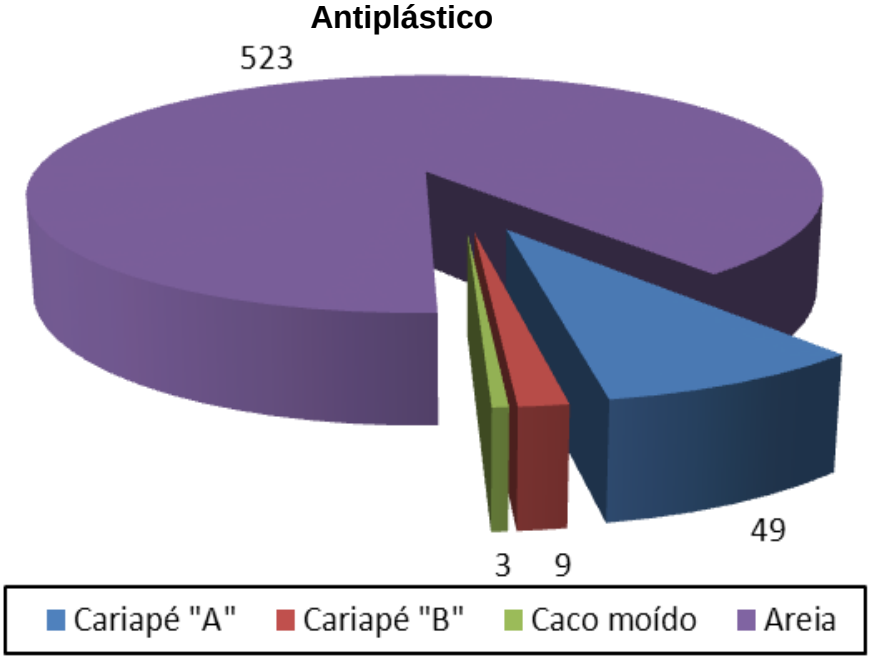
As bases observadas indicaram os tipos: plana (04 fragmentos) e convexa (01 fragmento).

O furo de suspensão identificado em dois fragmentos caracterizou-se isoladamente em um deles e em conjunto de dois furos posicionados verticalmente no outro.

Foto: Sílvio Bragato

Foto 2 - Área de escavação

A análise do material indicou a presença de fragmentos cerâmicos com cariapé “A” em 49 fragmentos, cariapé “B” em nove fragmentos, caco moído em três fragmentos, nos demais 523 fragmentos verifica-se apenas a presença de areia.

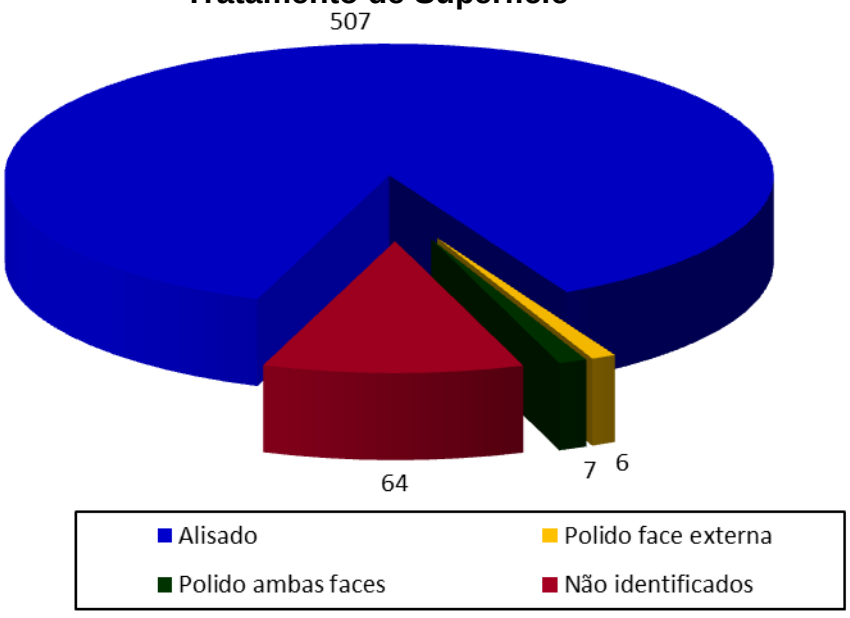


O antiplástico cariapé agregado à argila foi encontrado nos tipos A e B. O cariapé A apresenta espículas e fibras vegetais menores de 2mm. O cariapé B apresenta espículas de baixa densidade e fibras maiores de 2mm. O cariapé, segundo Mendonça de Souza (1997), é um tipo de tempero para a cerâmica arqueológica, o qual consiste em cinzas obtidas pela queima do córtex de árvores ricas em sílica, muito comum na Amazônia e no Brasil Central.

A espessura dos vasilhames variou entre os intervalos de 0,4cm a 1,8cm, com maior representatividade no intervalo de 0,7cm a 0,8cm.

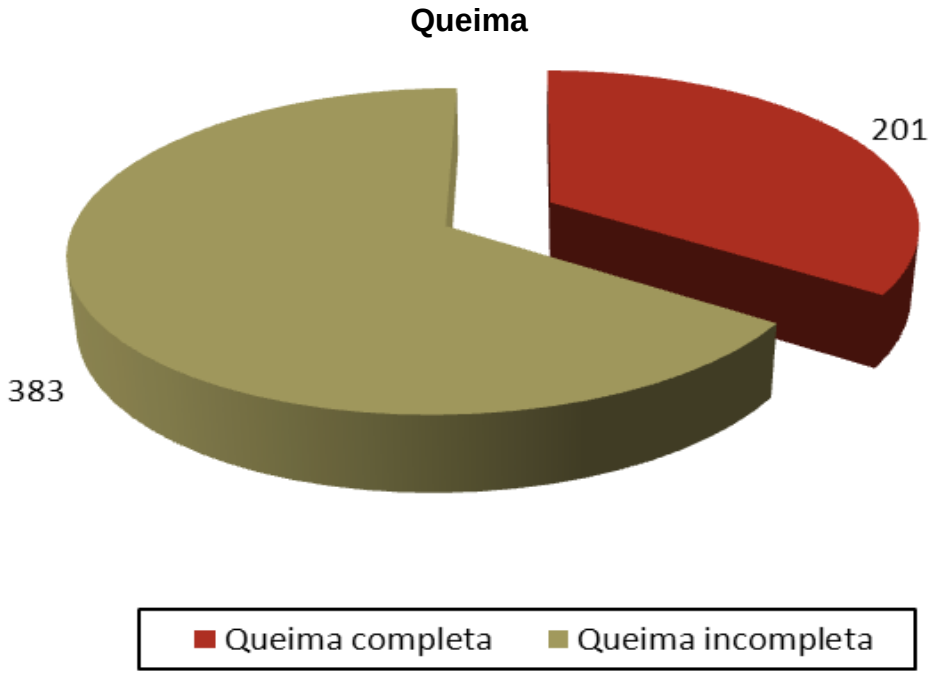
O tratamento de superfície alisado foi verificado em 507 fragmentos, o equivalente a 86,81% da totalidade do material cerâmico, o polido apareceu na face externa (06 fragmentos) e em ambas as faces (07 fragmentos). Apesar dos diferentes tratamentos de superfície, constatou-se a presença de 64 fragmentos que não puderam ser identificados.

Tratamento de Superfície



A técnica de manufatura indicou a confecção por roletes, com exceção de um fragmento, cujo atributo não foi identificado.

Quanto à queima, o GO-Ni.176 – Sítio Abrigo Pedra Talhada apresentou os tipos: queima completa em 201 fragmentos e incompleta em 383 testemunhos.



As cores evidenciadas durante a análise do material foram determinadas segundo o código de Munsell (1994). Apresentaram-se de forma diversificada, em 14 diferentes grupos, com maior representatividade na amarela-avermelhada (7.5YR 6/6, 7/6, 7/8).

O GO-Ni.176 Sítio Abrigo Pedra Talhada apresentou decoração plástica, pintura e engobo. O engobo caracteriza-se por uma “capa delgada de argila fluída aplicada, por imersão, sobre a cerâmica, antes da queima” (MENDONÇA DE SOUZA, 1997).

A decoração plástica indicada na face externa caracteriza-se por: inciso, entalhe, escovado, impressão de trançado, e dobras. Sendo o inciso próximo ao lábio ou ao ângulo da parede, com exceção de uma borda com presença de quatro linhas incisas. A decoração incisa, na maioria das vezes, está associada à presença do engobo branco ou vermelho; o entalhe foi registrado sobre o lábio; a impressão de trançado foi identificada em uma base plana e, por fim, verificou-se em uma das bordas dobras formando um vinco próximo ao lábio.

1. Decoração plástica tipo inciso localizada na face externa da peça contornada por engobo vermelho (10R 4/6) com sobreposição de vermelho-claro (2.5YR 7/6).

Foto: Veter Quirino

Foto 3 - Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 8,2cm e largura 5,7cm

2. Decoração plástica tipo inciso localizada na face externa da peça com presença de engobo na face interna (7.5YR 7/6) e na face externa (5YR 6/6, 5YR 5/6) da peça. Linhas finas sobrepostas, nas cores: preta (5YR 2.5/1) e vermelha-acinzentada (2.5YR 6/4), na face interna e sobre o lábio e na face externa acompanhando a decoração plástica.

Foto: Veter Quirino

Foto 4 - Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 3,7cm e largura 4,7cm

3. Decoração plástica tipo inciso localizada na face externa da peça. Presença de duas linhas vermelhas (10R 4/6) próximas ao lábio. Sobre o ombro decoração composta por uma linha branca-rosada (7.5YR 8/2) e outras perpendiculares, sobre o engobo vermelho (10R 4/6).

Foto: Veter Quirino

Foto 5 - Fragmento de borda contraída, tipo simples, lábio apontado. Dimensões: comprimento 3,3cm e largura 11,0cm

4. Decoração plástica tipo inciso, localizada na face externa da peça, com presença de uma linha vermelha-acinzentada (10R 4/2) ladeada por duas linhas pretas. Toda a extensão da superfície do vestígio verificou engobo na cor bruno-clara (7.5YR 6/4). No lábio presença de uma linha na cor preta (5YR 2.5/1).

Foto: Veter Quirino

Foto 6 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio plano. Dimensões: comprimento 5,0cm e largura 5,4cm

5. Decoração plástica tipo inciso, localizada na face externa da peça. Na parte superior da decoração plástica incisa ocorre vestígio de engobo vermelho-escuro-acinzentado (10R 3/3).

Foto: Veter Quirino

Foto 7 – Fragmento de parede angular.
Dimensões: comprimento 3,7cm e largura 3,9cm

6. Decoração plástica tipo inciso localizada na face externa da peça. Acima da decoração plástica verificamos a presença de engobo vermelho (10R 4/6) com sobreposição de motivos compostos por linhas diagonais na cor branca-rosada (7.5YR 8/2).

Foto: Veter Quirino

Foto 8 – Fragmento de parede. Dimensões:
comprimento 15,4cm e largura 11,7cm

O engobo, segundo o código de Munsell (1994), foi observado nas cores laranja, vermelha e branca, utilizados para cobrir toda a superfície do vaso ou aplicados em linhas e faixas combinando duas cores diferentes.

A peça apresenta engobo vermelho-acinzentado (10R 4/4) e vermelho-claro (10R 6/6).

Foto: Veter Quirino

Foto 9 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio apontado. Dimensões: comprimento 5,4cm e largura 6,8cm

Os motivos da cerâmica pintada apresentaram-se de forma mais complexa com presença de linhas, faixas e triângulos em diferentes combinações.

1. A peça apresenta linhas e faixas vermelha (10R 5/6) e preta (5YR 2.5/1) próximas ao lábio. Abaixo do lábio há um espaço, após o espaço verifica-se uma faixa na cor vermelha entremeada por duas linhas na cor preta. Novamente um espaço, esse de maior dimensão, onde se verifica o fundo com engobo na cor amarela-avermelhada (5YR 6/6). Dando sequência ao motivo decorativo, verificamos mais uma linha preta e abaixo dessa linha ocorrem triângulos em vermelho.

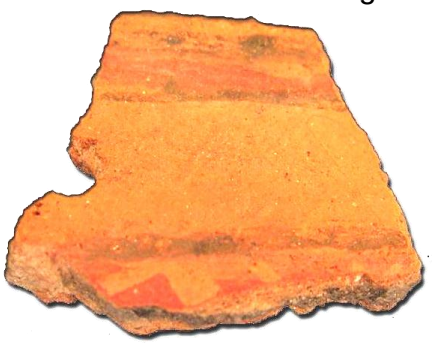


Foto: Veter Quirino

Foto 10 – Fragmento de borda direta do tipo simples com lábio arredondado. Presença de furo de suspensão. Dimensões: comprimento 2,0cm e largura 2,3cm

2. A peça apresenta linhas e faixas vermelha (10R 5/6) e preta (5YR 2.5/1). Na parte superior ocorre um vestígio de linha preta (5YR 2.5/1). Abaixo há um espaço, após o espaço verifica-se a uma faixa na cor vermelha entremeada por duas faixas na cor preta. Novamente um espaço e a evidencia de vestígio de uma linha na cor preta. Toda a superfície da peça apresenta engobo (2.5YR 6/6).

Foto: Veter Quirino

Foto 11 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 2,2cm e largura 2,1cm

3. Uma linha na cor preta (5YR 2.5/1) posicionada sobre o lábio. Na sequência presença de uma faixa de engobo vermelho (2.5YR 5/6), com vestígio de duas linhas pretas logo abaixo do lábio e, em seguida, um faixa na cor vermelha-escura (2.5YR 4/6).

Foto: Veter Quirino

Foto 12 – Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio plano. Dimensões: comprimento 3,3cm e largura 4,2cm

4. Engobo vermelho (2.5YR 5/6) registrado por toda a parede da peça. No lábio há presença de uma linha preta (5YR 2.5/1), abaixo verificam-se mais duas linhas pretas. Na sequência, aparecem mais uma linha preta e vestígio de motivos decorativos na cor vermelha (10R 4/6).

Foto: Veter Quirino

Foto 13 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 2,2cm e largura 2,0cm

5. Por toda a extensão da peça verifica-se presença de engobo bruno-claro (7.5YR 6/4). No lábio identificamos uma linha preta (5YR 2.5/1), na sequência e logo abaixo pelo lado externo, foi registrada uma linha vermelha-acinzenta (2.5YR 6/4).

Foto: Veter Quirino

Foto 14 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 3,6cm e largura 3,7cm

6. A peça apresenta engobo por toda a sua superfície (2.5YR 5/6) com uma pequena mancha na cor vermelha-escura-acinzentada (2.5YR 4/4), posicionada de forma desordenada.

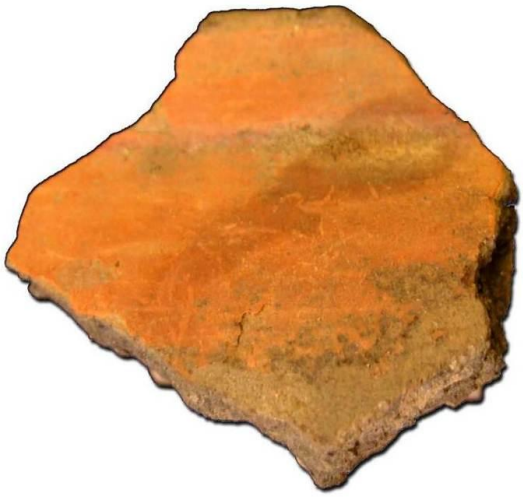


Foto: Veter Quirino

Foto 15 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio plano. Dimensões: comprimento 2,5cm e largura 2,6cm

7. A peça pela sua face externa apresenta linhas na cor preta (5YR 2.5/1) sobre faixa de engobo vermelho-escuro (10R 3/6).

Foto: Veter Quirino

Foto 16 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 2,0cm e largura 3,3cm

8. A peça apresenta engobo por toda a sua superfície (2.5YR 5/6). Na parte superior há presença de uma faixa vermelha-escura-acinzentada (2.5YR 3/2), logo abaixo verifica-se uma faixa vermelha-escura (10R 3/4) acompanhada por uma linha preta (5YR 2.5/1).

Foto: Veter Quirino

Foto 17 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 2,5cm e largura 2,6cm

9. Verifica-se presença de engobo na cor amarela-avermelhada (5YR 6/6) por toda a superfície da peça. No lábio há presença de uma linha preta (5YR 2.5/1). Na face externa da peça ocorre uma linha vermelha-escura (2.5YR 4/4) entremeada por duas linhas pretas.

Foto: Veter Quirino

Foto 18 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 2,4cm e largura 2,2cm

10. Em toda a extensão da peça há presença de engobo vermelho (2.5YR 6/6), com exceção de uma linha preta (5YR 2.5/1).

Foto: Veter Quirino

Foto 19 – Fragmento parede. Dimensões: comprimento 4,0cm e largura 6,3cm

11. Próximo à borda de forma paralela verificamos a presença de uma linha vermelha (10R 4/6). Nesse mesmo contexto na outra extremidade da peça ocorre uma faixa na cor vermelha. E por fim em toda a extensão da peça ocorre o engobo na cor vermelha (2.5YR 6/8).

Foto: Veter Quirino

Foto 20 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio biselado. Dimensões: comprimento 5,2cm e largura 3,6cm

12. No lábio ocorre uma linha preta (5YR 2.5/1), logo abaixo, pela face externa da peça, verificamos uma linha vermelha-escura-acinzentada (2.5YR 4/4) entremeadas por duas linhas pretas. Os motivos decorativos encontram-se sobrepostos ao engobo na cor amarela-avermelhada (5YR 6/6) que se encontra por toda a superfície.

Foto: Veter Quirino

Foto 21 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 2,2cm e largura 1,9cm

O diâmetro da boca e o ângulo de inclinação da parede, necessários para o reconhecimento do contorno do vasilhame, foram identificados a partir de 18 fragmentos de borda permitindo a reconstituição hipotética dos vasilhames.

Nos quadros abaixo se observa a ocorrência dos atributos que permitiram a reconstituição hipotética da forma da tigela rasa (Pranchas 1, 2 e 3), tigela funda (Pranchas 4 e 5) e vasilhame profundo (Pranchas 6, 7 e 8).

Quadro 4: Descrição dos atributos da forma da tigela rasa

FORMA 1: TIGELA RASA (quatro reconstituições)		
ATRIBUTO	Contorno	simples
	Boca	ampliada
	Lábio	arredondado
	Tipo/Forma da Borda	direta inclinada externa
	Diâmetro	26cm a 38cm
	Ângulo da parede	45º a 70°
	Volume	3,2; 4,4; 6,1 e 7,6 litros
FORMA 2: TIGELA RASA (duas reconstituições)		
	Contorno	complexo
	Boca	ampliada
	Lábio	arredondado

ATRIBUTO	Tipo/Forma da Borda	contraída e cambada
	Diâmetro	24cm e 40cm
	Ângulo da parede	35º ; 65º
	Volume	2,0, 14,0 litros
FORMA 3: TIGELA RASA (três reconstituições)		
ATRIBUTO	Contorno	complexo
	Boca	constrita
	Lábio	arredondado e arredondado
	Tipo/Forma da Borda	contraída
	Diâmetro	24cm, 28cm e 32cm
	Ângulo da parede	110º
	Volume	3,0; 4,4 e 7,0 litros

Quadro 5: Descrição dos atributos da forma da tigela funda

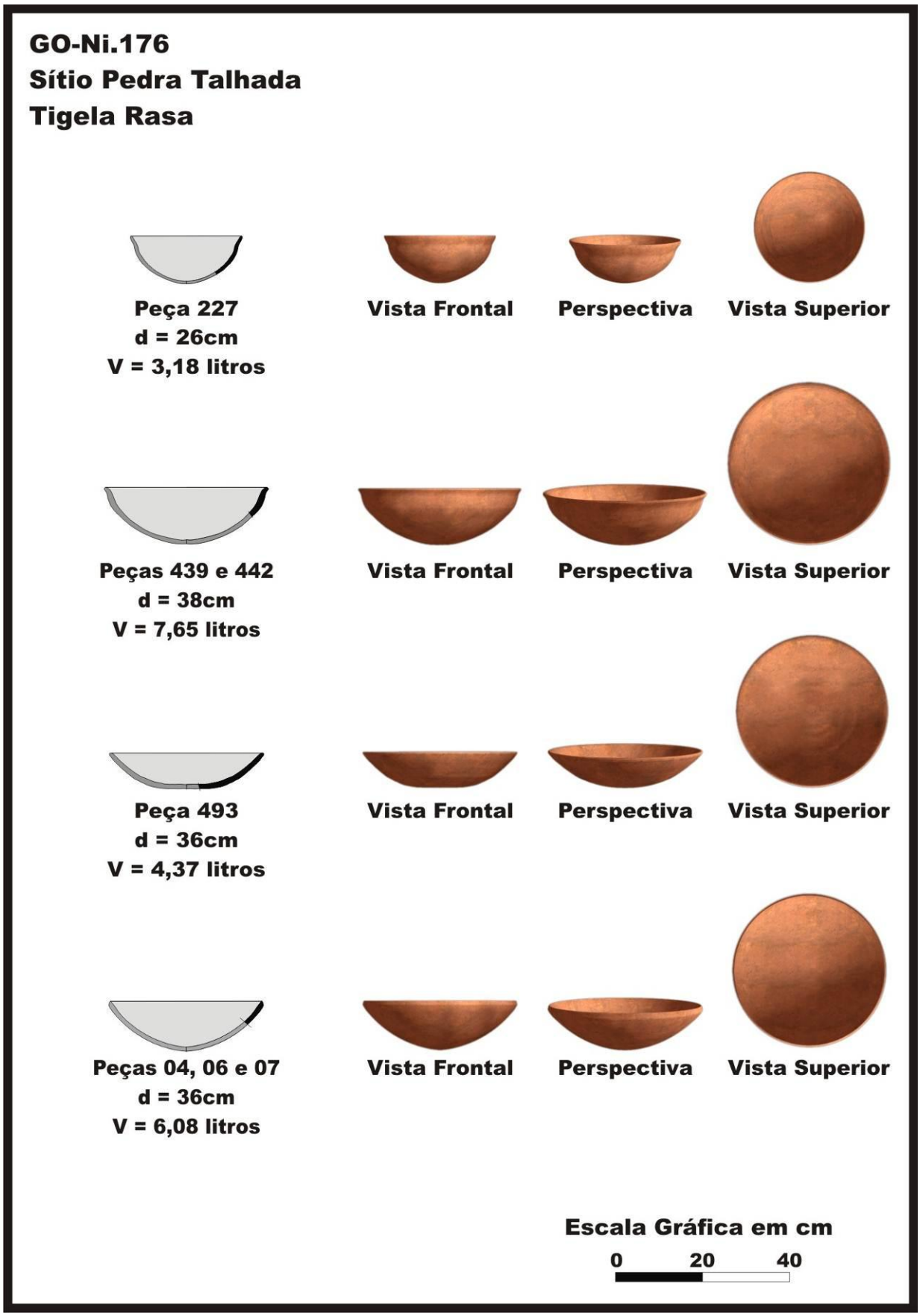
FORMA 4: TIGELA FUNDA (cinco reconstituições)		
ATRIBUTO	Contorno	simples
	Boca	ampliada
	Lábio	arredondado
	Tipo/Forma da Borda	direta com ou sem reforço
	Diâmetro	12cm a 34cm
	Ângulo da parede	90º a 97º
	Volume	0,6; 2,0; 3,0; 3,6 e 1,4 litros

Quadro 6: Descrição dos atributos da forma do vasilhame profundo

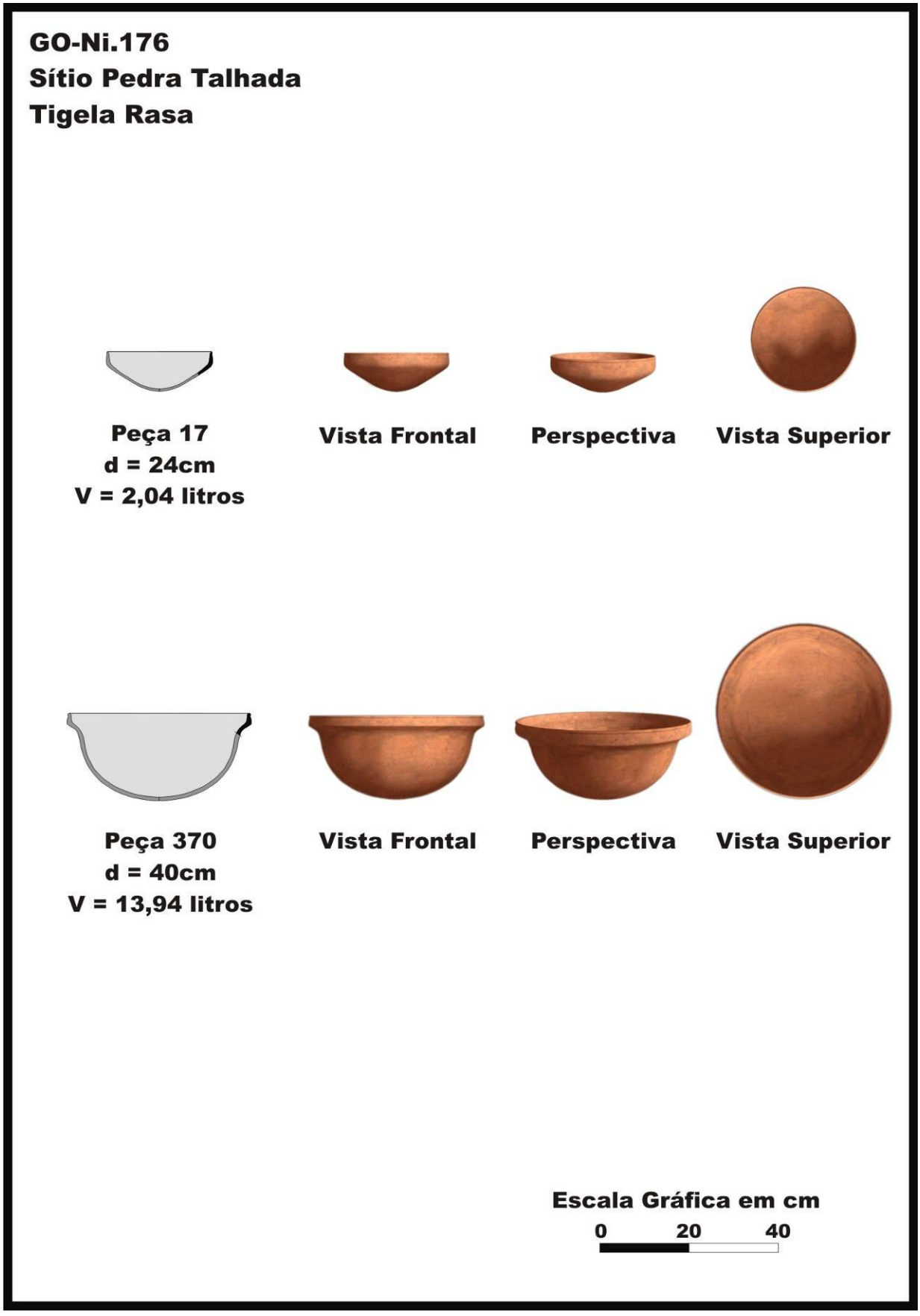
FORMA 5: VASILHAME PROFUNDO (quatro reconstituições)		
ATRIBUTO	Contorno	infletido
	Boca	ampliada
	Lábio	arredondado, apontado e plano
	Tipo/Forma da Borda	infletida
	Diâmetro	10cm; 18cm, 26cm e 34cm
	Ângulo da parede	95º a 105º
	Volume	0,36; 2,6; 8,7 e 15,6 litros

No decorrer da escavação foi encontrado um vasilhame inteiro entre os níveis quatro e seis, a peça apresenta: borda infletida, diâmetro da boca de 22,5cm e presença de fuligem na face externa.

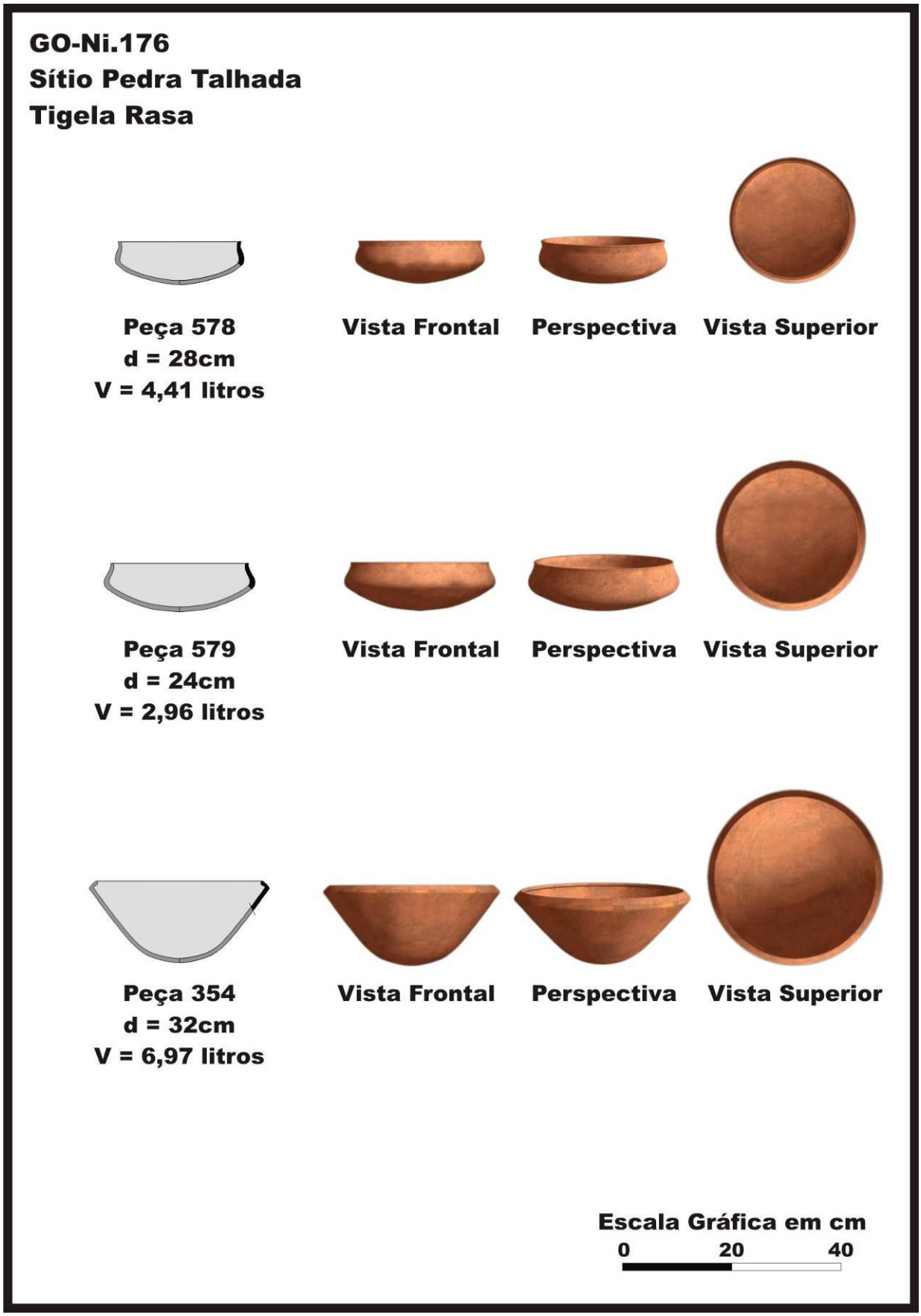
Nos testemunhos cerâmicos desse sítio foram verificadas marcas de uso, evidenciadas pela fuligem.



Prancha 1 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Tigela Rasa



Prancha 2 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Tigela Rasa



Prancha 3 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Tigela Rasa

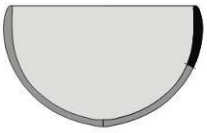
GO-Ni.176
Sítio Pedra Talhada
Tigela Funda

Peça 489 e 561
d = 12cm
V = 0,58 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior

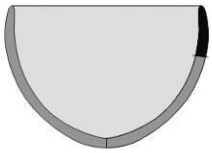


Peça 458
d = 22cm
V = 3,59 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior



Peça 480 e 481
d = 20cm
V = 3,04 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior

Escala Gráfica em cm
0 10 20

Prancha 4 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Tigela Funda

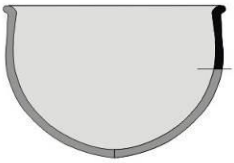
GO-Ni.176
Sítio Pedra Talhada
Tigela Funda

Peça 09
d = 20cm
V = 2,02 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior



Peça 363
d = 34cm
V = 14,12 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior

Escala Gráfica em cm
0 20 40

Prancha 5 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Tigela Funda

GO-Ni.176
Sítio Pedra Talhada
Vasilhame Profundo

Peça 556
d = 10cm
V = 0,36 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior

Escala Gráfica em cm

0 10 20

Prancha 6 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Vasilhame profundo

GO-Ni.176
Sítio Pedra Talhada
Vasilhame Profundo

Peça 190
d = 34cm
V = 15,60 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior

Peça 345 e 329
d = 18cm
V = 2,59 litros

Vista Frontal

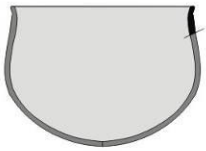
Perspectiva

Vista Superior

0 20 40

Prancha 7 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Vasilhame profundo

GO-Ni.176
Sítio Abrigo Pedra Talhada
Vasilhame Profundo



Peça 335
d = 26cm
V = 8,71 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior

Escala gráfica em cm

0 10 20 30

Prancha 8 - GO-Ni.176 Sítio Pedra Talhada. Vasilhame profundo

4.4. GO-Ni.188 SÍTIO CARANHA

O GO-Ni.188 Sítio Caranha (Foto 22) encontrava-se a 50m da margem direita do rio Maranhão/Tocantins, no município de Niquelândia, estado de Goiás, em altitude de 420 metros (Fig. 10), coordenadas UTM E 759.177m/N 8.432.114m (Fuso 22 – Hemisfério Sul).

Foto: Silvio Bragato

Foto 22 - GO-Ni.188 Sítio Caranha

A área apresentava intensa alteração antrópica originada pela atividade de extração de minério (garimpo) e pela erosão fluvial.

O solo arenoso, de cor acinzentada esbranquiçada, granulometria fina com presença de matéria orgânica pode ser verificado nos primeiros quarenta centímetros, após esse nível, até oitenta centímetros apresenta-se areno-argiloso, cor acinzentada, textura média e parcialmente consolidado, de 80cm a 100cm, verifica-se presença de um solo argilo-arenoso, de cor amarelo-avermelhada, textura fina, compacto, porosidade média-baixa.

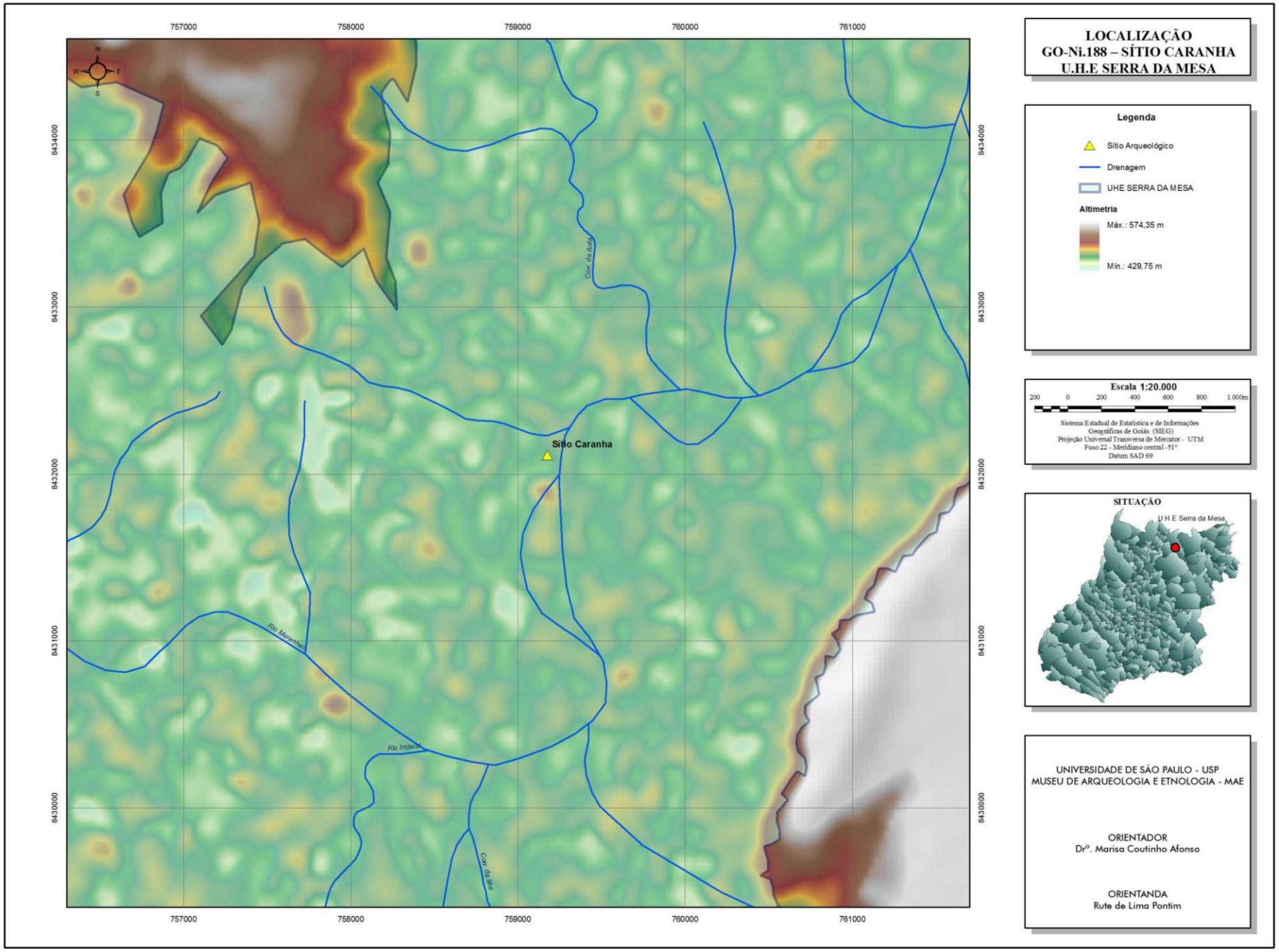
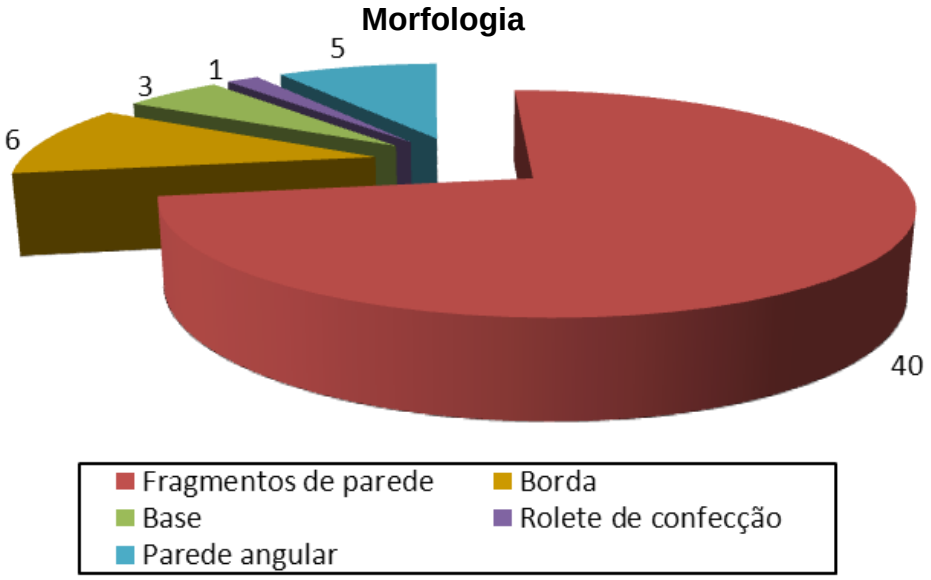


Figura 10 - Localização GO-Ni.188 Sítio Caranha. UHE Serra da Mesa. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

A fitofisionomia do entorno do sítio indicava a presença da cobertura vegetal formada pela mata de galeria que foi sendo substituída aos poucos pelo processo de antropização imposto ao local e pela atividade mineratória.

O GO-Ni.188 Sítio Caranha apresentou material arqueológico, resgatado em superfície, localizados na planície de inundação caracterizado por fragmentos cerâmicos e peças líticas polidas (lâmina de machado) e lascadas (lâmina de machado lascada fragmentada).

O material cerâmico constitui-se por fragmentos de parede (40 fragmentos), borda (06 fragmentos), base (03 fragmentos), rolete de confecção (01 fragmento) e parede angular (05 fragmentos).



Partindo de pressupostos metodológicos adotados para a análise dos sítios arqueológicos, o estudo compreendeu a formação dos conjuntos, reunindo fragmentos de um mesmo vasilhame. Foram identificados sete conjuntos, reunidos em grupos de dois até quatro fragmentos, totalizando 18 testemunhos.

O estudo das bordas identificou seis fragmentos. Foram observadas as formas: direta (01 fragmento), infletida (01 fragmento), contraída (03 fragmentos) e não identificada (01 fragmento).

O tipo simples foi observado em dois fragmentos, o tipo reforçado em um fragmento, e nos demais o tipo de borda não foi identificado.

Foram ainda classificados dois tipos de lábio: apontado (04 fragmentos), arredondado (01 fragmento). Em apenas um fragmento de borda não foi identificado o lábio.

O estudo morfológico das bases identificou, na totalidade dos testemunhos, o tipo plano.

A análise do material apresentou ainda um rolete de confecção.

A composição dos vasilhames indicou, na totalidade dos vestígios, a presença de areia.

A técnica de manufatura caracterizou-se pela presença do rolete, com exceção dos fragmentos de base que foram confeccionados por modelagem.

A espessura dos vestígios cerâmicos variou entre os intervalos, de 0,5cm a 1,1cm.

O tratamento de superfície foi observado em 54 peças, com exceção de uma peça, cujo tratamento de superfície não foi identificado, em decorrência do estado de conservação.

Quanto à queima, os fragmentos apresentaram o tipo incompleto em 54,55% dos testemunhos e o tipo completo em 45,45% dos testemunhos.

A cor da parede externa dos vestígios cerâmicos teve maior representatividade na amarela-avermelhada (2.5YR5/1), de acordo com Munsell Soil Color Charts (1994).

A análise do GO-Ni.188 – Sítio Caranha identificou decoração plástica, pintura e engobo.

Como elemento decorativo plástico foi observado o tipo inciso em dois fragmentos. A decoração plástica representada pela técnica incisa indicou duas incisões paralelas ao lábio, a primeira delas foi realizada a 0,1cm do lábio e, a segunda, a 1,0cm da primeira e uma linha após a faixa de engobo, com espessura de 0,1cm e profundidade média de 0,05cm.

A decoração pintada foi verificada em três fragmentos associada à incisão, caracterizada por faixa paralela à borda, acompanhando o ângulo do ombro, na cor vermelha-escura (2.5YR 4/6), sobre engobo amarelo-avermelhado (5YR 7/8).

O engobo indicou a cor amarela-avermelhada (5YR 7/8) em oito fragmentos (face externa).

Foto: Veter Quirino

Foto 23 – Fragmento de borda contraída, tipo simples, lábio apontado. Dimensões: comprimento 6,3cm e largura 7,2cm

O tamanho e a curvatura dos testemunhos de borda cerâmica possibilitaram a identificação do ângulo e do diâmetro, atributos necessários para o processo de reconstituição hipotética dos vasilhames. Foram reconstituídos três vasilhames dos cinco fragmentos de borda identificados na coleção do GO-Ni.188 – Sítio Caranha.

Os vasilhames reconstituídos foram agrupados de acordo com a forma em tigela rasa (Prancha 9), tigela funda (Prancha 10) e vasilhame profundo (Prancha 11). Ver Quadros.

Quadro 7: Descrição dos atributos da forma da tigela rasa

FORMA 1: TIGELA RASA (uma reconstituição)		
ATRIBUTO	Contorno	complexo
	Boca	constrita
	Lábio	apontado
	Tipo/Forma da Borda	contraída
	Diâmetro	32cm
	Ângulo da parede	40°
	Volume	7,2 litros

Quadro 8: Descrição dos atributos da forma da tigela funda

FORMA 4: TIGELA FUNDA (uma reconstituição)		
ATRIBUTO	Contorno	complexo
	Boca	constrita
	Lábio	apontado
	Tipo/Forma da Borda	contraída
	Diâmetro	28cm
	Ângulo da parede	60º
	Volume	6,4 litros

Quadro 9: Descrição dos atributos da forma do vasilhame profundo

FORMA 5: VASILHAME PROFUNDO (uma reconstituição)		
ATRIBUTO	Contorno	infletido
	Boca	constrita
	Lábio	Arredondado
	Tipo/Forma da Borda	infletida
	Diâmetro	18cm
	Ângulo da parede	80º
	Volume	6,0 litros

GO-Ni.188
Sítio Caranha
Tigela Rasa

GO. Ni. 188
Peça 16
d = 32cm
V = 2,16 litros

Vista Frontal

Perspectiva

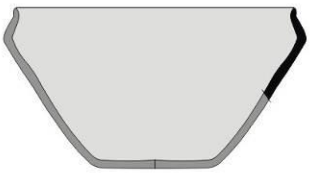
Vista Superior

Escala gráfica em cm

0 10 20 30

Prancha 9 - GO-Ni.188 Sítio Caranha. Tigela Rasa

GO-Ni.188
Sítio Caranha
Tigela Funda



Peça 40
d = 28cm
V = 6,4 litros

Vista Frontal

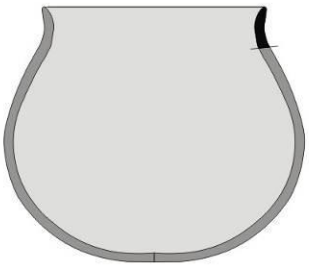
Perspectiva

Vista Superior

Escala gráfica em cm
0 10 20 30

Prancha 10 - GO-Ni.188 Sítio Caranha. Tigela funda

GO-Ni.188
Sítio Caranha
Vasilhame Profundo



Peça 17
d = 18cm
V = 6,01 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior

Escala gráfica em cm

0 10 20 30

Prancha 11 - GO-Ni.188 Sítio Caranha. Vasilhame profundo

4.4. GO-Ni.206 SÍTIO TABARANA

O GO-Ni.206 Sítio Tabarana foi localizado no município de Barro Alto, estado de Goiás, coordenadas UTM E 715.138m/N 8.373.320m (Fuso 22 - Hemisfério Sul), em altitude ao redor de 420 metros (Fig. 11/ Foto 24).

A geomorfologia regional compunha-se pelas unidades das depressões intermontanas, que

> [...] caracterizam-se por apresentar relevo dissecado por canais fluviais secundários originando feições topográficas tabuliformes. Ao longo dos rios de maior porte em áreas descontínuas, o relevo apresenta-se fortemente dissecado e nos interflúvios as encostas têm feições convexas (MORAIS *et al*., 1998, p. 70).

A topomorfologia local evidenciou um amplo interflúvio, interposto entre o rio Maranhão/Tocantins e o rio das Almas. A área do sítio apresentava topo semi-aplainado, com encostas de declividade ao redor de 5% no contato com terraço fluvial, alçado a 5m em relação ao nível de base. Presença de pavimento detrítico e exposição de laje rochosa na margem direita do rio das Almas.

O solo areno-argiloso, constituído por uma textura que variava de fina a média, cor amarelada, e manchas de pavimento detrítico disseminadas, indicava o tipo litólico muito pedregoso. Até 20 cm de profundidade apresentava cor cinza-amarelada com sinais de material orgânico. Após esse nível e até uma profundidade de 40 cm, caracterizava-se por uma fina camada de argila.

A vegetação da área compunha-se por mata galeria degradada em transição com o cerrado, alterados antropicamente pela implantação de áreas de pastagem (criação extensiva de gado), extração de madeira e mineração de ouro com dragas e jatos de água nos terraços.

As áreas, fontes de matéria-prima, foram identificadas pela presença da litoestratigrafia diversificada do embasamento rochoso, dos depósitos de cascalheiras de natureza litológica variada e dos bancos de argila no terraço inferior do rio das Almas.

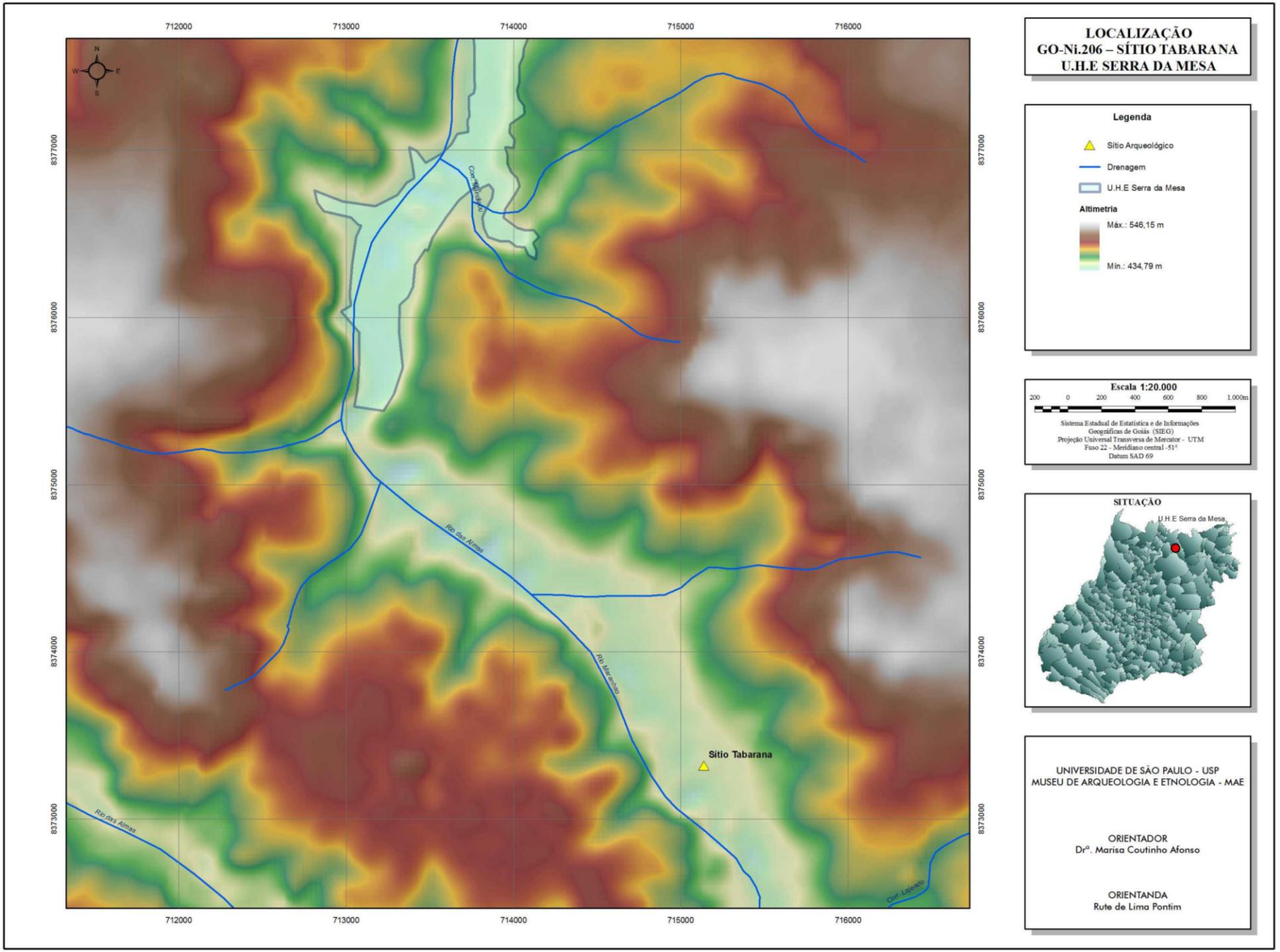


Figura 11 - Localização GO-Ni.206 Sítio Tabarana. UHE Serra da Mesa. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

Foto: Sílvio Bragato

Foto 24 - GO-Ni.206. Sítio Tabarana

O GO-Ni.206 Sítio Tabarana apresentou, em sua coleção, material cerâmico e lítico (lascado e polido) disperso em uma área de 150m de comprimento por 60m de largura, eixos N/S – E/W, respectivamente.

Os testemunhos cerâmicos, assim como os testemunhos líticos, foram encontrados em afloramentos na forma de lajedo a margem do canal do rio, inundável no período da cheia (Foto 25). Posicionados pelo levantamento topográfico foram localizados 63 pontos de ocorrência de material arqueológico.

Os trabalhos no sítio arqueológico foram realizados em subsuperfície, caracterizados por oito cortes de verificação, para a constatação de material arqueológico. Apesar dos recortes, na área não foi localizada nenhuma ocorrência em subsuperfície.

Os testemunhos cerâmicos encontravam-se bastante fragmentados pela ação do intemperismo, indicando a presença de parede, borda, base, parede angular e bolota de argila.

Foto: Sílvio Bragato

Foto 25 - Coleta de material

Os testemunhos líticos resgatados representam objetos lascados (raspador, denticulado, núcleo, lasca retocada e lasca bruta) e polidos (lâmina de machado, percutor e batedor).

A coleção cerâmica do GO-Ni.206 Sítio Tabarana apresentou 99 testemunhos. Por meio da análise, 31 deles deram forma a 13 conjuntos, que variavam de dois a quatro fragmentos, com maior incidência daqueles formados por apenas dois fragmentos.

Os agrupamentos foram estabelecidos por meio da verificação minuciosa dos planos de fratura e dos atributos tecnológicos e estilísticos do material cerâmico.

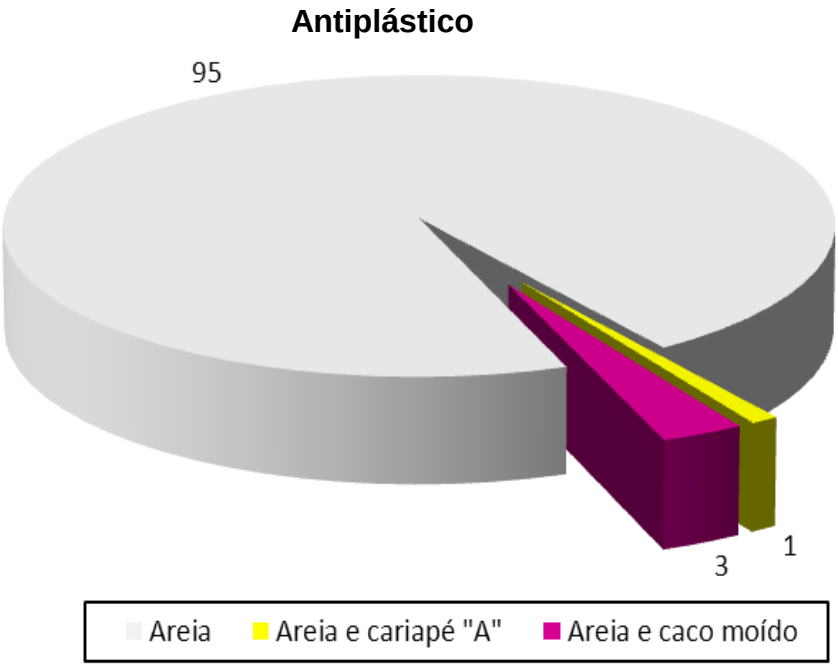
O estudo morfológico dos fragmentos apresentou bordas (16 fragmentos), paredes (76 fragmentos), bases (05 fragmentos), parede angular (01 fragmento) e uma bolota de argila fragmentada.

As bordas indicaram forma direta (06 fragmentos), infletida (04 fragmentos) e contraída (05 fragmentos); dentre esses fragmentos, apenas um não pôde ser identificado, em virtude de seu precário estado de conservação. Quanto ao lábio, a ocorrência mais representativa foi o arredondado, encontrado em sete fragmentos; o plano, em três fragmentos de borda; o apontado, em cinco fragmentos, e o biselado, em um fragmento.

O atributo tipo de borda caracteriza-se pela espessura da borda em relação à parede. O tipo simples, quando a borda tem a mesma espessura da parede, foi verificado em 14 fragmentos. O tipo reforçado, quando a borda é mais espessa interna ou externamente, foi constatado em dois fragmentos. Neste caso específico, os dois fragmentos de borda apresentaram reforço na sua parte externa.

As bases observadas indicaram as formas: plana (02 fragmentos) e convexa (03 fragmentos).

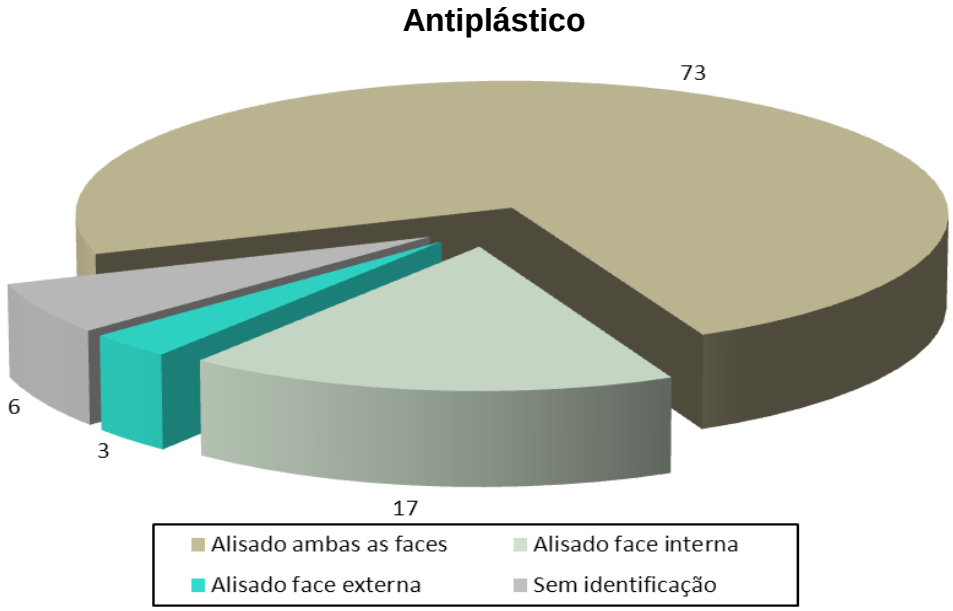
Na confecção dos vasilhames do GO-Ni.206 Sítio Tabarana, observou-se a presença de fragmentos cerâmicos com areia em 95 fragmentos (95,96%); areia e cariapé “A” em um fragmento (1,01%), e areia e caco moído em três fragmentos (3,03%).



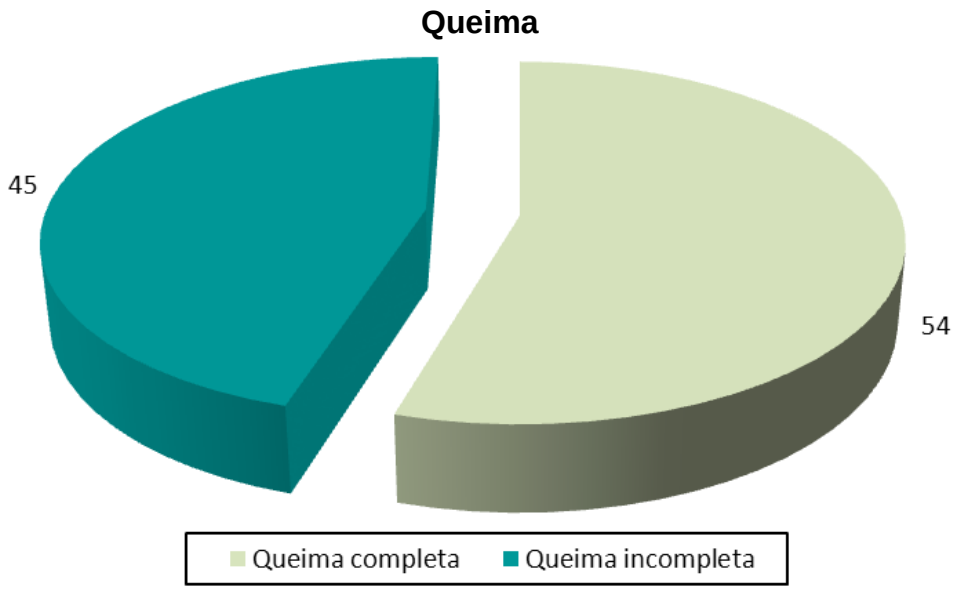
A técnica de manufatura usada para a confecção dos vasilhames foi a acordelada, presente em 98 fragmentos (98,99%), e em um fragmento a técnica de confecção foi à modelada a mão (1,01%).

A espessura da parede variando de 0,5 cm a 1,8 cm indicou maior representatividade no intervalo de 0,81 a 1,0 cm com 31 fragmentos.

O tratamento de superfície foi o alisado, identificado em 93 fragmentos. Desse potencial, 73 fragmentos (73,74%) apresentaram alisamento em ambas as faces; 17 fragmentos (17,17%) tiveram o alisamento apenas na face interna e três fragmentos (3,03%), na face externa. Nos seis fragmentos restantes não foi possível identificar o tratamento.



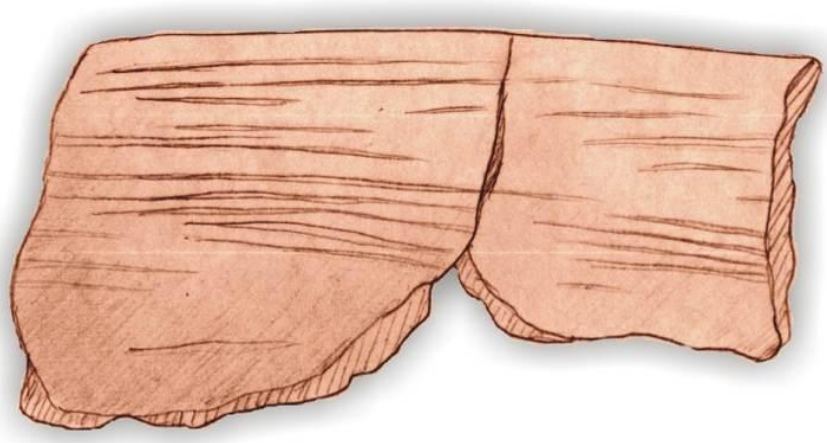
Quanto à queima, o Sítio Tabarana apresentou os tipos completo em 54 testemunhos e incompleto em 45 fragmentos.



Em relação à cor os fragmentos indicaram a maior representatividade na bruno-amarelado-claro (2.5Y6/3).

O GO-Ni.206 Sítio Tabarana apresentou em sua coleção cerâmica decoração plástica do tipo escovado, inciso e ungulado/inciso e engobo em sete fragmentos.

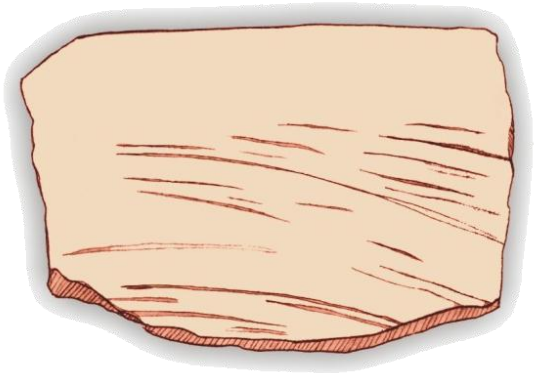
Decoração plástica do tipo escovado (02 fragmentos): linhas paralelas à borda, com 0,2cm de largura e 0,1cm de profundidade;



Desenho: Ludimília Vaz

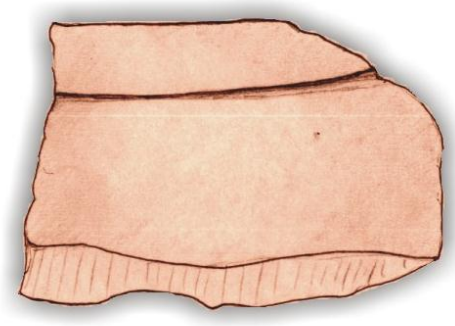
Desenho 1 – Fragmento de borda contraída, tipo simples, lábio arredondado. Desenho em escala natural

1. Decoração plástica do tipo inciso (07 fragmentos): localizada logo abaixo do ângulo da parede, de forma irregular, formando sulcos de 0,1cm de largura e 0,1cm de profundidade; localizada logo abaixo do lábio, formando sulcos de 0,1cm de largura e 0,1cm de profundidade; contornando o lábio, formando o sulco de 0,05cm de largura e 0,05cm de profundidade;



Desenho: Ludimília Vaz

Desenho 2 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio arredondado. Desenho em escala natural



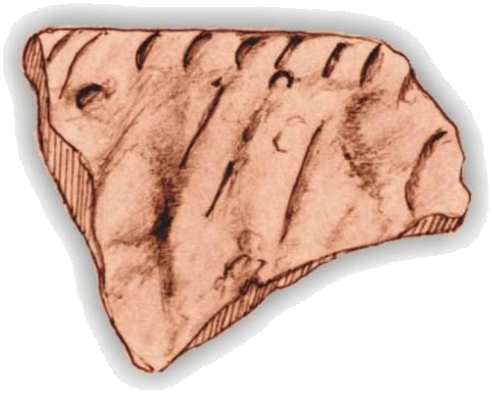
Desenho: Ludimília Vaz

Desenho 3 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio plano. Desenho em escala natural

Desenho: Ludimília Vaz

Desenho 4 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio biselado. Desenho em escala natural

2. Decoração plástica associada ao ungulado/inciso (um fragmento): representada por marcas de unha sobre o lábio e incisões logo abaixo do lábio, formando linhas oblíquas à borda, com 1cm de comprimento por 0,5cm de profundidade.



Desenho: Ludimília Vaz

Desenho 5 – Fragmento de borda direta, tipo simples, lábio arredondado. Desenho ampliado em 50%

O engobo indicou, nos fragmentos, as cores:

1. Engobo face externa – seis peças

   laranja - 5YR5/8 (02); 5YR6/6 (01) e 5YR6/8 (01)

   vermelho - 2.5YR4/6 (01)

   branco - 2.5Y8/2 (01)

2. Engobo face interna e externa – uma peça vermelho – 10R4/6 (01)

Apresentando os parâmetros essenciais, tais como diâmetro e ângulo de inclinação, os fragmentos de borda possibilitaram a reconstituição hipotética dos vasilhames (Quadros 10 e 11/Pranchas 12, 13 e 14).

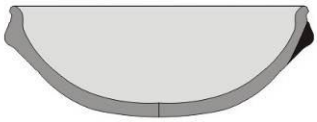
Quadro 10: Descrição dos atributos da forma da tigela rasa

FORMA 1: Tigela Rasa (uma reconstituição)		
Atributo	Contorno	simples com reforço externo
	Boca	ampliada
	Lábio	arredondado
	Tipo/Forma da Borda	direta
	Diâmetro	9,5 cm
	Ângulo da parede	70º
	Volume	0,14 litros
FORMA 2: Tigela Rasa (uma reconstituição)		
Atributo	Contorno	simples
	Boca	ampliada
	Lábio	arredondado
	Tipo/Forma da Borda	direta
	Diâmetro	50 cm
	Ângulo da parede	75º
	Volume	19,14 L

Quadro 11: Descrição dos atributos da forma da tigela funda

FORMA 3: Tigela Funda (duas reconstituições)		
Atributo	Contorno	simples
	Boca	ampliada
	Lábio	plano e biselado
	Tipo/Forma da Borda	direta
	Diâmetro	20 cm; 38 cm
	Ângulo da parede	85º; 100º
	Volume	3,0; 18,77 litros

GO-Ni.206
Sítio Tabarana
Tigela Rasa



Peça 96
d = 9,5cm
V = 0,14 litros

Vista Frontal

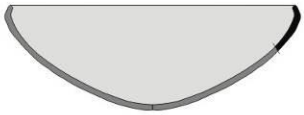
Perspectiva

Vista Superior

Escala gráfica em cm
0 10 20

Prancha 12 - GO-Ni.206 Sítio Tabarana. Tigela Rasa

GO-Ni.206
Sítio Tabarana
Tigela Rasa



Peça 165
d = 50cm
V = 19,14 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior

Escala gráfica em cm
0 20 50

Prancha 13 - GO-Ni.206 Sítio Tabarana. Tigela Rasa

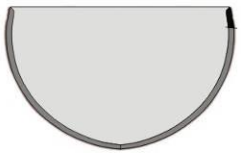
GO-Ni.206
Sítio Tabarana
Tigela Funda

Peça 181
d = 20cm
V = 3,00 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior



Peça 155
d = 38cm
V = 18,77 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior

Escala gráfica em cm
0 20 40

Prancha 14 - GO-Ni.206 Sítio Tabarana. Tigela funda

4.5. GO-Ni.231 SÍTIO COPAÍBA

O GO-Ni.231 Sítio Copaíba (Foto 26) localizava-se na margem esquerda do rio Maranhão/Tocantins (distante 65m), município de Minaçu (Fig. 12), coordenadas UTM E 809.995m/ N8.505.109m (Fuso 22 – Hemisfério Sul).

A topomorfologia local caracterizava-se por amplo terraço fluvial, com borda recuada, por ação antrópica resultante da extração de areia mediante a utilização de dragas.

O solo apresentava-se como predominantemente areno-argiloso, de boa produtividade.

Foto: Rosirene Rodrigues dos Santos

Foto 26 - GO-Ni.231 Sítio Copaíba

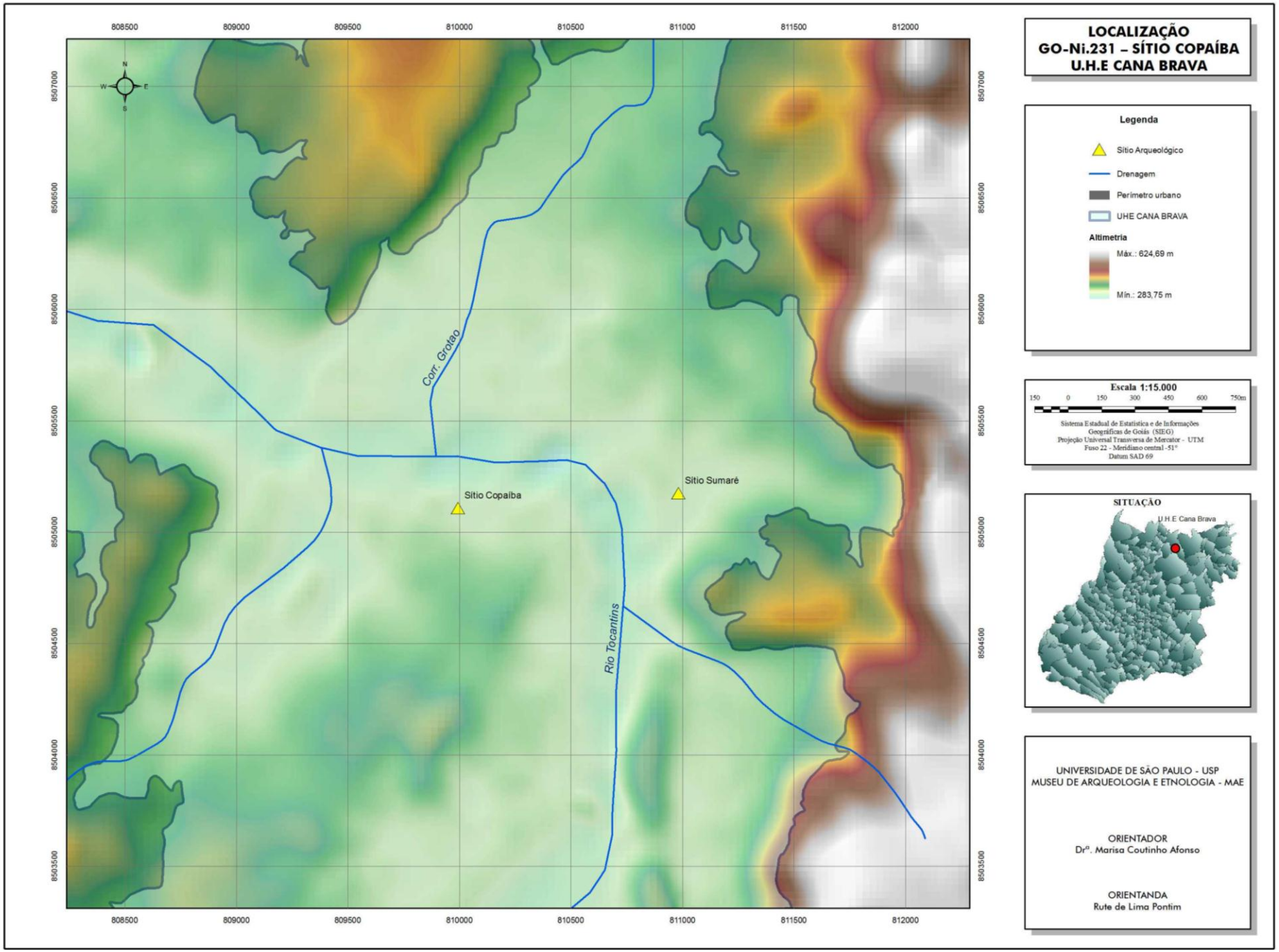


Figura 12 - Localização GO-Ni.231 Sítio Copaíba. UHE Cana Brava. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

A vegetação original da área estudada provavelmente fosse constituída por mata ciliar relacionada ao clima Aw. No momento da escavação (Fotos 27 e 28), a área encontrava-se preparada para a agricultura (mandioca, arroz, milho, abóbora e feijão).

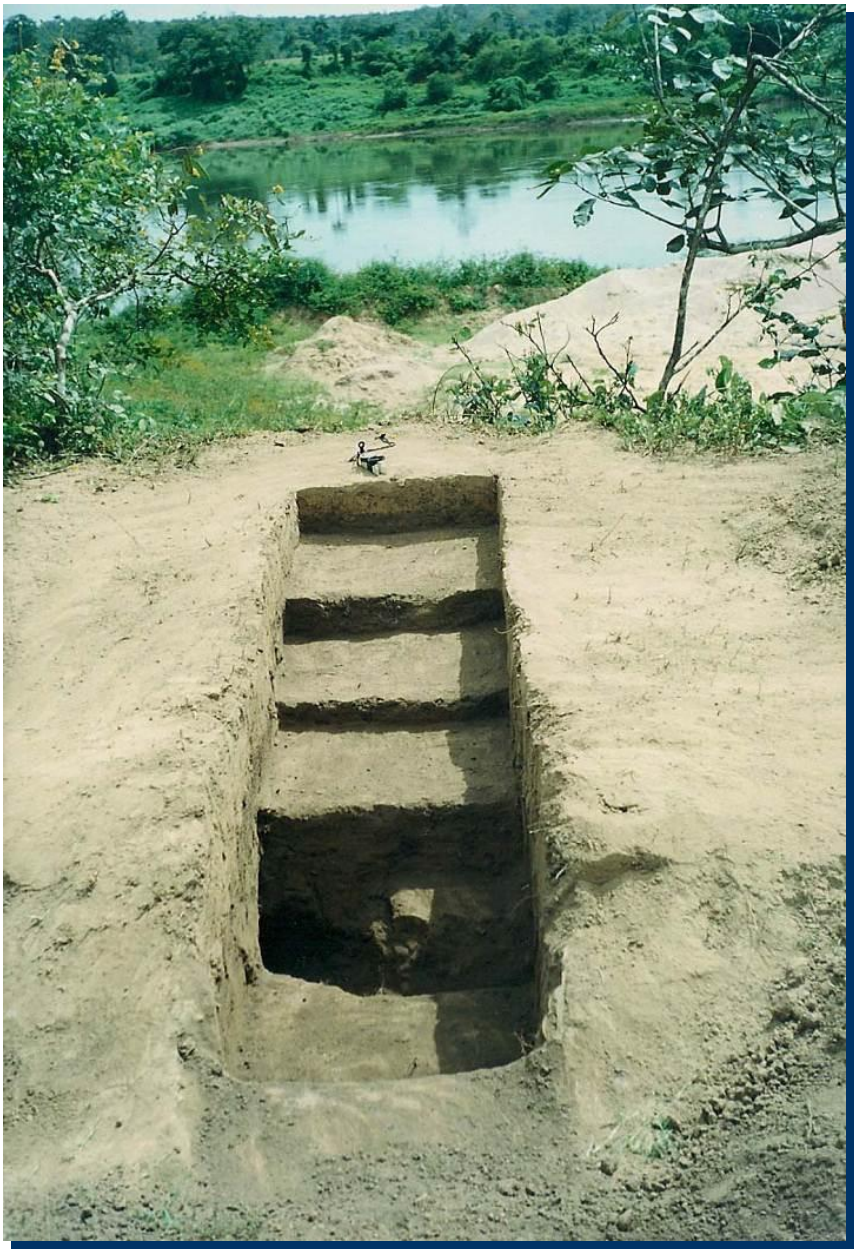


Foto: Rosirene Rodrigues dos Santos

Foto 27 - GO-Ni.231 Sítio Copaíba. Trincheira

O GO-Ni.231 – Sítio Copaíba apresentou em sua coleção material cerâmico e lítico (lascamento em suporte de seixo) dispersos na superfície do terreno.

Foto: Roberto Bucci

Foto 28 - GO-Ni.231 Sítio Copaíba. Perfil.

> Os objetos arqueológicos foram identificados na superfície do solo, dispersos em uma área de 190x170m. Concentravam-se na linha de escoamento que forma vossoroca, e sugere que os objetos devem ter sido transportados por enxurrada. A abertura de uma trincheira na área do sítio, com dimensão de 250x100x80cm, demonstrou ausência de material arqueológico em camada estratificada (PONTIM *et al*., 2000).

O material cerâmico apresentou 68 testemunhos, no entanto a análise só foi realizada em 65 deles, em virtude do processo de remontagem que possibilitou o encaixe de três fragmentos.

A coleção compõe-se por parede (36 fragmentos), parede angular (dois fragmentos), borda (15 fragmentos) e aqueles que não tiveram sua morfologia definida (12 fragmentos) em virtude de seu tamanho reduzido e estado de conservação.

As bordas apresentaram forma direta, em cinco fragmentos, e infletida em dez fragmentos. Quanto ao lábio apresentaram o arredondado (10 fragmentos), o plano (04 fragmentos) e o apontado (01 fragmento) e quanto ao tipo indicaram o simples (13 fragmentos) e o reforçado (02 fragmentos). O atributo tipo de borda caracteriza-se pela espessura da borda em relação à parede.

Não foram identificados fragmentos de base na coleção do sítio Copaíba.

Para a confecção dos vasilhames, utilizou-se o antiplástico caco moído, isoladamente, em 21 fragmentos (32,31%), e o cariapé em um fragmento (1,54%), agregado intencionalmente à pasta, nos demais 43 fragmentos (66,15), não foi verificada a adição desses elementos.

Verificou-se, também agregado à pasta, areia de diferentes granulometrias, com exceção de duas peças que apresentaram uma pasta argilosa.

A espessura da parede indicou maior representatividade no intervalo de 1,1cm a 1,5cm.

O tratamento de superfície identificado foi o alisado, presente na totalidade dos fragmentos.

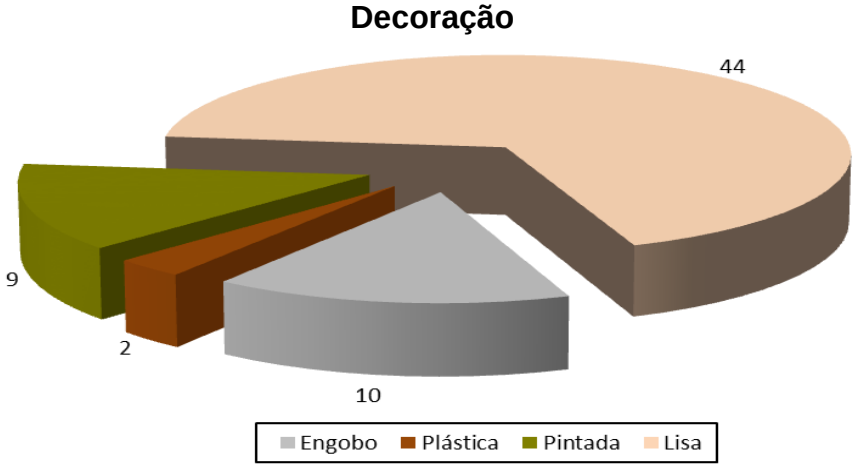
A técnica de manufatura observada na confecção das paredes foi a roletada em 51 fragmentos (78,46%). Nas demais peças, 14 fragmentos (21,54%), não foi identificada à técnica de manufatura devido à fratura irregular, não evidenciando a junção do rolete.

Quanto à queima, a coleção apresentou o tipo completo em 17 fragmentos, e incompleto em 48 fragmentos.

O material cerâmico no decorrer da análise indicou maior representatividade na cor bruno (7.5YR 4/2, 4/3, 5/3, 5/4 e 10YR 5/3), dentre uma gama de nove cores identificadas.

A coleção do GO-Ni.231– Sítio Copaíba apresentou um quantitativo significativo de material decorado (21 fragmentos), correspondendo a 32,3% da amostra.

Nesse contexto foram evidenciadas decoração plástica, engobo e pintura, o gráfico abaixo demonstra a distribuição desses atributos.



A decoração plástica caracterizou-se pelo inciso representado por uma linha contínua, isolado (02 fragmentos) ou associado à pintura (04 fragmentos).

1. A peça apresenta no lábio vestígio de traço na cor bruno-avermelhado (5YR 5/4) e na parede pela sua face externa engobo na cor amarela-avermelhada (7.5YR 7/6) e traços nas cores bruno-avermelhada (5YR 5/4) e preta (5YR 2.5/1).

Foto: Veter Quirino

Foto 29 – Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio apontado. Dimensões: comprimento 3,0 cm e largura 4,0cm

A decoração pintada pode ser dividida em quatro tipos:

Tipo 1: traços sinuosos, de 0,5cm de largura, sobre a face interna da peça. Ocorreu em um fragmento, na cor rosada (7,5YR 7/4).

Foto: Veter Quirino

Foto 30 – Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 5,0cm e largura 5,1cm

Tipo 2: duas faixas pintadas na posição horizontal, sobre o ombro, paralelos à boca do vaso na face externa. Ocorreu, em um fragmento, uma faixa na cor rosada (7.5YR 7/4) e outra na cor avermelhada (10R 4/6). Sobre a faixa de engobo avermelhado aparecem traços na cor rosada. Logo abaixo da borda e entre as duas faixas de cor rosada ocorre uma linha na cor preta (5YR 2.5/1).

Foto: Veter Quirino

Foto 31 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 4,3cm e largura 9,5cm

Tipo 3: superfície coberta por engobo, sobre a qual, foi desenhado um traço contínuo, de largura variando entre 0,2cm e 0,5cm, que contorna o vaso, sobre o lábio e/ou face externa da parede.

Foram registrados três fragmentos, nas cores:

1. Engobo amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6), com vestígio de dois traços, sendo: um próximo ao lábio, e outro sobre a inflexão da borda, de cor avermelhada não identificada a partir do código de cores;

2. Engobo amarelo-avermelhado (7.5YR 7/6), com traço contínuo que contorna o lábio na cor vermelha (10R 4/6);

Foto: Veter Quirino

Foto 32 – Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio plano. Dimensões: comprimento 2,4cm e largura 2,6cm

3. Engobo bruno muito claro-acinzentado (10YR 7/4), com vestígio de traço na face externa da parede, cor bruno-avermelhada (5YR 5/4).

Tipo 4: foi registrado em quatro peças. Compreende motivos mais complexos, onde a superfície foi coberta por engobo em duas faixas, na posição horizontal, que serviram de fundo para o desenho de motivos geométricos compostos por segmentos de retas, traços sinuosos e traços contínuos. A primeira faixa, sobre a borda, apresentou as cores rosada (7.5YR 7/4) ou amarelo-avermelhada (5YR 6/8). A segunda faixa, sobre o ombro do vaso, apresentou cor vermelha (10R 5/8 ou 4/8). Na borda foram realizados traços contínuos contornando o vaso, sobre o lábio e sobre a inflexão da borda, nas cores vermelha (10R 4/8) e/ou preta (5YR 2.5/1). Os motivos sobre o ombro foram executados nas cores rosada (7.5YR 8/4) e preta (5YR 2.5/1). Ou seja, as mesmas empregadas na borda, representando segmento de retas diagonais, algumas vezes unidas pelo vértice, e traços sinuosos. A fratura das peças, imediatamente após o ombro, impediu a visualização completa dos desenhos (PONTIM *et al.,* 2000).

Foto: Veter Quirino

Foto 33 – Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 9,5cm e largura 13,0cm

Foto 34 – Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio plano. Dimensões: comprimento 6,7cm e largura 10,4cm

Foto 35 – Fragmento de borda infletida, tipo reforçada, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 6,3cm e largura 9,0cm

O engobo indicou, segundo o código de Munsell, as cores: na face externa (amarelo-avermelhada - 7.5YR 7/6 e 5YR 6/6, em três peças; bruno muito clara-acinzentada - 10YR 7/4, em uma peça; rosada - 7.5YR 7/4, duas peças) e em ambas as faces (bruno muito clara-acinzentada - 10YR 7/3, em duas peças; vermelha-amarelada - 5YR 5/6, em uma peça e amarela-avermelhada - 7.5YR 7/6, em uma peça).

Apresentando os parâmetros essenciais, tais como diâmetro e ângulo de inclinação, três fragmentos de borda possibilitaram a reconstituição hipotética dos vasilhames, conforme os quadros abaixo (Pranchas 15, 16 e 17).

Quadro 12: Descrição dos atributos da forma a tigela rasa do GO-Ni.231 – Sítio Copaíba

FORMA 1: TIGELA RASA (uma reconstituição)		
ATRIBUTO	Contorno	Simples
	Boca	Ampliada
	Lábio	Arredondado
	Tipo/Forma da Borda	Direta
	Diâmetro	26cm
	Ângulo da parede	50º
	Volume	2,2 litros

Quadro 13: Descrição dos atributos da forma a tigela funda do GO-Ni.231 – Sítio Copaíba

FORMA 2: TIGELA FUNDA (uma reconstituição)		
ATRIBUTO	Contorno	Simples
	Boca	Ampliada
	Lábio	Arredondado
	Tipo/Forma da Borda	Direta
	Diâmetro	8 cm
	Ângulo da parede	75º
	Volume	0,1 litros
FORMA 3: TIGELA FUNDA (uma reconstituição)		
ATRIBUTO	Contorno	Composto
	Boca	Constrita
	Lábio	Arredondado
	Tipo/Forma da Borda	Contraída
	Diâmetro	40 cm
	Ângulo da parede	155º
	Volume	22,4 litros

GO-Ni.231
Sítio Copaíba
Tigela Rasa

GO. Ni. 231
Peças 00.087.052
d = 26cm
V = 2,16 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior

Escala gráfica em cm

0 10 20 30

Prancha 15 - GO-Ni.231 Sítio Copaíba. Tigela rasa

GO-Ni.231
Sítio Copaíba
Tigela Funda

GO. Ni. 231
Peças 00.087.050
d = 8cm
V = 0,14 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior

Escala gráfica em cm

0 **10**

Prancha 16 - GO-Ni.231 Sítio Copaíba. Tigela funda

GO-Ni.231
Sítio Copaíba
Tigela Funda

GO. Ni. 231 Peça 40
Sítio Cipaíba
d = 40cm
V = 22,45 litros

Vista Frontal

Perspectiva

Vista Superior

Escala gráfica em cm

0 10 20 30

Prancha 17- GO-Ni.231 Sítio Copaíba. Tigela funda

4.6. GO-Ni.233 SÍTIO SUMARÉ

O GO-Ni.233 Sítio Sumaré localizava-se na margem direita do rio Maranhão/Tocantins (distante 20m), município de Cavalcante, nas coordenadas UTM E 810.983m/ N8.505.176m (Fuso 22 – Hemisfério Sul), a uma altitude de 300m (Fig. 13).

A topomorfologia local caracterizava-se por amplo terraço fluvial, alçado 20m do nível de base local, representado pelo rio Maranhão/Tocantins.

O solo indicava o tipo aluvionar, com textura argilo-silto-arenosa, compacto, de cor cinza amarelada formado sobre o terraço fluvial. Abaixo desse solo é encontrado um cambissolo de textura argilosa, cor marrom avermelhada, compacto, proveniente do intemperismo do micaxisto do Grupo Paranoá que lhe é subjacente (PONTIM *et al.*, 2000)[14].

A vegetação da área estudada caracterizava-se por duas fitofisionomias do bioma Cerrado, a saber: savana e mata ciliar. A mata ciliar encontrava-se alterada por ação antrópica responsável pela formação dos campos de pastagem e pelo cultivo de mandioca, abóbora, banana, dentre outros.

O GO-Ni.233 Sítio Sumaré apresentou em sua coleção material cerâmico e lítico (representado por objetos lascados) dispersos na superfície do terreno.

Os trabalhos no sítio arqueológico procederam com verificação em subsuperfície, caracterizados por sondagens, cortes de verificação e trincheira. Os materiais foram localizados até 35 cm de profundidade.

A coleção cerâmica compõe-se de 81 testemunhos identificados como parede, borda e base. Morfologicamente os testemunhos de parede indicam um conjunto de 28 fragmentos (50,62%), as bordas de dez fragmentos (12,34%), as bases de dois fragmentos (2,47%) e os demais 28 fragmentos (34,57%), não puderam ser identificados em virtude do desgaste da peça.

[14] O texto relacionado ao contexto de ambientação do sítio arqueológico é parte integrante desse relatório - PONTIM, R. de L.; VAZ, L. J. de M.; CUTRIM, A. B.; FERNANDES, T. S. *Relatório de análise do material cerâmico. GO-Ni.233 - Sítio Sumaré.* PA-SALV-CB, UFG/MA/LabArq, Goiânia, 2000, e foi elaborado pelo Prof. Roberto Luiz Franco Bucci.

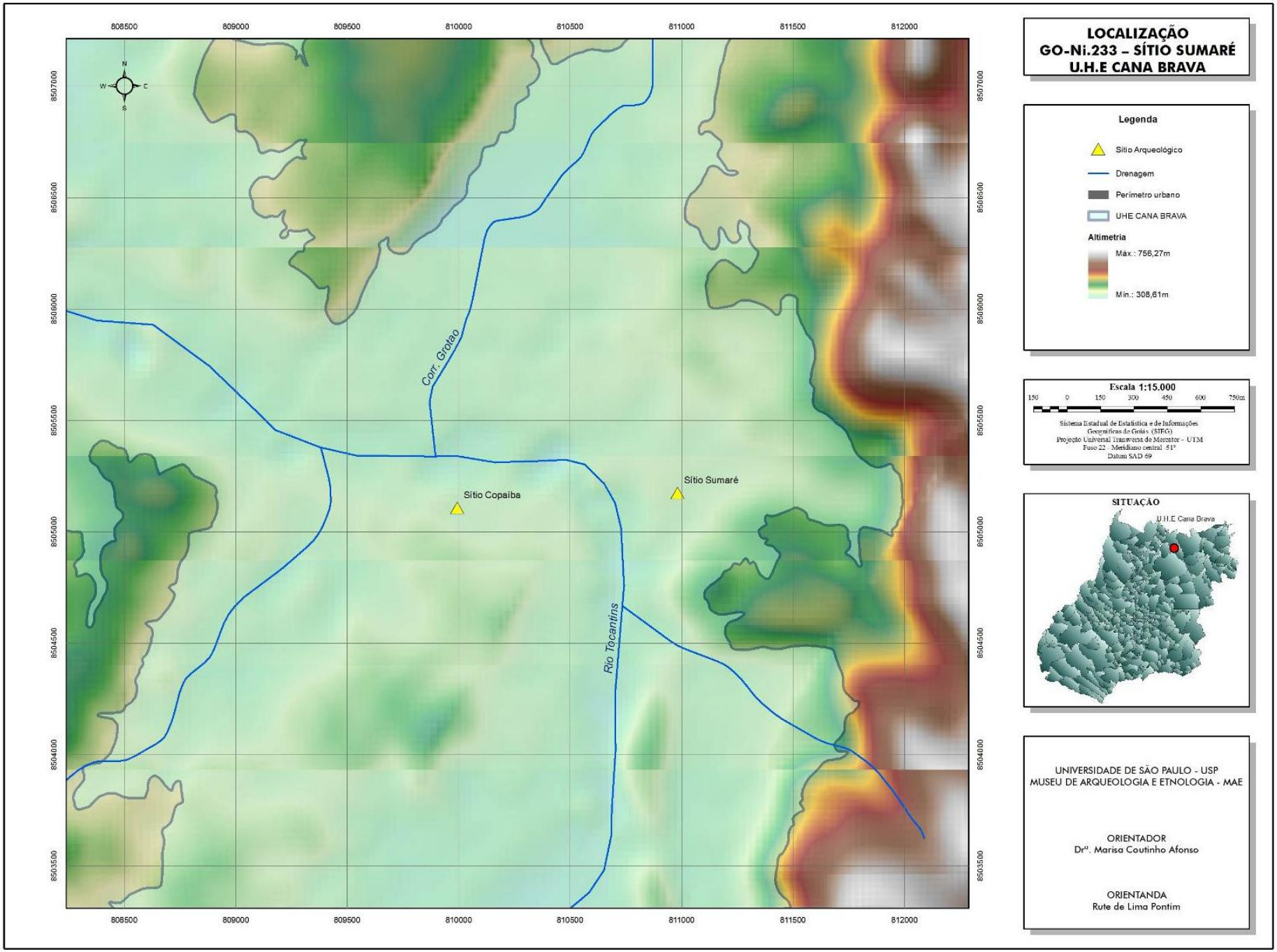


Figura 13 - Localização GO-Ni.233 Sítio Sumaré. UHE Cana Brava. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

Dentre os testemunhos de parede foi verificada a presença de dois fragmentos de parede angular.

As bordas apresentaram forma direta em dois fragmentos (20%), infletida em sete fragmentos (70%) e cambada em um fragmento (10%). Quanto ao lábio apresentaram o arredondado em nove fragmentos (90%) e o biselado em um fragmento (10%). Quanto ao tipo indicaram o simples, na totalidade dos fragmentos.

As bases foram identificadas como convexa e plana.

Para a confecção dos vasilhames utilizou-se o antiplástico caco moído, em 18 fragmentos (22,22%), e o cariapé, em um fragmento (1,23%).

A espessura da parede indicou maior representatividade no intervalo de 1,1cm a 1,5cm.

O tratamento de superfície identificado foi o alisado, presente na totalidade da coleção cerâmica.

A técnica de manufatura observada na confecção das paredes foi a roletada em 37 fragmentos (45,68%). Nas demais peças (44 fragmentos), não foram identificadas a técnica de manufatura devido ao desgaste do material provocado por ação natural e antrópica.

Quanto à queima, a coleção apresentou a predominância do tipo incompleto em 67 fragmentos (82,72%) com presença de núcleo em oposição ao tipo completo presente em 14 fragmentos (17,28%).

Para análise da cor utilizou-se *Munsell Soil Color Charts* (MUNSELL, 1994). O trabalho indicou maior representatividade na cor bruno (7.5YR 4/2, 4/3, 5/3, 5/4 e 10YR 5/3) que ocorreu em 15 fragmentos.

GO-Ni.233 Sítio Sumaré apresentou em sua coleção cerâmica decoração plástica, pintada e engobo.

A decoração plástica foi identificada pela técnica incisa, na face externa em cinco peças. Com exceção de uma peça que apresentou duas linhas incisas, como único elemento decorativo, a demais estavam associada ao engobo.

1. Vestígio com decoração plástica incisa e presença de engobo na cor vermelha (2.5YR 5/6) posicionado na face externa no local da fratura.

Foto: Veter Quirino

Foto 36 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 3,3cm e largura 3,4cm

2. Fragmento de borda com decoração plástica incisa na face externa da peça e presença de vestígio de traço vermelho-escuro (2.5YR 4/6) sobre a decoração incisa e, logo abaixo do lábio, em toda extensão da peça presença de engobo bruno-claro (7.5YR 6/4).

Foto: Veter Quirino

Foto 37 – Fragmento de borda infletida, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 1,8cm e largura 3,2cm

3. Fragmento de borda com decoração plástica incisa na face externa da peça e presença de engobo rosado (7.5YR 7/4 face interna) e vestígios de engobo vermelho (10R 4/8 face externa).

Foto: Veter Quirino

Foto 38 – Fragmento de borda contraída, tipo simples, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 3,3cm e largura 5,6cm

A decoração pintada foi identificada em 11 peças distribuídas em três grupos:

1. Presença, em quatro fragmentos, de uma faixa paralela à borda, registrada nas cores vermelha (10R 4/8) ou bruno-avermelhada (5YR 4/4). Ressaltamos que uma das peças registrou, engobo de cor rosada (5YR 8/4) na face externa da peça.

Foto: Veter Quirino

Foto 39 – Fragmento de borda infletida, tipo reforçada, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 1,6cm e largura 4,1cm

2. Presença, em quatro fragmentos com um traço vermelho (10R 4/6 e 4/8) sobre o lábio e/ou face externa da borda. Duas destas peças apresentaram também um traço vermelho-escuro (2.5YR 4/6) sobre o lábio e um traço vermelho-escuro (2.5YR 4/6) entremeado por dois traços pretos (5YR 2.5/1), posicionados sobre a inflexão da borda.

Foto: Veter Quirino

Foto 40 – Fragmento de borda infletida, tipo infletida, lábio arredondado. Dimensões: comprimento 5,7cm e largura 11,0cm

3. Presença, em três fragmentos, por traços na face externa sobre superfície pintada. Duas destas apresentam evidências de traços rosados (2.5YR 8/3) na face externa sobre engobo vermelho (10R 4/8), enquanto a outra peça apresenta traço preto sobre superfície pintada de bruno-forte (7.5YR 4/6).

Foto: Veter Quirino

Foto 41 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 3,0cm e largura 3,0cm

Foto: Veter Quirino

Foto 42 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 3,4cm e largura 3,5cm

Foram identificados quatro fragmentos com engobo na face externa da parede nas seguintes cores: vermelha-amarelada (5YR 5/6 e 4/6) em duas peças; amarela-avermelhada (7.5YR 7/6) em uma peça; rosada (5YR 8/3) em uma peça.

4.7. GO-Ni.291 SÍTIO MUTAMBA

O GO-Ni.291 Sítio Mutamba (Foto 43) localizava-se na margem esquerda do rio Maranhão/Tocantins, município de Minaçu, nas coordenadas UTM E 809.297m/ N8.480.260m (Fuso 22 Hemisfério Sul), em altitude de 330m (Fig. 14).

Foto: Rosirene Rodrigues dos Santos

Foto 43 - GO-Ni.291 – Sítio Mutamba

A topomorfologia local caracterizava-se por terraço fluvial que compunha o Planalto do Alto Tocantins.

A área do sítio apresentava solo alúvio-coluvial num contexto associado à várzea, lençol de cascalheira e depósito de argila.

A fitofisionomia indicava uma vegetação caracterizada por floresta estacional semidecídua alterada por ações antrópicas, resultantes do processo de implantação de uma sede fazendária, estação climatológica de Furnas, utilização do solo para o cultivo do milho e arroz e a criação de animais de pequeno porte.

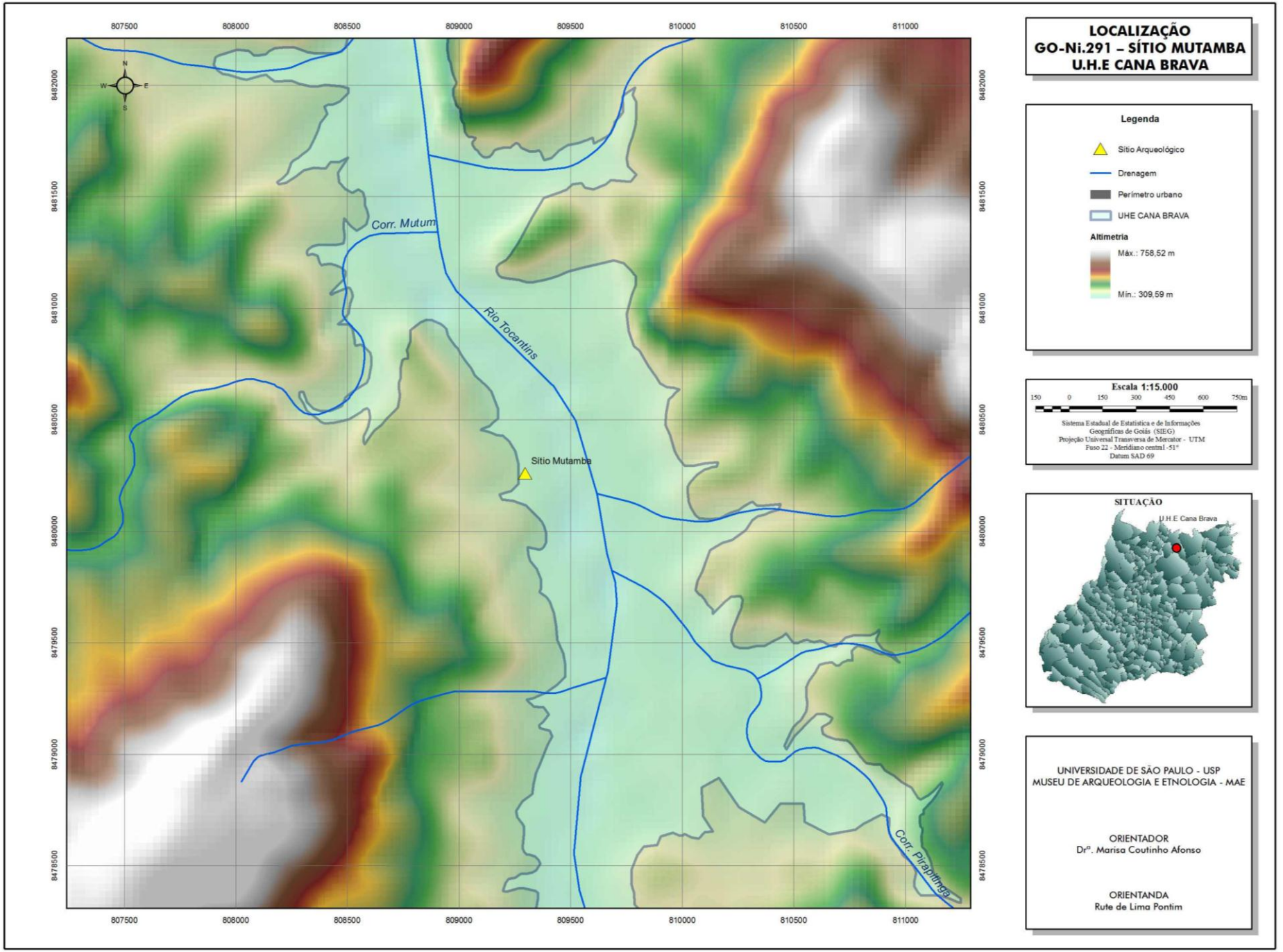


Figura 14 - Localização GO-Ni.291 Sítio Mutamba. UHE Cana Brava. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

O GO-Ni.291 Sítio Mutamba apresenta em sua coleção material cerâmico e lítico (lâmina de machado polido). O resgate dos testemunhos foi realizado por meio da aplicação da técnica de coleta sistemática de superfície.

A coleção compõe-se de 99 fragmentos identificados, morfologicamente, segundo sua classe, em borda (14 fragmentos), parede (82 fragmentos), base (02 fragmentos) e cilindro (01 fragmento).

As bordas foram classificadas a partir dos atributos, forma, tipo e lábio. Quanto à forma foram identificadas três bordas diretas (21,43%) e 11 infletidas (78,57%). Quanto ao tipo em simples (12 fragmentos), expandido (01 fragmento) e reforçado (01 fragmento). Quanto ao lábio, arredondado (09 bordas), apontado (03 bordas), plano (01 borda) e não identificado (01 borda), devido ao processo de desgaste.

As bases observadas indicaram, na totalidade dos fragmentos, o tipo plana.

Na coleção foi identificada uma peça em forma de cilindro, com presença de um furo central atravessando a peça de uma extremidade à outra. Esse testemunho possui diâmetro de 2,2cm.

Desenho: Ludimília Vaz

Desenho 6 – Cilindro

A análise do material indicou presença de cariapé em 13 fragmentos, correspondendo a 13,13% do total do sítio. Foi visualizado, também, agregado à pasta, areia de granulometria grossa (15 fragmentos), média (50 fragmentos) e fina (29 fragmentos). Apesar das diferentes granulometrias observadas, a ausência de areia foi constatada em cinco fragmentos.

A espessura dos vasilhames variou com maior incidência entre dois intervalos que compreende de 0,6cm a 1,0cm (46,46%) e 1,1cm a 1,5cm (47,48%) da amostra.

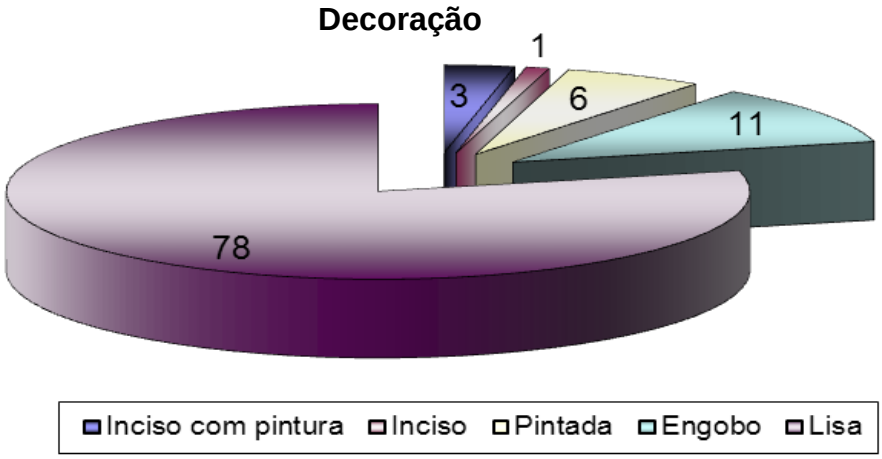
O tratamento de superfície identificado nas faces interna e externa foi o alisado, atingindo a totalidade do material cerâmico.

A técnica de manufatura registrada em 74,75% dos fragmentos foi a roletada. A peça em forma de cilindro foi elaborada pela modelagem. Nos demais, 24,24% dos fragmentos, não foi possível identificar este atributo, devido às fraturas irregulares provocadas nos testemunhos cerâmicos, pelo emprego de maquinário agrícola.

Quanto à queima a coleção apresentou o tipo incompleta em 87 fragmentos (87,88%) e completa em 12 fragmentos (12,12%).

As cores evidenciadas durante a análise do material foram determinadas, segundo o código de Munsell (1994). Apresentaram-se de forma diversificada, em 12 diferentes grupos, com maior representatividade na cor amarela-avermelhada (7.5YR 6/6, 7/6, 7/8).

O GO-Ni.291 Sítio Mutamba apresentou decoração plástica, pintada e engobo. Foram registradas 21 peças com presença de decoração (ver gráfico).



A decoração plástica caracterizou-se, pela técnica incisa isoladamente ou associada à engobo. Isoladamente o inciso foi visualizado na face externa do bojo de uma parede. Associado a engobo pode ser verificado na face externa dos testemunhos.

Verificou-se no testemunho de duas paredes, a primeira com vestígios de engobo nas cores vermelha (10R 4/8) e rosada (5YR 8/4) e a segunda na área de inflexão com vestígios de engobo de cor vermelha (10R 5/6); uma borda com duas linhas incisas, paralelas à boca e vestígio de engobo na cor vermelha (10R 5/8).

Foto: Veter Quirino

Foto 44 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 3,5cm e largura 5,1cm

A decoração pintada foi evidenciada em seis fragmentos:

1. um fragmento de borda com engobo de cor rosada (7.5YR 8/4) cobrindo a face externa da peça até o lado interno do lábio e traço de cor vermelha (10R 4/6) sobre a inflexão da borda;

2. três fragmentos de parede apresentaram engobo de cor rosada (5YR 8/4 e 7.5YR 8/3 e 2.5YR 8/4) com vestígios de traço de cor vermelha (10R 4/8, 5YR 4/6 e 2.5YR 5/6);

Foto: Veter Quirino

Foto 45 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 3,7cm e largura 3,2cm

Foto: Veter Quirino

Foto 46 – Fragmento de parede. Dimensões: comprimento 4,8cm e largura 4,4cm

3. dois fragmentos de parede angular, em um deles presença de duas faixas de cores distintas, na cor rosada (7.5YR 8/3) e na cor vermelha (5YR 4/6). No outro aparecem apenas vestígios nas cores vermelha (10R 4/6) sobre a amarela-avermelhada (5YR 7/6).

Foto: Veter Quirino

Foto 47 – Fragmento de parede angular.
Dimensões: comprimento 2,4cm e largura 4,6cm

Foto: Veter Quirino

Foto 48 – Fragmento de parede angular.
Dimensões: comprimento 2,8cm e largura 4,3cm

O engobo, segundo o código de Munsell (1994), foi observado nas cores: amarela-avermelhada (5YR 7/6 e 7/8) em duas peças, vermelha 10R 4/6, 5/6, 5/8 e 6/8, em quatro peças e rosada (7.5YR 7/4, 8/4 e 5YR 7/8) em quatro fragmentos.

CAPÍTULO V - PENSANDO O TUPI NO PLANALTO DO ALTO TOCANTINS

Os grupos agricultores-ceramistas, filiados à Tradição Tupiguarani, não ocuparam o Brasil Central de forma intensiva. No entanto, favoreceram contatos extragrupais, mantidos com outros grupos já instalados nesse território. De acordo com Robrahn-González (1996, p. 44), os grupos Tupiguarani foram localizados em Goiás "[...] nas porções Sul e Leste, respectivamente nos vales do Paranaíba e São Domingos e classificados nas fases Iporá e São Domingos".

As pesquisas realizadas na área dos empreendimentos hidrelétricos das UHE Serra da Mesa (Fig. 15) e UHE Cana Brava (Fig. 16) forneceram dados arqueológicos que indicam a presença desse grupo na região norte do estado de Goiás.

Destaca-se que, embora nesses empreendimentos tenham sido registrados sítios arqueológicos filiados à Tradição Tupiguarani, eles apresentaram coleções quantitativamente reduzidas se comparadas às provenientes das escavações executadas em sítios filiados às tradições Aratu e Uru, nessa área. Esse fato significa que além de ser reduzida a presença desses grupos, os sítios se caracterizam por menor densidade de vestígios.

Localizados no Alto Tocantins, no Alto e Médio Araguaia e no vale do São Lourenço, os grupos portadores da cerâmica Uru iniciaram um intenso processo de ocupação, a partir dos séculos VIII e IX, remetendo a um contexto bastante diverso e cujos assentamentos, tanto na forma como no processo de implantação, diferenciam daqueles filiados à Tradição Aratu (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996).

As datações mais antigas já registradas para esse grupo encontram-se no vale do Vermelho, século VII ao VIII d.C., chegando ao contato com o colonizador. Para o estado de Goiás, as datações não indicam períodos anteriores ao século XII. Nessa realidade, Robrahn-González (1996, p. 38) sugere que "a ocupação destes ceramistas parece ter iniciado, assim, a Oeste do Araguaia, na porção atualmente abrangida pelo estado do Mato Grosso".

Os contatos extragrupais se desenvolveram de forma estreita não apenas com os grupos filiados a Tradição Aratu, mas também com os grupos filiados a Tradição Tupiguarani.

A cerâmica decorada da Tradição Tupiguarani tem sido registrada no contexto de sítios da Tradição Uru. Essa característica foi detectada nos sítios do Alto Tocantins e em outras porções do Brasil Central por Robrahn-González (1996), remetendo a contatos culturais entre grupos distintos.

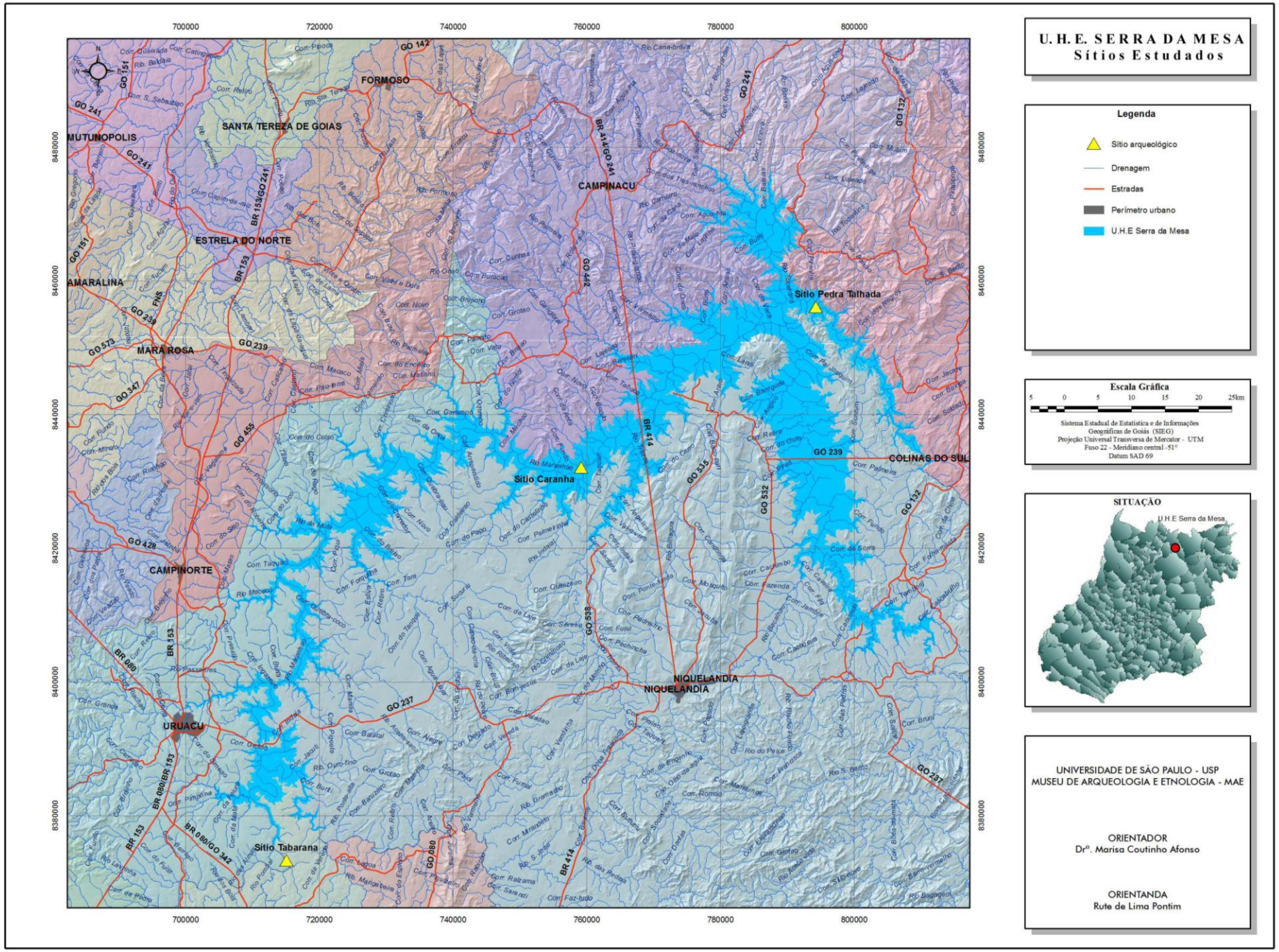


Figura 15 - U.H.E Serra da Mesa. Sítios estudados. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

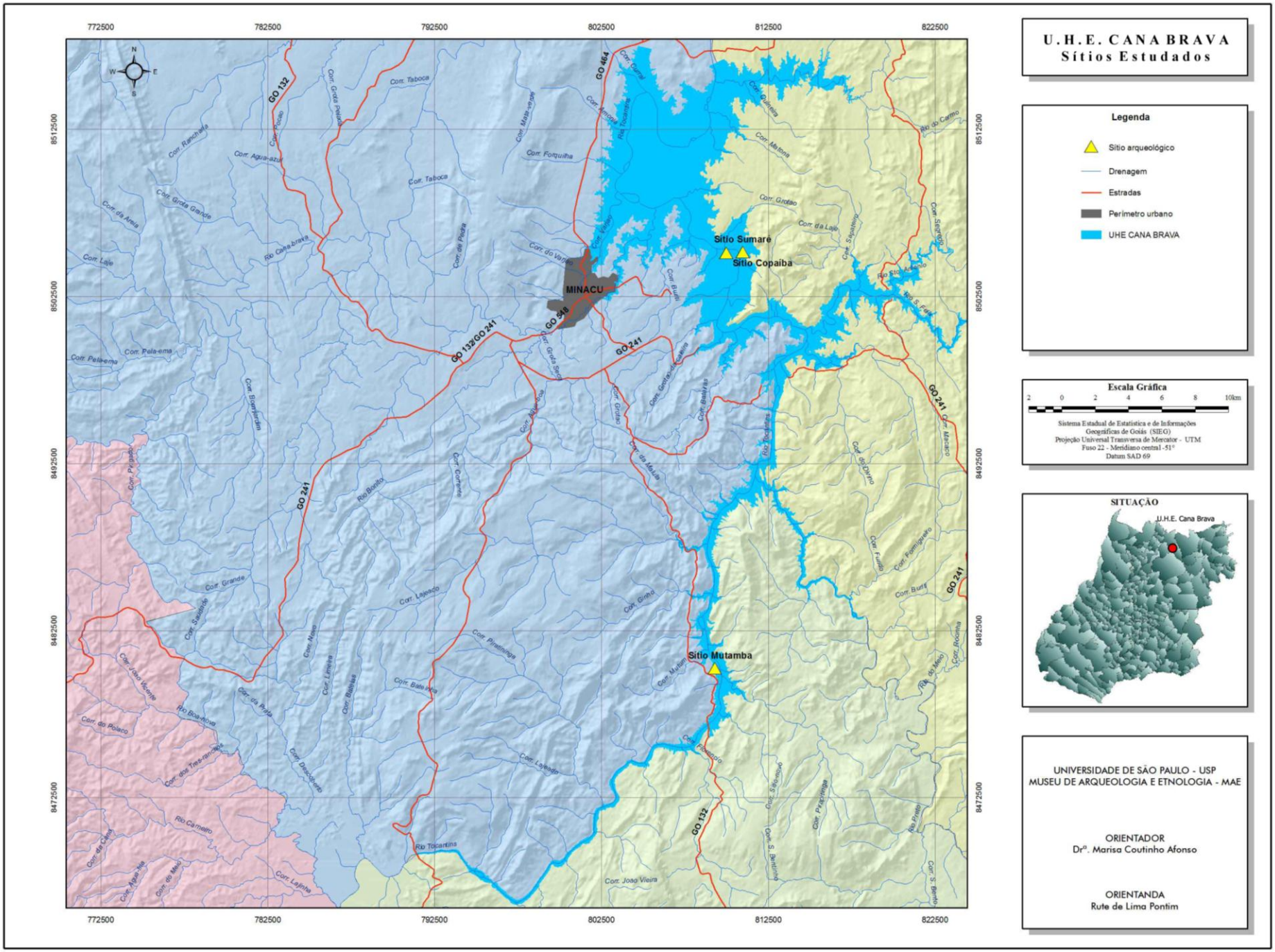


Figura 16 - U.H.E Cana Brava. Sítios estudados. Cartografia: Rogério Sales de Andrade

O estudo cronológico indicou para a área de Serra da Mesa um resultado de 1.089 anos AP, GO-Ni.133 Sítio Bom Jardim, considerada bastante recuada para a Bacia do Alto Rio Tocantins associada aos grupos filiados a Tradição Uru, que passam a se estabelecer no Brasil Central, a partir do século VIII e IX, juntamente com os grupos filiados a Tradição Aratu.

Os grupos filiados a Tradição Aratu representaram a expansão das grandes aldeias anulares por toda a Região Centro-Sul até o limite do vale do Araguaia, Sudeste e Mato Grosso de Goiás, não ocupando as margens de grandes rios. Oscilam entre os séculos IX e XI, mas evidências indicam contato com colonizadores europeus. Embora inincialmente tenham ocupado todo o Centro-Sul de Goiás, entende-se que eles teriam cedido seus limites Norte e Oeste, vales do Tocantins e Araguaia à expansão dos grupos portadores da cerâmica Uru (SCHMITZ *et al*., 1982 *apud* ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996).

O GO-Ni.182 Sítio D'Ouro, resgatado no decorrer do Projeto de Salvamento Arqueológico Pré-Histórico da UHE Serra Mesa, com uma idade que ultrapassa 2.000 AP (MARTINS, 1998a), surge como uma das ocupações mais antigas, filiada à Tradição Aratu para o Planalto Central Brasileiro.

O sítio GO-Ni.182, no contexto ocupacional da região conforme Souza (2003, p. 256)

> poderia significar a expansão dos limites territoriais do grupo estendendo-se do centro-sul ao centro norte, no alto Tocantins, corroborando hipóteses anteriormente levantadas sobre os limites territoriais de ocupação dos grupos Aratu. Este fato também contribui para a hipótese de deslocamentos da Amazônia para o Brasil Central, seguindo para Minas Gerais e norte de São Paulo, devendo, portanto, existir sítios mais antigos da Tradição Aratu no Centro-Norte de Goiás, conforme discussões apresentadas por Schmitz *et al*. (1982) e Robrahn-González (1996).

Até então, para o estado de Goiás, tinha-se o Sítio GO-Ca.02, com uma datação de 171 anos d.C., caracterizando um registro isolado para os grupos portadores da cerâmica Aratu, já que para o Brasil Central a maior incidência de datações relacionadas a esses grupos varia entre os séculos IX e XI. No entanto, esse dado contribuía de forma significativa para fortalecer hipóteses de uma rota migratória na direção Oeste/Leste, já que no estado de Minas Gerais os sítios

arqueológicos apresentavam datações a partir do século XI (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996).

Embora não seja possível afirmar sua origem pode-se reconhecer, pelas evidências, um provável surgimento da Tradição Aratu por volta dos primeiros séculos da era cristã, permanecendo no Planalto Central Brasileiro até o contato com o colonizador.

Prous (1992, p. 349-350) destaca que "as relações foram particularmente intensas com os grupos 'Urus', de quem receberam, nas zonas fronteiriças, o costume de utilizar um antiplástico vegetal (cariapé) e o de fazer farinha de mandioca, como sugere a existência de pratos assadores".

Nesse contexto, alguns sítios trabalhados por Schmitz (GO-Ni.21 e GO-Ni.34) apresentaram "[...] tecnologias Aratu e Uru em concentrações distintas ou justapostas nas mesmas concentrações" (SCHMITZ et al., 1982 apud ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996, p. 35).

A partir dos trabalhos de levantamento e resgate dos sítios arqueológicos na área dos empreendimentos das UHE Serra da Mesa e UHE Cana Brava, constatou-se entre os sítios filiados à Tradição Uru uma ocupação de forma mais intensa. Essa afirmativa decorre, do registro dos sítios: GO-Ni.213 Sítio Mapará, GO-Ni.216 Sítio Jacundá, GO-Ni.152 Sítio Toqueiro, GO-Ni.229 Sítio Carapiá, GO-Ni.230 Sítio Ipê Roxo, GO-Ni.234 Sítio Figueira, GO-Ni.242 Sítio Tucum e GO-Ni.245 Sítio Tingui (1240±200 AP, 1040±100 AP, 850±50 AP, 540±40 AP).

Em relação aos sítios filiados a tradição Aratu para a área dos empreendimentos supracitados temos: GO-Ni.1733 Sítio Tamboril (566 AP), GO-Ni.202 Sítio Piracanjuba (792 AP, 615 AP, 522 AP, 441 AP).

Ressaltamos que dentre os sítios resgatados alguns deles apresentaram presença de materiais misturados, são eles: GO-Ni.222 Sítio Acácia (Uru/Aratu), GO-Ni.225 Sítio Angico (Uru/Aratu), GO-Ni.238 Sítio Pau-Brasil (Uru/Aratu - 1450±150 AP), GO-Ni.248 Sítio Murici (Uru/cerâmica intrusiva Tupiguarani), GO-Ni.249 Sítio Chichá (Uru/cerâmica intrusiva Tupiguarani).

Relacionados a Tradição Tupigurani temos o registro dos sítios: GO-Ni. 186 Sítio Corró, GO-Ni.194 Sítio Piratinga (678 AP), GO-Ni.127 Sítio Dourado (507 AP), GO-Ni.226 Sítio Orquídea, GO-Ni.235 Sítio Cajá, GO-Ni.237 Sítio Peroba, GO-Ni.239 Sítio Garapa.

Os dados cronológicos obtidos para a área vem corroborar a incidência dos grupos filiados a Tradição Tupiguarani no cenário de ocupação da área de Serra da Mesa, desde o século IX d.C.

Convém salientar, pelos dados consultados, que boa parcela dos sítios arqueológicos registrados na Bacia do Alto Rio Tocantins, destacando-se os de natureza lito-cerâmica, estão situados a céu aberto, localizados em superfície, quando em profundidade alcançam em média trinta centímetros. Esse contexto deposicional expõe os materiais arqueológicos, na maioria das vezes, ao intemperismo físico-químico, dificultando as análises especializadas, caso das datações.

A partir dos dados e fazendo uma relação de como esse espaço geográfico vai sendo ocupado por esses grupos, a reflexão que Pedroso (1994) faz com relação ao grupo Ava-Canoeiro se encaixa no padrão de assentamento observado nesses sítios. A autora coloca que os grupos “Jês adaptados ao cerrado deixavam as áreas de mata galeria que margeiam o rio Tocantins mais livres”. Áreas estas ocupada pelo grupo Tupi.

Verificamos ainda, na amostra trabalhada a presença de um padrão em relação à implantação dos assentamentos, todos os sítios estavam localizados próximos a calha do Rio Tocantins ou tributário de grande porte, como o rio Tocantinzinho. Distantes em média 50m, vem corroborar a colocação de Schmitz e Barbosa (1995), quando detectam a presença desses assentamentos próximos ao rio.

O Sítio Abrigo Pedra Talhada localizava-se em uma área com terraços fluviais escalonados, ambiente propício a assentamentos por um período de tempo que possa estar vinculado a períodos de recorrência de inundações da Bacia do Rio Tocantins.

O Sítio Caranha caracterizava-se por uma planície de inundação atual/subatual resultante da destruição do terraço aluvial pela mineração, ação antrópica e erosão fluvial. O material encontrado nesse sítio foi localizado em superfície na planície de inundação. Possivelmente tenha sido retirado de um sítio localizado a montante, provavelmente em consequência da dinâmica fluvial, hipótese corroborada pela ausência de testemunhos arqueológicos no terraço e pelas inundações anuais da planície de inundação.

O Sítio Tabarana foi localizado em um lajedo as margens do rio, sujeito a inundação no período de cheia. Dessa forma, se essa área sofre frequentes inundações o material arqueológico possivelmente pode ter sido transportado. Entretanto pode tratar-se da utilização dos cascalhos do depósito residual do canal. Nesse sentido, apresenta as mesmas características do Sítio Caranha no processo transporte e deposição do material arqueológico.

O Sítio Copaíba encontrava-se em terraço fluvial recuado em 65m da posição original em consequência da atividade mineradora. O material arqueológico foi encontrado no corte do terraço (barranco), no entanto, como o terraço sofreu um processo de erosão/antropização não é possível descartar a contribuição destes processos na distribuição horizontal e vertical desses vestígios culturais.

O Sítio Sumaré localizava-se na margem oposta ao Sítio Copaíba em terraço fluvial propriamente dito, onde se alternam fácies sedimentares de areia fina e argila, provavelmente resultante das inundações esporádicas do rio Maranhão/Tocantins.

O Sítio Mutamba caracterizava-se por um amplo terraço fluvial, alterado por ações antrópicas.

Vale trazer para a discussão que essa proximidade do rio dava aos assentamentos uma característica de mobilidade em virtude da proximidade da calha, neste caso de um rio de grande porte como o rio Maranhão/Tocantins apto à navegabilidade. Enfatizamos mais uma vez a colocação de Schmitz e Barbosa (1995), que provavelmente esses rios fossem utilizados para o deslocamento. Nesse sentido pode-se discutir para área um possível padrão de assentamento em virtude da incidência com que se repete.

O GO-Ni.176 Sítio Abrigo Pedra Talhada apresenta o mesmo padrão de assentamento estudado por Schmitz e Barbosa (1985) denominado pelos autores como fase São Domingos, localizado no oeste da Serra Geral, na vertente do rio Paranã. Ambos os assentamentos foram localizados num sopé de um maciço calcário, às margens de um rio e cuja área foi utilizada para a realização de sepultamento.

O GO-Ni.176 Sítio Abrigo Pedra Talhada permitiu identificar dentre os elementos cerâmicos, parede, borda (direta, infletida, contraída e cambada; tipo simples e reforçado; lábio arredondado, plano, apontado e biselado e presença de um apêndice sobre o lábio), base (plana e convexa – com predomínio das bases

plana sobre as convexas), parede angular, borda com furo de suspensão e parede com furo de suspensão. Dentre as características dos diversos processos técnicos identificamos a presença do antiplástico cariapé e caco moído na composição da pasta. Quanto à decoração verificou-se o engobo (laranja, vermelho e branco), a pintura (presença de linhas, faixas e triângulos) e a decoração plástica (inciso, entalhe, escovado, impressão de trançado e dobras). Os vasilhames, agrupados de acordo com sua forma, indicaram a presença de tigela rasa (contorno simples e complexo), tigela funda (contorno simples) e vaso profundo (contorno infletido).

O material cerâmico do O GO-Ni.188 Sítio Caranha indicou parede, borda (direta, infletida e contraída; tipo simples e reforçada; lábio apontado e arredondado), base (plana), rolete de confecção e parede angular. Vasilhames de contorno simples e complexo (tigela rasa, tigela funda) em maior proporção que aqueles de contorno infletido (vaso profundo). Não verificou-se a presença de antiplástico no preparo da argila. Como decoração constata-se a presença de engobo amarelo-avermelhado, decoração plástica (inciso) e pintura (faixas) associada a incisão.

O material cerâmico resgatado, parte integrante da coleção do GO-Ni.206 Sítio Tabarana caracteriza-se pela presença de parede, borda (direta, infletida e contraída; tipo simples e reforçado; lábio arredondado, plano, apontado e biselado), base (plana e convexa), parede angular e bolota de argila. Os testemunhos cerâmicos indicaram na sua totalidade vasilhames de contorno direto (tigela rasa e tigela funda). Quanto ao antiplástico observou-se o cariapé e cerâmica moída. Observou-se, em relação a decoração presença de engobo e decoração plástica do tipo escovado, inciso e ungulado associado ao inciso.

Convém salientar que o GO-Ni.206 Sítio Tabarana não apresenta material pintado, apenas engobo e decoração plástica, o que o diferencia dos demais sítios em que a incidência de material pintado se sobrepõe ao material com decoração plástica. A presença de decoração plástica é bem marcada nos sítios localizados pela região Centro-Leste de Goiás. Enquanto que o material com pintura apesenta maior incidência na região norte do estado de Goiás.

A análise do GO-Ni.231 Sítio Copaíba, quanto ao material cerâmico, apresentou parede, parede angular e borda (direta e infletida; tipo simples e reforçada; lábio arredondado, plano e apontado). Destaca-se, entre os atributos, o uso da argila composta por areia, cariapé e cerâmica moída. Os vasilhames

indicaram a presença de tigela rasa de contorno simples e tigela funda de contorno simples e composto. Observou-se, quanto a decoração, engobo, pintura (traço contínuo, traço sinuoso e faixa) e decoração plástica (inciso).

O material cerâmico do GO-Ni.233 Sítio Sumaré compõe-se de parede, parede angular, borda (infletida e cambada; tipo simples; lábio arredondado e biselado) e base (plana e convexa). Quanto ao antiplástico verificou-se a presença de cariapé e cerâmica moída. Esses testemunhos apresentaram em relação a decoração, engobo, pintura (traço e faixa) e decoração plástica (inciso).

O GO-Ni.291 Sítio Mutamba, reuni em sua coleção testemunhos de parede, borda (direta e infletida; tipo simples, expandido e reforçado; lábio arredondado, apontado e plano), base (plana) e cilindro (com furo central no meio). O material cerâmico apresentou cariapé como elemento agregado à argila. A decoração do material foi feita por meio da técnica incisa (decoração plástica), pintura (traço e faixa) e engobo.

A grande quantidade de bases planas, e evidências de antiplástico cariapé, parte integrante das coleções estudadas, pode estar relacionado a um processo de adoção de elementos externos, demonstrando a interação cultural entre os grupos filiados a Tradição Tupiguarani e Uru.

Essa área não se caracteriza como única no que diz respeito aos processos de interação cultural, ocorrido em períodos pré-coloniais. Esses contatos, provavelmente, aconteceram em todo o Brasil Central e com intensidade. As questões discutidas nesta pesquisa tiveram o propósito de contribuir para uma melhor caracterização da Bacia do Alto Tocantins. No entanto, deve-se lembrar de que, mesmo com as informações ora divulgadas, a Bacia do Alto Rio Tocantins requer mais estudos, de resultados de novas análises e novas abordagens em virtude do rico potencial arqueológico nela identificado e dos vários projetos de pesquisas executados ao longo de quase duas décadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. O. de. *O Complexo Tupi da Amazônia Oriental*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ANDREATTA, M. D. *Padrões de povoamento em pré-história goiana:* análise de sítio tipo. 1982. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

ATAÍDES, J. M. de. *Sob o signo da violência*: colonizadores e Kayapó do Sul no Brasil Central. Goiânia: Ed. UCG, 1998.

AZEVEDO NETTO, C. X. Horticultores do Cerrado: as relações de proximidade. *Revista de Divulgação Científica*/Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia: UCG, v. 3, p. 91-113, 1999.

BARBOSA, A. S. *Andarilhos da claridade*: os primeiro habitantes do cerrado. Instituto do Trópico Subúmido. Goiânia: UCG, 2002.

BARRETO, C. A Construção de um Passado Pré-Colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista da USP*. São Paulo: USP, n. 44, p.32-51, dez. /fev. 1999-2000.

BROCHADO, J. P. *An Ecological Model of The Sprad of Pottery and Agriculture Into Eastern South America.* University of Illinois, 1984. (PhD Thesis).

BROCHADO, J. P. A expansão dos Tupi e cerâmica da Tradição Policrômica Amazônica. *Dédalo* 27: 65-82, 1989.

CAMPBELL, L. *Historical linguistics*. Edinburgh University Press. Edimburgo, 1998.

CRIADO BOADO, F. Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje. *Capa 6,* Santiago de Compostela, Abril 1999.

FACCIO, N. B. *Estudo do Sítio Arqueológico Alvim no contexto do Projeto Paranapanema.* 1992. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

FACCIO, N. B.; SOUZA, M. de L.; VAZ, L. J. de M.; SANTOS, R. R Subprograma Materiais Arqueológicos: cerâmica – In: . MARTINS, D. C. (Coord.) *Relatório Conclusivo do PA-SALV-SM, UFG*. Goiânia: UFG/MA, 1998. v.4.

FERNANDES, F. *A Organização Social dos Tupinambá*. São Paulo: HUCITEC/ UNB, 1989.

HECKENBERGER, M. J.; NEVES, E. G.; PETERSEN, J. B. De onde surgem os modelos? As origens e expansões Tupi na Amazônia Central. *Revista de Antropologia*. Vol.41 n.1 São Paulo, 1998.

MARTINS, D. C. (Coord.). *Relatório Conclusivo do PA-SALV-SM, UFG.* Goiânia: UFG/MA, 1998a. 13 volumes.

MARTINS, D. C. (Coord.) Introdução. In: *Relatório Conclusivo do PA-SALV-SM, UFG*. Goiânia: UFG/MA, 1998b. v. 1.

MARTINS, D. C. *Arqueologia da Serra da Mesa:* planejamento, gestão e resultados de um planejamento de salvamento arqueológico. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

MARTINS, D. C. (Coord.) *Projeto de salvamento arqueológico da UHE Cana Brava, estado de Goiás, Brasil.* Goiânia: UFG/MA, 2001.

MARTINS, D. C. *Arqueologia do Alto Rio Tocantins.* Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira 13.: 2005: Campo Grande, MS. Anais. XIII Congresso da SAB: arqueologia, patrimônio e Turismo. – Campo Grande, MS: Ed. Oeste, 2005. 1 disco a laser para computador: il. Col.;4 3/4 pol.

MARTINS, D. C.; BURJACK, M. I. A. *Projeto de Salvamento Arqueológico da UHE - Serra da Mesa* - Goiânia: UFG/MA, 1994.

MENDONÇA DE ZOUZA, A. *Dicionário de arqueologia.* Rio de Janeiro: ADESA, 1997.

MONTICELLI, G. O Céu é o limite*:* como extrapolar as formas rígidas da cerâmica Guarani. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, *Ciências Humanas*, Belém, v. 2, n. 1, p. 105-115, jan./abr. 2007.

MORAIS, J. L. Arqueologia da Região Sudeste. *Revista USP.* São Paulo:USP, n. 44, p.194 – 217, dez./fev. 1999-2000.

MORAIS, J. L. Arqueologias do Brasil. In: *Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó*. Museu de Arqueologia de Xingó, mar. 2003.

MORAIS, J. L. *Resgate e inclusão social do patrimônio arqueológico da área de influência da UHE Ourinhos, Rio Paranapanema - SP/PR.* Relatório Técnico. São Paulo, Projeto Paranapanema, 2006.

MORAIS, J. L.; BUCCI, R. L. F.; REIS, E. J. F. Subprograma Geoarqueologia – In: MARTINS, D. C. (Coord.). *Relatório Conclusivo do PA-SALV-SM, UFG*. Goiânia: UFG/MA, 1998. v.3.

MORALES, W. F. *Brasil Central:* 12.000 anos de ocupação no médio curso do Rio Tocantins, TO. São Paulo: Annablume; Porto Seguro, BA: Acervo - Centro de Referência em Patrimônio e Pesquisa, 2008.

NEIVA, A. T. da S. *Introdução à Antropologia Goiana.* Goiânia: O Popular, 1986.

NOELLI, F. da S. José Proenza Brochado, vida acadêmica e arqueologia Tupi. In: PROUS, A.; LIMA, T. A. (Org.). *Os ceramistas tupiguarani*. 1ª. ed. Belo Horizonte: IPHAN/Sigma, 2008. v. 1 de 3.

OLIVEIRA, E. R. de. *Aspectos da interação cultural entre os grupos ceramistas pré-coloniais do médio curso do rio Tocantins*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, J. E.; VIANA, S. A. O Centro-Oeste antes de Cabral. *Revista USP,* São Paulo, n. 44, p. 142-189, dez./fev. 1999–2000.

PEDROSO, D. M. R. *O Povo Invisível:* a história dos Avá-Canoeiros nos séculos XVIII e XIX. Goiânia: UCG, 1994.

PEDROSO, D. M. R. Avá-Canoeiro. In: MOURA, M. C O de (Coord.). *Índios de Goiás*: uma perspectiva histórico-cultural. Goiânia: Ed UCG/ Ed. Vieira/ Ed. Kelps, 2006.

PONTIM, R. de L.; VAZ, L. J. de M.; CUTRIM, A. B.; FERNANDES, T. S. *Relatório de análise do material cerâmico. GO-Ni.231 - Sítio Copaíba.* PA-SALV-CB, UFG/MA/LabArq, Goiânia, 2000.

PONTIM, R. de L.; VAZ, L. J. de M.; CUTRIM, A. B.; FERNANDES, T. S. *Relatório de análise do material cerâmico. GO-Ni.233 - Sítio Sumaré*. PA-SALV-CB, UFG/MA/LabArq, Goiânia, 2000.

PONTIM, R. de L.; VAZ, L. J. de M. *Relatório Final do Projeto de Levantamento e Prospecção Arqueológica da Linha de Transmissão 230Kv Itapaci, município de Barro Alto, estado de Goiás.* Goiânia, 2009.

PROJETO RADAMBRASIL, v.25. *Folha SD – 22- Goiás* – Rio de Janeiro, 1981.

PROJETO RADAMBRASIL, v.29. *Folha SD – 23- Brasília* – Rio de Janeiro, 1982.

PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UnB, 1992.

ROBERTS, B. K. Landscape archaeology. In: WAGSTAFF, J. M. (ed.) *Landscape & Culture*. Geographical & Archaeological Perspectives. Basil Blackwell, New York, 1987. p. 77-95.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. *Projeto Paranapanema:* a ocupação pré-colonial de grupos ceramistas. São Paulo: MAE/USP, 1991.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. *A Ocupação Ceramista Pré-Colonial do Brasil Central:* origens e desenvolvimento. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. *O estudo de interação cultural em arqueologia***.** *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia,* São Paulo, suplemento 3, p. 31-34, 1999.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. As Aldeias Circulares do Brasil Central. In: *BRASIL 50 Mil Anos*: uma viagem ao passado pré-colonial. São Paulo: Edusp/Museu de Arqueologia e Etnologia/ Universidade de São Paulo, 2001.

RODRIGUES, A. D. Hipótese sobre as migrações dos três subconjuntos meridionais da família Tupi-Guarani. *II Congresso Nacional da ABRALIN* e *XIV Instituto Linguístico*: 1596-1605. Florianópolis: Associação Brasileira de Linguística, 2000.

SCHMITZ, P. I. Arqueologia de Goiás: sequência cultural e datações de C14. *Anuário de Divulgação Científica.* Goiânia, 1976-1977.

SCHMITZ, P. I. *Caçadores e coletores antigos no Sudoeste, Centro-Oeste e Nordeste do Brasil.* São Leopoldo: IAP-Unissinos, 1984.

SCHMITZ, P. I. Caçadores-coletores do Sul do Brasil. In: TENÓRIO, M. C. (Org.). *Pré-História da Terra Brasilis.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. p. 89-100.

SCHMITZ, P. I.; WÜST, I.; COPÉ, S. M.; THIES, U. M. E. Arqueologia do centro-sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil. *Pesquisas* São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1982. (Série Antropologia, n. 33).

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S. *Horticultores Pré-Históricos do Estado de Goiás*. Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo, 1985.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; JACOBUS, A. L. RIBEIRO, M. B. Arqueologia nos cerrados do Brasil Central – Serranópolis I. *Pesquisas.* São Leopoldo, 1989. (Série Antropologia, n. 44).

SCHMITZ, P. I.; SILVA, F. A.; BEBER, M. V. *Arqueologia nos cerrados do Brasil Central – Serranópolis II*. As pintura e gravuras dos abrigos. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisa/Unissinos, 1997.

SCHMITZ, P. I. ; ROSA, A. O.; BITENCOURT, A. L. V. *Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central – Serranópolis III.* São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisa/Unissinos, 2004.

SOUZA, M. de L. Estudo de sítios pré-coloniais na bacia do Rio Tocantins: análise arqueológica. 2003. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

WÜST, I. *Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás:* Tentativa de análise espacial.1983. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

WÜST, I. *Continuidade e Mudança:* para uma interpretação dos grupos pré-coloniais na Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

FONTES ELETRÔNICAS

ARQUEOWEB

http://www.ucm.es/info/arqueoweb-7(2)sept./dic.2005

CRIADO BOADO, F. *Presentación del laboratorio de arqueología da paisaje del IEGPS (y otras cosas)*, 2005.

OBSERVATORI DEL PAISATGE

http://www.catpaisatge.net

MARTÍNEZ DE PISÓN, E. Significado cultural del paisaje. In: *Les estètiques del paisatge.* I Seminario Internacional sobre Paisatge. CUIMPB – Centro Ernest Lluch, 2003.

ADVANCES IN NATIVE SOUTH AMERICAN HISTORICAL LINGUISTICS

http://52ica.etnolinguistica.org/mello

MELLO, A. S.; KNEIP, A. Evidências linguísticas que apontam para a origem dos povos Tupi-Guarani no leste amazônico. In: *52° Congresso Internacional de Americanistas*, 2006.